Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23335 DIRECTOR MÁRIO MESQUITA DIRECTORA ADJUNTA DIANA ANDRINGA SEXTA-FEIRA 28 SETEMBRO 90 70$00

Murteira Nabo substitui Melancia

Soares acabou por demitir o homem que não nasceu ontem

Perante a acusação de «corrupção passiva» feita pela Procuradoria-Geral da República o governador de Macau pediu «dispensa de funções», e Mário Soares demitiu-o Pág. 6

Reuter

Ben Bella após a sua chegada a Argel, onde voltou com Otelo, findos nove anos de exílio

EDITORIAL

Carta aos leitores do «DL»

Carta de despedida, caro leitor, despedida de quem parte e sabe que deixa incompleto o trabalho que se propunha executar. Mas também, caro leitor, despedida de quem parte de consciência tranquila e de cabeça erguida, de quem julga que cumpriu, de forma séria, competente e inovadora, o projecto definido e o contrato celebrado.

Aceitámos, sem ilusões, mas com determinação e esperança, o desafio de renovar o «*Diário de Lisboa*». Sem ilusões, não só porque o jornal partia de um patamar muito baixo em termo de difusão, mas também porque uma das constantes da Imprensa portuguesa na década de 80 foi o declínio dos vespertinos de Lisboa.

Num relatório efectuado em 1986, para um projecto das Comunidades Europeias, um de nós escreveu:

«No início da década de 70, os vespertinos representavam 35 por cento da tiragem global da Imprensa diária; atingiram o auge em 1974, ano em que a sua tiragem correspondeu a 39 por cento dos quotidianos portugueses; de 1978 a 1984 (21 por cento) a respectiva influência diminuiu consideravelmente, atingindo em 1981 (16 por cento) o seu ponto mais baixo.

Que explicações para esta aparente decadência da Imprensa vespertina? Convém recordar, antes de mais, que, no início da década de 70 (1971-1974), os vespertinos de Lisboa desempenhavam papel diferente do actual. O «República» e o «Diário de Lisboa» eram os jornais políticos por excelência e detinham, a nível da Imprensa diária, o quase monopólio da contestação (possível) ao regime. Eram, por assim dizer, os quality papers *dessa época, enquanto o «Diário Popular», numa aposta vincadamente comercial, se dirigia a um público mais vasto e menos elitista, atingindo tiragens elevadas, em concorrência com a (então) jovem «A Capital», seduzida pelo exemplo dos tabloides britânicos.*

Após o 25 de Abril, o panorama modificou-se radicalmente. O «República» deixou de se publicar, na sequência do conflito de 1975; o «Diário de Lisboa», que tinha sido, durante a ditadura, um forum aberto a toda a oposição, criou uma imagem demasiado radical, que provocou o afastamento de parte considerável dos seus leitores tradicionais; o «Diário Popular», integrado no sector público, hiperpolitizou-se nos primeiros anos a seguir à Revolução e afastou-se da vocação popularuncha implícita no título; «A Capital», também estatizada, comportou-se com assinalável estabilidade, ao longo das perturbações pós-revoluções, mas só nos anos 80 retomou, sem subterfúgios, a tendência popular».

Aceitamos, portanto, o desafio, com perfeita consciência do risco que corríamos. Sabíamos ao que vínhamos: os ritmos e os espaços da vida urbana mudaram e levaram, em países como os Estados Unidos, ao desaparecimento de muitos vespertinos, e há quem deduza daí conclusões catastróficas para os vespertinos em Portugal. Não éramos, nem somos, tão pessimistas: as condições e os hábitos de vida no nosso País são diversos dos da América do Norte. Julgamos que há espaço para vespertinos - e, naturalmente, para um vespertino chamado «Diário de Lisboa», ou seja, um jornal dirigido a um público mais restrito e mais exigente do que os seus concorrentes populares.

Mário Mesquita e Diana Andringa

Continua na pág. 12

Otelo causa polémica na Argélia

Ben Bella e o líder da Frente das Forças Socialistas (FFS), Hocine Ait Ahmed, consideraram Otelo Saraiva de Carvalho (que acompanhou o ex-Presidente argelino na sua viagem de regresso à Argélia) como «um símbolo grande de libertador do povo português». Esta afirmação, feita no cais de Argel, não deixou de causar alguma polémica, na medida em que, para os sociais democratas e centristas nacionais, Otelo «já não tem hoje para os argelinos o mesmo significado político de libertador da ditadura em Portugal». Entretanto políticos marroquinos manifestaram-se inquietos com este regresso, sobretudo pelas posições que Ben Bella possa tomar em relação ao Sara Ocidental. Pág. 10

Olá, avó: viva o rock!

Amanhã, Estádio José Alvalade, à noite, actua uma força da natureza: Tina Turner. Um ritmo que vem dos anos 60 - e que é, agora, um pouco da história de três décadas da **soul**, do **rhythm and blues** e do **rock'n and roll**. Tina é uma daquelas criaturas que nasceram para os palcos. É nas tábuas que ainda hoje reside a sua força e encanto. Vejam-na: felina, trovão, símbolo sexual e obscena... Tudo sobre o concerto de amanhã nas páginas 14 e 15, com o patrocínio de

TABAQUEIRA

Arquivo «DL»

Morte severina dos jornais portugueses *Pág. 7*

Lotaria Nacional
1.º 41 983
2.º 68 423
3.º 38 280

Hoje: Suplemento A Mosca

PORTE PAGO

GRANDE ANGULAR

O novo ano político

Em Outubro, costuma dizer-se, começa o novo ano político. No imediato, será o Orçamento de Estado, no qual Miguel Beleza dispõe de reduzida margem de manobra, a dominar as atenções. Mas o grande tema será a eleição Presidencial. Soares é, naturalmente, a figura chave. «Consensualizou-se» e corre o risco, que nem ele deseja, de ser «plebiscitado». Na nova conjuntura o «bloco central» tende a reconstituir-se, em Belém. Saúde, Agricultura, Educação e o papel de Portugal na África que fala a nossa língua são outros dos temas quentes, sobre os quais o «DL» lança hoje o olhar

Orçamento/91: o sinal

«Dai-nos boa política e eu vos darei boas finanças», pedia o lendário barão Joseph-Dominique Louis a Sua Magestade Luis Filipe, no século passado. Miguel Beleza pode abdicar da segunda pessoa do plural ao falar com Cavaco Silva, porque nem estamos em França, nem os tempos são os mesmos... e inverter a base do raciocínio, atendendo ao facto de as Finanças condicionarem em larga medida a política, num ano de eleições. Daí a estarmos em vésperas de um Orçamento eleiçoeiro vai uma distância razoável.

A maioria absolutíssima obtida por Cavaco em 19 de Julho de 1987 foi, mal comparado, como um exercício de surf na crista de uma onda de petróleo barato. Com a crise do Golfo Pérsico, principiou a ressaca e a maré pode ser de azar, em primeiro lugar para o Chefe do Governo, que escolheu os Estados Unidos como cenário para afirmar que a previsão das despesas e receitas do Estado português se funda na presunção de petróleo a trinta dólares o barril, no dia em que as ramas do Mar do Norte já estavam a quarenta.

Presume-se inexistente a culpa de um homem que nunca se engana e raramente tem dúvidas. Os fusos horários é que sabotam a actividade do Governo. Para Miguel Beleza, todavia, o assunto parece ter outro ângulo de abordagem, na medida em que as suas ideias monetaristas colidem com as conveniências de um ano de eleições.

Fraca margem de manobra

Miguel Beleza tem à partida uma estreitíssima margem de manobra, no caso de querer apresentar ao Parlamento um Orçamento do Estado destinado a agradar a gregos e a não ser acusado de quase tudo por troianos. Em primeiro lugar, por causa das receitas, que para serem mais pingues exigem aumentos da já de si pesada carga fiscal.

Ainda que desmentido antes da crise do Golfo, o aumento de 17 para 18 por cento da taxa intermédia do Imposto sobre o Valor Acrescentado (IVA) está nas previsões dos peritos, não pelos efeitos disciplinadores da procura interna, essa desvairada, mas pela necessidade de ir buscar mais uns cobres ao bolso do cidadão.

Fora de causa está o aumento do IRC, perante as sucessivas carrancas da classe empresarial, bem como a revisão dos escalões do IRS para 1991, assunto capaz de a ser decretado- alienar ao partido do Governo, o PSD, as simpatias de uma classe média muito sensível quando se trata de contribuir ainda mais para a prosperidade do erário público.

Há ainda o Imposto de Selo, o grande esquecido nas polémicas entre fiscalistas, mas ainda assim importante no País da papelada.

Perante este panorama de cobranças complicadas, o capítulo das despesas não dá grandes alternativas. Reduzir na Defesa, depois do fim da Guerra Fria, era um sonho de qualquer Ministro das Finanças.

Saddam Hussein estragou a pintura e a fraca figura militar que Portugal tem feito na crise do Golfo (apesar da cedência de bases ao esforço militar norte-americano) aconselha a um acréscimo dos gastos com as tropas.

O reforço de verbas destinadas à Educação foi anunciado pelo próprio primeiro-ministro, que avaliou em 500 milhões de contos o «bolo» destinado a esse sector.

E noutros departamentos é muito difícil cortar, em 1991, mesmo que com uma ou outra retenção espertalhona de verbas das autarquias, a seu tempo denunciada pela Associação Nacional de Municípios Portugueses, como há duas semanas se viu.

Está também fora de causa uma política orçamental que abdique de comparticipações em projectos apoiados pela CEE.

A sina dos funcionários

As despesas correntes é que admitem, em princípio, um corte, como já está a suceder, uma vez que desde Julho se espera o aumento intercalar dos vencimentos da Função Pública, sem que Governo e sindicatos se entendam quanto ao assunto.

Entre a nossa sempre jovem democracia e o «antigamente», esta diferença de tratamento dos funcionários marca a fronteira: antes das eleições à sua maneira, Oliveira Salazar dava umas migalhas aos servidores do Estado Novo, angariando uma imagem pública melhorzinha, sempre atenta, veneradora e obrigada; agora sucede o oposto, com a penalização dos funcionários a ser mote de políticas populares.

A existirem, estas vão ser financiadas pelos impostos menos democráticos, pelo reforço da tributação indirecta, com os cigarros e a cervejinha em primeiro plano e todos, ricos e pobres, a pagarem a crise ao mesmo tempo e pelo mesmo dinheiro.

A mais importante entre todas as leis ordinárias, a do Orçamento de Estado, tem atrasada a sua elaboração pelo Governo. Está bem acompanhada pelo Quadro de Ajustamento Nacional

QUANTUM,PESAN,PS

Ao criticar o PESAN, o CNEP (Conselho Nacional das Empresas Portuguesas) aludiu ao QUANTUM, considerando pouco realista a meta de 1995 sem QUANTUM, para um acordo social, antes de perguntar:
«Se um objectivo é um acordo a 5 anos, não fará sentido ouvir também os partidos da oposição ?
Se é verdade, como o Governo repetidamente diz, que é o PS que não quer as mudanças, não será de o associar às negociações para se saber se é assim ou não ?»
O empresariado português descobriu, entre a novíssima floresta de siglas, a via patronal para os socialistas.
Para entrada do ano político, não estamos mal de originalidades.

J. I.

Soares - que novo combate?

Um «bloco central» presidencial sob a capa majestática de Soares

Há quase cinco anos, Soares tirou a gravata para o seu primeiro discurso da campanha para a segunda volta e apelou ao voto do «povo de esquerda». O adversário chamava-se Freitas do Amaral e as opções estavam traçadas, pelo menos em função do esquema tradicional direita-esquerda.

Hoje, os tempos são outros. Soares poderá nem sequer ter de suar a camisa. O antigo líder socialista levou à letra a presidência «de todos os portugueses». Não alimentou guerrilhas institucionais; cedeu até a alguma brandura. No mínimo, «consensualizou-se». À postura de Estado que sempre preservou, aliou as «Presidências Abertas», a proximidade do povo com o «rei», que lhe toca o coração.

A dois meses e meio da data-limite para apresentação de candidaturas, mantém em segredo as suas intenções. Mas como já ninguém duvida de que se recandidatará, as forças partidárias vão definindo a sua estratégia em função dessa perspectiva. Nada será como dantes, no entanto.

Os efeitos da jogada de Cavaco - apoio do seu partido ao actual inquilino de Belém, caso se recandidate - estão por avaliar em toda a sua dimensão. Pode, com legitimidade (se é que isso «conta», em termos políticos), afirmar-se que deste modo o chefe do PSD pôs a nu a sua ausência de alternativa. A verdade, no entanto, é que se outro resultado não teve, o gesto «entalou» os socialistas: neste quadro, deixa de ser possível capitalizar nas Legislativas o «passeio» de Mário Soares rumo ao segundo mandato. Uma reedição tácita do Bloco Central, desta feita no terreno presidencial.

Direita sem candidato

A suposta caminhada solitária de Soares não lhe é, porém, favorável, sobretudo porque um «plebiscito» não encaixa na refrega democrática que tanto aprecia. Pior: pode abrir caminho a um «gazetismo» maciço. Aliás, é significativo o facto de o tema do abstencionismo ser como nunca objecto de análise dos comentaristas políticos.

Mas regressemos às consequências da estratégia do PSD, definida em congresso. À direita, foi lida como «entrega do ouro ao bandido». Entusiasmado por ela, Lucas Pires «pré-lançou-se» na «corrida» para desistir meses depois. Vinte por cento dos sufrágios, aferidos pelas sondagens, seria excelente *score* para o CDS, mas para ele não chegavam.

Quem defende o «Portugal não socialista», como dizia Freitas do Amaral, nas eleições presidenciais? Não há voluntários. Falou-se em Proença de Carvalho, Ferraz da Costa, Abecasis, mas o vazio instalou-se. A falta de um candidato de direita, já chamado *X*, será histórica, se acontecer, já que sempre se uniu nos momentos decisivos, mais «unitária» do que a esquerda.

Trampolins comunistas

Curiosamente, também a esquerda sentiu uma candidatura «abrangente» de Soares como desafio. Dois nomes estão confirmadas nesta área. Carlos Marques disfarça mal a sua ligação partidária; Carvalhas assume-a em pleno. Detenhamo-nos aqui.

Os comunistas não escondem que o seu objectivo consiste em fazer das Presidenciais trampolim para as Legislativas - Cunhal o disse no discurso da «Festa do Avante». Mas tardam a definir o conteúdo programático de uma

exterior de Beleza

para a Transição para a União Económica e Monetária (QUANTUM), cuja segunda versão deveria ter sido divulgada nos finais do mês passado.

Tal como o Executivo o descreveu ao apresentar o Progresso Económico e Social para os Anos Noventa (PESAN), o QUANTUM «corporizará a estratégia de convergência que o Governo traçou para enfrentar» o desafio da integração europeia, cuja «pedra de toque» é «a aproximação da taxa de inflação do nível médio europeu».

E, para desgraça dos funcionários públicos, «o elemento fundamental deste programa é a consolidação orçamental, fazendo recair directamente sobre o Sector Público Administrativo o primeiro impacto dos custos. No entanto, o resto da economia e, em particular, os parceiros sociais e o processo de determinação de preços e rendimentos não podem ficar alheios a este projecto nacional».

Esta é a política. As finanças vêm depois.

Para já, aguardamos um sinal exterior de Beleza (Miguel).

João Isidro

Rui Pacheco

Miguel Beleza: uma estreitíssima margem de manobra

Soares contra Soares? O dilema das Presidencias não será este, mas quase. O PSD colou-se ao actual inquilino de Belém; a (restante) direita está de mãos a abanar e na (restante) esquerda algo pode definir-se este fim-de-semana

candidatura que, inevitavelmente, reflectirá as contradições internas do partido - vidé: movimento(s) crítico(s) onde polvilham tendências para apoiar Mário Soares.

Ainda assim, é menos provável do que noutras ocasiões que se trate de uma aposta para «queimar» à boca das urnas. Não falta, no PCP, quem queira aproveitar a oportunidade para fazer de Carvalhas uma núvem passageira como braço direito do líder. Mas a conjuntura até é de molde a admitir que disponha de espaço político convertível no sufrágio. Pode mesmo acontecer que não tenha para quem desistir...

PRD, MDP e «Verdes» estudam plataforma

A sorte de Carlos Carvalhas não é indiferente a umas quantas movimentações entre pequenas formações de esquerda, que poderão culminar em breve numa candidatura conjunta. Com efeito, o dia de amanhã é decisivo para o estabelecimento de uma plataforma susceptível de reunir no mesmo barco PRD, MDP e pelo menos uma parte dos «Verdes».

A estratégia dos renovadores conheceu evoluções nos últimos tempos. Quando o objectivo era uma candidatura própria, Marques Júnior chegou a constituir probabilidade. Mas o PRD mudou de agulha. «Houve sensibilidade para perceber que era preferível gerar-se um movimento que englobasse outros partidos e personalidades independentes sem filiação partidária» - explica ao «DL» a deputada Isabel Espada.

Tal sensibilidade conduziu à aprovação, no Conselho Directivo de quarta-feira, de um documento a apresentar amanhã ao Conselho Nacional, cujo lema é «partir de uma base de apoio, para atingir o vértice, que é o candidato», necessariamente uma figura que reúna o consenso. É nesta perspectiva que se têm multiplicado os contactos entre dirigentes dos três partidos. Ainda ontem a deputada europeia se encontrou com Hermínio Martinho; hoje é a vez de dirigentes do MDP.

O que «oferece» cada um destes partidos, de acordo na necessidade de uma candidatura supra-partidária? Do lado dos «Verdes», a matriz ecologista fortemente marcada. Consumada a cisão com os pró-PC, apostam em Maria Santos, personalidade que o MDP admite apoiar, como afirmou Silveira Ramos há uma semana ao «DL». Decisões, talvez amanhã, com a realização, respectivamente, do Encontro Nacional de Ecologistas e do Conselho Nacional do MDP.

O PRD já definiu algumas das suas propostas. Quer revalorizar a função presidencial, tornar o Chefe de Estado mais interveniente nas grandes questões nacionais. Propõe-se abordar temas como a soberania portuguesa no quadro europeu e as «falhas» do sistema democrático.

Confessadamente, os renovadores são movidos por um ardente desejo de empurrar Mário Soares para a direita. Retomemos declarações de Isabel Espada, recordando recente sondagem que revela que o Presidente colhe mais apoio junto do eleitorado social-democrata do que no PS: «É mais o candidato da direita do que da esquerda. Senão, Lucas Pires ter-se-ia candidatado».

Paulo Martins

COMENTÁRIO

Cenários eleitorais

Antecipada pela crise do Golfo, no plano externo, e pelo caso Melancia, no plano interno, a *rentrée* política processou-se sob o signo do fulanismo e dos escândalos. A desvalorização, não só das ideologias, mas até, num sentido mais lato, das ideias políticas, tem por efeito deslocar o debate para as pessoas e para os escândalos que, à volta delas, se criam ou recriam: «O nosso escândalo foi um *incidente*, o vosso escândalo foi um *crime*»

A questão Iraque-Kuweit é um bom exemplo desse vazio de ideias, com o Governo e a Oposição a discutirem, entre si, quem é mais americano, quem é mais patriota e quem é mais belicista, enquanto os *media* se entretinham a averiguar quem continuava em férias e quem faltava a reuniões.

Valeu-lhes o ministro dos Negócios Estrangeiros do Iraque, Tarik Azis, que, através do nevoeiro mediático, descortinou a canhoneira-fantasma lusitana. Assim se cumpria o sonho anacrónico de país pobre, mas ex- colonialista e ex-imperial!

Debate político é que não houve, ou, se houve, não ultrapassou o nível da mais completa indigência, à excepção de algumas intervenções na Imprensa, de civis ou militares interessados (ou, mesmo, especializados) nas questões de relações internacionais e estratégia.

Os temas do novo ano político vão, certamente, articular-se em torno das eleições: presidenciais, primeiro; legislativas, depois. As eleições para a Presidência da República prefiguram-se como uma enorme, solene e pouco participada cerimónia mediática, embora seja previsível que Mário Soares se acautele contra os riscos de um consenso incolor, inodoro e asséptico, susceptível de degenerar em abstenção massiva, introduzindo elementos de polémica - contra quem? - que motivem os portugueses a sair de casa e deslocarem-se à mesa de voto.

Espécie de referendo, sem alternativa real, estas presidenciais serão pouco saudáveis na perspectiva do regime. Desde logo porque revelam uma total desvalorização da componente debate político, em benefício de uma personalização excessiva. Depois, porque, a confirmar-se a tendência, o caminho mais lógico (embora, apesar de tudo, improvável) seria a transição para uma forma de eleição por colégio eleitoral restrito. Por outro lado, as eleições constituem um combate político enquadrado por regras estritamente definidas. Nesse sentido, representam, também, uma forma de celebração do regime democrático, desde que se conformem à sua natureza de luta inserida num quadro pré-estabelecido. Se a dimensão de combate se desvanece, então a própia celebração estará em causa.

A grande incógnita reside em saber até que ponto Soares se empenhará em projectar nas legislativas a sua presumível vitória nas presidenciais, apoiando discretamente Jorge Sampaio, ou se limitirá a aguardar que Cavaco Silva perca a dificilmente repetível maioria absoluta nas legislativas, apostando num cenário de *bloco central* reconstituido.

Em qualquer caso, as legislativas serão um duro combate e o Governo Cavaco Silva já mostrou, após o desaire das autárquicas que é capaz de recuperar e não venderá barato a pele, enquanto Jorge Sampaio, além de amarrado à gestão camarária e apoiado por um partido abúlico, sofre os efeitos de um calendário eleitoral perverso, que deu tempo ao partido do Governo para uma recuperação em termos de opinião pública, após uma derrota intercalar (autárquicas).

Mário Mesquita

O que está em jogo, afinal, consiste em saber se vamos entrar na década de noventa sob o signo de um Mário Soares mais interventor, ou se teremos a hegemonia de Cavaco Silva até ao fim do século.

GRANDE ANGULAR

Na saúde e na agricultura, uma área de prestação de serviços sociais e uma área de produção, revelam-se dois dos aspectos mais evidentes do atraso em que Portugal vive,relativamente aos países mais desenvolvidos. Não se vêem sinais relevantes de recuperação. Por isso, os ministros das respectivas pastas têm uma árdua tarefa à sua frente.

Dois Arlindos na berlinda

No «jogo de prendas» da política há dois ministros condenados à berlinda. Doentes e médicos, com interesses pouco coincidentes, e agricultores, também com interesses contraditórios entre o progresso e o imobilismo, se encarregarão de puxar à liça a controversa má gestão dessas contradições e de falar dos dois Arlindos, do Carvalho, ministro da Saúde, e do Cunha, ministro da Agricultura.

A saúde e a agricultura são duas áreas em que o Governo não conseguiu definir políticas seguras. Na Saúde vacila entre o liberalismo selvagem e o bem-estar social democrata; na Agricultura esbanja fundos comunitários sem que se entenda qual será a vocação do agro português, perdidos entre uma florestação desastrosa comandada pela indústria das celuloses e a incapacidade de modernizar a produção agrícola, de modo a satisfazer necessidades do mercado interno frente à concorrência europeia e a abrir perspectivas de exportação.

Arlindo de Carvalho foi encarregado de virar a agulha de Leonor Beleza, fazer as pazes com os médicos, o que colocou o Governo na impossibilidade de ficar de bem com Deus e com o Diabo, seja conciliar o interesse da saúde pública com os interesses mercantis da medicina privada comandada pelos médicos-patrões. O ministro Arlindo de Carvalho julga ter resolvido o problema do confronto social com uma classe privilegiada ou, se quisermos,com a parte mais privilegiada dessa classe, resta saber que preço terão de pagar os doentes por esse «negócio» político.

A medicina privada prospera, os serviços de saúde pública empobrecem - as desigualdades sociais acentuam-se

O ministro tem a sorte dos doentes não disporem de nenhuma estrutura representativa, capaz de enfrentar a fortíssima Ordem dos Médicos e de exigir ao Governo melhores serviços de saúde, mas certamente não esquecerá que os doentes, os mais indefesos, darão resposta no momento da votação das eleições legislativas..

O Governo investe menos no serviço público de saúde, porque está possesso da ideia de privatizar, também na área dos cuidados médicos. Aluga serviços à medicina privada, enquanto esses serviços nos hospitais se encontram subaproveitados. Gasta mais de 20 por cento do orçamento da Saúde em comparticipação de medicamentos, cujos preços vão subindo sem se saber com que controlo ou justificação. E nesta sopa de má gestão, todos se queixam e os protestos junto do ministro vão subir: os doentes que não são tratados, as farmácias e os laboratórios que não recebem a tempo os débitos do Estado, os médicos que ainda se dedicam honestamente aos serviços públicos, porque não têm condições para tratar os doentes.

O ministro da Agricultura vai, por seu lado, ouvir subir de tom o protesto dos agricultores, pela falta de condições de concorrência com uma CEE que começa a exportar para Portugal, e não ouvirá o dos consumidores, por falta de estrutura representativa, fartos de que, por carência de organização dos circuitos de comercialização e incapacidade política para pôr os intermediários na ordem, nunca se reflita no mercado de consumo a baixa dos preços dos produtos agrícolas, sobretudo quando importados.

Passado o ministro Barreto dos grandes «lobbies», era de exigir ao ministro Arlindo Cunha que definisse uma política agrícola que, de candeia acesa, nenhum observador consegue descortinar. A cornucópia dos fundos da CEE esvai-se, sem que sejam visíveis os sinais de modernização da mais arcaica agricultura europeia. 250 milhões de contos de fundos comunitários já entraram nos campos portugueses, mais cerca de 350 milhões estão para vir e, com tudo isto, a nossa balança comercial agro-alimentar não cessa de agravar-se; não conseguimos encontrar uma área produtiva em que sejamos internacionalmente competitivos; não desenvolvemos a nossa área de regadio e alguns dos existentes estão subaproveitados; deixamos envelhecer os nossos pomares, os nossos sobreirais, os nossos olivais, pelo que em cada uma destas áreas transformamo-nos de exportadores em importadores; não desenvolvemos uma indústria agro-alimentar e estamos a ser colonizados pela espanhola; não conseguimos rejuvenescer os nossos agricultores, mantendo excedentes improdutivos nos campos; deixamos as nossas florestas arder, por incapacidade de as gerir e reconverter. Em suma, estamos a perder a oportunidade única de utilizar os vastos capitais transferidos de Bruxelas para colocar a nossa agricultura no patamar mínimo da sobrevivência e da capacidade estratégica de manter um grau de independência alimentar que os teóricos calculam: um país medianamente desenvolvido deve assegurar cerca de 60 por cento das suas necessidades agro-alimentares. As tarefas do sr. ministro são ciclópicas!

Adelino Cardoso

Que espera a Africa negra de nós?

Para África com pouca força

Nos próximos meses, Cavaco Silva vai ter de encontrar respostas concretas que acompanhem as recentes iniciativas políticas do Governo junto dos países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP). A iniciativa de Portugal de ultrapassar o impasse em que caíram as possibilidades de uma solução do conflito angolano, após o encontro entre o Presidente Eduardo dos Santos e o lider da UNITA, Jonas Savimbi, em Gbadolite, recolocou a questão do papel do nosso país junto das ex-colónias. Mas os círculos ligados às empresas privadas e à coperação continuam a queixar-se da falta de apoios e da ausência de uma estratégia definida com vista ao reforço da presença portuguesa em África.

Por momentos, com a mediação portuguesa do conflito angolano, quase desapareceram as críticas face ao «imobilismo» da política externa nacional face aos países africanos, cedendo o espaço à influência de países como os Estados Unidos, União Soviética e a França, só para citar os mais importantes e (por que não?) os mais temidos.

Quatro anos depois da entrada de Portugal na Comunidade Europeia (ou da entrada da Comunidade Económica em Portugal, está ainda por se saber), cada vez mais se fala de «Jangadas de Pedra» ou do «regresso a África». A política do Governo Cavaco Silva tem privilegiado os pequenos Estados como a Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e, de uma maneira um pouco diferente, Cabo Verde, onde a cooperação pode ser realizada com custos suportáveis para o Orçamento de Estado português.

Angola, por um lado, e Moçambique, por outro, vão continuar a manter-se na área de influência das duas superpotências. Angola, por exemplo, possui recursos naturais estratégicos suficientes para, na concepção dos Estados Unidos e da União Sovética, serem deixados apenas aos critérios de exploração do Governo de Luanda, qualquer que ele seja no futuro. E o futuro existe.

Sobretudo nestes dois casos, os empresários portugueses terão de concorrer ao lado de países com moeda forte e com apoios à cooperação inexistentes no nosso país. A rábula de que a cooperação portuguesa tem de passar pelos mecanismos comunitários não passa por vezes de mera justificação do nosso imobilismo, se compararmos com os escrúpulos (ou a ausência deles) manifestados nessa matéria por países como, por exemplo, a França.

Portugal joga com dois factores naturalmente importantes em relação aos PALOP: o conhecimento, embora cada vez menor, da realidade e a questão linguística. Mas estes factores não se compadecem com a ausência e a indefinição das grandes linhas do relacionamento e das estratégias de cooperação adequadas às capacidades de intervenção de Portugal, por muito boas que sejam as intenções.

Carlos Camponez

POLÍTICA

Grandes Opções do Plano apontam para o crescimento

A actividade económica portuguesa deverá crescer ao ritmo de 3,5 por cento em 1991, valor aproximado do registado em 1990, mas superior ao previsto para a média dos países da CEE, revela o documento das Grandes Opções do Plano (GOP) para 1991, ontem aprovado em Conselho de Ministros.

A afirmação de Portugal no mundo, a modernização e crescimento sutentado da economia, a dimensão social e qualidade de vida do cidadão são as principais linhas de força das Grandes Opções que, na opinião da secretária de Estado do Planeamento e Ordenamento Regional, Isabel Mota, seguem a estratégia das GOP de médio prazo.

De acordo com as GOP, a afirmação de Portugal no mundo implica a mobilização de um conjunto de instrumentos de acção externa do Estado, a nível diplomático e militar, económico, científico e cultural, bem como um «forte empenhamento do País na reformulação da Comunidade Europeia».

A segunda grande linha de força das GOP para 91 visa conciliar a estratégia de modernização e crescimento, o que implica a necessidade de levar a cabo um processo de ajustamento centrado na redução do défice orçamental e da inflação, «que permita ao país enfrentar com sucesso o desafio da União Económica e Monetária».

Assim, o mercado de trabalho manterá o comportamento favorável que tem vindo a registar e, no que respeita às contas externas, o défice da balança de transacções correntes deverá situar-se próximo dos 3 por cento do Produto Interno Bruto (PIB).

Relativamente ao investimento público em 1991, o Programa de Investimentos e Despesas de Desenvolvimento da Administração Central) PIDDAC, irá situar-se em 261 milhões de contos, ou seja, mais 20 por cento do que em 1990. Neste domínio as prioridades do Governo vão para as acessibilidades e para a educação com 93 milhões de contos e 43 milhões de contos, respectivamente.

O investimento público será suportado «significativamente» pelos fundos estruturais, que se prevê venham a atingir 150 milhões de contos.

Das decisões ontem aprovadas em Conselho de Ministros destacam-se o embargo aéreo ao Iraque, no que diz respeito ao território nacional, o lançamento da Operação Integrada de Desenvolvimento para o Vale do Ave, a conclusão da privatização do capital da companhia de seguros «Aliança Seguradora» e a aprovação do diploma que consagra o plano técnico de frequências e atribui a titularidade e gestão da rede de televisão a uma nova sociedade, a criar, de capitais maioritariamente públicos.

Jornadas parlamentares do PCP terminam hoje

Questões sociais, em particular de combate às desigualdades, assimetrias regionais e o espaço social europeu estiveram em destaque nas Jornadas Parlamentares do PCP que ontem o secretário-geral adjunto, Carlos Carvalhas, abriu e que esta tarde encerrram, no Palácio D. Manuel, em Évora. A iniciativa destina-se a preparar a actuação do Partido Comunista para a próxima sessão legislativa, a partir de 15 de Outubro, e confirma a estratégia política traçada por Cunhal na Festa do «Avante!».

Carlos Carvalhas deu ontem o mote, no discurso de abertura das Jornadas, sobre as grandes preocupações dos comunistas no plano social interno e europeu. Afirmou, nomeadamente, que o desenvolvimento do espaço social europeu está em perigo, face ao acréscimo previsto de 8,5 por cento. Percentagem bastante inferior ao aumento estabelecido para o conjunto das acções estruturais, na ordem dos 20,5 por cento.

Mostrando-se bastante preocupado com a evolução do projecto orçamental comunitário, Carlos Carvalhas abordou questões de ordem económica, social e política, revelando aos deputados que os problemas sociais vão ocupar um lugar de primeiro plano na sua campanha eleitoral às presidenciais.

O Governo não foi poupado nas Jornadas Parlamentares do PCP: Carvalhas e o líder da bancada comunista em S. Bento, Carlos Brito, criticaram a actuação de Cavaco e do PSD, acusando-os de ter agravado as desigualdades sociais, económicas e regionais. O presidente do grupo parlamentar comunista adiantou que projectos visando o aumento de reformas e pensões, salário mínimo nacional, abono de família e apoio social aos estudantes são algumas das iniciativas programadas pelo PCP.

Apontando a luta pela melhoria do nível de vida das populações como uma «tarefa essencial, o secretário-geral adjunto do PCP defendeu o crescimento do salário mínimo a um ritmo superior ao dos restantes rendimentos do trabalho.

Os comunistas reclamam ainda o desagravamento da carga fiscal sobre os rendimentos do trabalho, a segurança e estabilidade do emprego e a redução do horário de trabalho, medidas que o Grupo Parlamentar accionará na próxima sessão da Assembleia da República.

Mário Soares e as Presidenciais

Mário Soares pode ser criticado por muita coisa, mas parece-me caricato atribuir-se-lhe a responsabilidade de não ter adversário. A desvalorização das eleições presidenciais, pela direita, é politicamente compreensível e moralmente oportunista; a aceitação da teoria plebiscitária por sectores da Esquerda é intelectualmente conivente e solidariamente passiva.

A direita teve sempre um fascínio assumido por Mário Soares. Com a morte de Sá Carneiro, perdeu um líder com passado. Cavaco Silva deu-lhe Poder, mas não memória nem biografia. Mário Soares representa tudo o que o PSD não tem, e foi com algum despeito, sempre exaltado, que não o apoiou há cinco anos. A Esquerda identifica-se com o passado de Mário Soares, mas irrita-se com a sua política dos últimos anos. E nas últimas eleições foi votar... à trela.

O Presidente da República exerceu o mandato como se esperava. Não quis ser incomodado, ingeriu-se quanto baste na vida partidária e evitou imiscuir-se nas grandes questões nacionais. Françoise Giroud, ex-ministra francesa de Giscard d'Estaing, explicava, em recente entrevista a ignorância de François Mitterrand em matéria de números. É também uma «qualidade» de Mário Soares. No entanto, e tal como está a acontecer com o segundo mandato do Presidente francês, Mário Soares poderá ser mais actuante nos próximos cinco anos. Tal como Mitterrand tem Michel Roccard, Mário Soares poderá ter um primeiro-ministro socialista, Jorge Sampaio. Mário Soares deve essa oportunidade aos socialistas, que negou a Vítor Constâncio; o Presidente da República tem umas «contazinhas» a ajustar com Cavaco Silva e se há coisas que Mário Soares não sabe é esquecer.

Mário Soares está, pois, sem adversário e isso irrita-o. Lucas Pires desistiu, Maria Santos ensaia a candidatura. Sejamos honestos: Maria Santos não tem perfil nem *curriculum* para se confrontar com Mário Soares, limitando-se a uma folclórica presença. Maria de Lurdes Pintasilgo tinha um passado persistente e uma carreira consolidada. Maria Santos tem um percurso ecológico recente e um afastamento de Álvaro Cunhal tardio (depois das eleições europeias). Após a derrota de Lurdes Pintasilgo nas presidenciais e o afastamento de Leonor Beleza, a presença das mulheres na política não pode ser encarada de ânimo leve pelas próprias mulheres. É isso mesmo que *ELES* querem e estimulam.

Mário Soares vai correr isolado nesta campanha presidencial. Se há cinco anos foi um mérito partir com 4 por cento para uma vitória, realmente não tem de carregar com o problema de comparência do adversário. De qualquer forma, ganhava, e não estamos perante um resultado de secretaria. E digo isso sem poder ser acusada de «soarista» ou de ter recebido alguma benesse de Belém. Agora, não se pode ser morto por ter cão...

O grande desejo do actual Presidente da República, segundo diz, é escrever a sua biografia. O seu amigo Willy Brandt acaba de publicá-la. O ex-chanceler escreve um livro banal, um relatório de factos, uma pouco cabal explicação de acontecimentos pessoais (o caso do conselheiro-espião). Esperemos que o Presidente da República seja mais criativo, mais frontal na revelação de acontecimentos caseiros. Entre o percurso dos dois, a noção de que nascer em Portugal tem as suas limitações intransponíveis para uma carreira internacional.

O problema do actual Presidente, mais do que estar sozinho na campanha eleitoral, é escolher as suas comissões de apoio. Será abrangente; esperemos que não saia um «caldeirão». Ressuscitar as declarações de Eurico de Melo ou Dias Loureiro, Mendes Bota ou Duarte Lima seria um curioso exercício de «golpe de rins». Claro que, pelas bandas da Esquerda, a desvergonha também abunda, mas que esse «passeio» pelo País não se transforme na exibição do tradicional nacional-porreirismo. Mais do que a solidão na corrida, este é o perigo real da campanha e tem sido a degradação moral do País. Dr. Mário Soares: mais vale só...

Fernanda Mestrinho

Dr. ERNESTO DA CÂMARA PIRES DE CASTRO E SILVA

Agradecimento

Seu filho e restante família, na impossibilidade de outro meio, vêm por este manifestar a sua gratidão a quantos os acompanharam em tão doloroso transe, bem como a todos os que de qualquer forma lhes manifestaram o seu pesar.

Agência Rei
676813 - 608727

ESPECIAL FÉRIAS/90
no HOTEL DO PARQUE
VIANA DO CASTELO
COSTA VERDE

☆☆☆☆

O Hotel do Parque em Viana do Castelo elaborou para si um atractivo programa especial «Férias 90» oferecendo-lhe a possibilidade de gozar as suas melhores férias de sempre no coração do Alto Minho e no sossegado ambiente das suas 4 Estrelas, Piscinas, Bares, Sala de Jogos, etc. Preços p/pessoa em quarto duplo c/peq. almoço incluído.

		OUTUBRO
PROGRAMA 1 6 noites 7 dias	Entrada domingos Saída sábados	15 900$00
PROGRAMA 2 7 noites 8 dias	Entrada qualquer dia	19 950$00

• Peq. Suplemento p/ocupação single.

Peça-nos programa detalhado «ESPECIAL FÉRIAS 90», por Telef. (058)82 86 05, Telex 32511 HOPARC P, Fax 82 86 12 ou no seu AGENTE DE VIAGENS.

SEBER PORTUGUESA FARMACÊUTICA, S.A.

Sede: Rua Norberto de Oliveira n.º 1
Póvoa de Santo Adrião — Odivelas
Capital Social 500 000 000$00
Registo Comercial de Loures n.º 4635

CONVOCATÓRIA

Nos termos legais e estatutários, convoco os senhores accionistas para reunirem em Assembleia Geral, na Sede Social, no próximo dia 9 de Novembro, pelas dez horas, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

— Deliberar sobre uma proposta do Conselho de Administração relativa à tomada de participações em empresas a constituir.

Póvoa de Santo Adrião, 24 de Setembro de 1990

A Vice-Presidente da Mesa da Assembleia Geral,
Laurentina Ferreira da Silva Bernardo

POLÍTICA

Acusado de corrupção passiva para acto ilícito

Melancia demitido por Mário Soares

Notificados os arguidos, os jornais desta manhã publicam já a acusação que a Procuradoria-Geral da República faz a Carlos Melancia, até ontem Governador de Macau: «Corrupção passiva para acto ilícito». Os restantes arguidos no «caso do fax de Macau», Rui Mateus, João Tito de Morais, Menano do Amaral, Strecht Monteiro e os empresários Richard Weidle e Peter Beier serão acusados do crime de corrupção activa.

Notificado pela Procuradoria Geral à sua chegada ao aeroporto da Portela, onde era também esperado pelo Chefe da Casa Civil do Presidente da República, Alfredo Barroso, e pelo seu advogado, José Manuel Galvão Teles, Carlos Melancia alterou o seu programa e, em conferência de Imprensa anterior ao seu anunciado encontro com Soares, anunciou aos jornalistas o seu pedido de «dispensa de funções».

Ao fim de cerca de duas horas de reunião com Melancia, e embora reafirmando confiança na sua inocência, o Presidente da República aceitou o pedido, assinando o documento de demissão, que o chefe da Casa Civil de Belém leu, ao fim da noite, na RTP.

O Presidente da República «acredita na inocência do Governador de Macau», sublinha o comunicado da Casa Civil de Belém, que destaca o «trabalho meritório» de Melancia e recorda que a nota da Procuradoria «não envolve, como é óbvio, uma condenação».

Murteira Nabo, que foi secretário de Estado dos Transportes quando Melancia era ministro do Mar, no governo do «bloco central», e tem funcionado sempre como «encarregado de Governo» em Macau, nas ausências do Governador, sucede-lhe interinamente. Soares decidiu não preencher a vaga, por se encontrar a três meses e meio do termo do seu mandato.

Em Macau já a população dormia quando Murteira Nabo substituiu Melancia como Governador. Mas falando hoje aos jornalistas, o até agora secretário-adjunto para os Assuntos Económicos expressou a sua «total solidariedade pessoal, profissional e política » com Carlos Melancia, e assegurou ir prosseguir integralmente a «estratégia política e de desenvolvimento» definida por este e reafirmada pelo Presidente Mário Soares. Destacou, no entanto, «total disponibilidade para garantir uma plena articulação com os órgãos de soberania da República».

Segredo: a alma da justiça

Melancia fez finca-pé no segredo de justiça. Por mais de uma vez, quer no aeroporto - onde tinha muitos jornalistas à sua espera, e curiosamente poucos ou nenhuns amigos para além dos seus advogados, do chefe da Casa Civil da Presidência da República e do director do Museu da Marinha - quer na Missão de Macau em Lisboa, onde antecipou a conferência de Imprensa convocada para esta manhã, referiu-se à quebra desse segredo, imputando responsabilidades disso à Procuradoria-Geral da República.

«Uma atitude unilateral», como disse ao «DL», ao retirar-se da missão para um curto descanso, antes da reunião de Belém. E garantiu que da parte dele tal não se verificará.

Face a tal quadro, Melancia anunciou que vai processar a Procuradoria-Geral da República, acusando «os responsáveis por todas as fugas de informação, para mais efectuadas de forma propositadamente deturpadora», contra os quais requereu o correspondente procedimento criminal.

«Apesar do inquérito da Procuradoria-Geral da República se encontrar em segredo de justiça, parte das notícias que foram publicadas, mesmo quando falsas no seu conteúdo e enquadramento, basearam-se em pseudo factos constantes dos autos, que terão sido recolhidos segundo a própria comunicação social - «em fontes próximas da investigação», «fonte judicial conhecedora do teor das investigações» e até mesmo junto dos «investigadores», afirma o Governador, no seu comunicado à Imprensa.

«Não nasci ontem»

Carlos Melancia, aparentemente nervoso, deixou o aeroporto da Portela cerca de 50 minutos depois de ter desembarcado do avião da Lufhtansa que o trouxe de Frankfurt para Lisboa. A notificação do processo contra si em curso por causa do fax de 50 mil contos, têlo-á surpreendido. É a opinião de quem o conhece. Não reagiu da melhor forma ao facto, pois o seu primeiro contacto com os jornalistas portugueses chocou muitas pessoas: assediado por uma incontida legião, respondeu apenas ao que muito bem entendeu. Para que não restassem dúvidas sobre que o fazia para não pôr em risco a sua própria defesa, chegou a dizer: «Não nasci ontem»...

Murteira Nabo: o companheiro

Murteira Nabo nasceu em Évora há 41 anos, licenciando-se em economia pelo Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, em Lisboa, em 1969. Foi vice-presidente da Sorefame durante um ano, onde conheceu Melancia. Integrou o elenco do IX Governo Constitucional como secretário de Estado dos Transportes até 1985. Na última remodelação do Executivo de Macau - para onde foi a convite de Melancia - assumiu a pasta dos assuntos económicos.

Reacções na Imprensa de Macau

Apenas um dos três jornais de língua portuguesa de Macau - «Gazeta Macaense», o mais antigo diário do território - noticia em manchete e a toda a primeira página na sua edição de hoje a demissão de Melancia, ao passo que todos os jornais de línua chinesa concedem ao assunto largo relevo. Em Hong Kong são dois os órgãos de língua inglesa que se referem à «dispensa»: «South China Morning Post» e «The Kong Kong Standard» .

Basílio Horta: «Só agora começou»

Os partidos políticos portugueses reagiram também já à demissão de Melancia: CDS e PRD salientam que surge «com grande atraso», ao passo que o PCP considera-a «um imperativo face às conclusões do inquérito da Procuradoria-Geral da República». O PSD, por seu turno, diz tratar-se de «uma questão de Estado» que, como tal, não pode ser aproveitada para «arremesso político». PCP e CDS coincidem ainda na defesa de que a demissão deveria ter ocorrido mais cedo.

Basílio Horta sustenta que a opção tomada «envolve, de certa forma, o Presidente da República, de uma maneira directa, em todo o processo», afirmando ter a sensação de que «o caso Melancia só agora verdadeiramente começou».

Quanto ao PS sublinha que o PR «soube interpretar com elevação e dignidade» os valores da democracia e do Estado de Direito e os interesses nacionais, ao mesmo tempo que reitera o princípio da presunção da inocência dos arguidos até decisão judicial final.

O GRUPO D'ARTE MÓVEIS, CONFIANÇA FOI CLASSIFICADO O QUE MAIS BARATO VENDE EM RELAÇÃO PREÇO/QUALIDADE. E GANHOU O PRÉMIO INTERNACIONAL DE QUALIDADE.

MOBILE A SUA CASA QUASE DE GRAÇA!...

D'ARTE MÓVEIS CONFIANÇA

A prestações e sem juros

GRANDE VARIEDADE DE MOBILIÁRIO DE ESTILO E MODERNO

LOJAS DARTE MÓVEIS, CONFIANÇA

ODIVELAS — Rua Alfredo Ruas, 50 — Pedernais — Telefones: 9326054-9326058
ALMADA — Av. 25 de Abril, 45 — Telefone: 2769001
LISBOA — Estrada de Benfica, 174-176 — Telefone: 780599
LISBOA — Av. Almirante Reis, 125-127 — Telefone: 530076
LISBOA — Hipermercado Ibérico — Telefone: 7595959
LISBOA — Rua Luciano Cordeiro, 18-A — Telefone: 3522662
BARREIRO — Rua Dr. Manuel Pacheco, 92-A — Telefone: 2077237
SETÚBAL — Av. D. Manuel I, Lote 80 — Telefone: 741699
MONTIJO — Rua José Joaquim Marques, 40 — Telefone: 2301197
MEM MARTINS — Rua da Azenha, 3 — Telefone: 9217570
CAMARATE — Rua Cidade de Lisboa, Lote 6 — Telefone: 9475311
CARCAVELOS — Rua Paulo Jorge, 3 — Telefone: 2475289
AMORA — Marco Severino, Fogueteiro, Centro Comercial — Telefone: 2523415

LOJAS PICA-PAU

QUELUZ — Av. Elias Garcia, 74-B — Telefone: 4363679
AMADORA — Av. D. Nuno Álvares Pereira, 5-B — Telefone: 4945691
MEM MARTINS — Rua Chaby Pinheiro, 8 e 12 — Telefone: 9217234

LOJAS UTILAR

CHARNECA — Estrada de Camarate, Lote 4 — Telefone: 9475311
CAMARATE — Rua Avelino Salgado de Oliveira, Lote 1 — Telefone: 9474528

FORUM

O PRAGMATISMO DOS PRINCÍPIOS

A hipótese mais interessante acerca do modo de resolução da crise no golfo Pérsico corresponde a um caso de excepção, em que, por uma vez, a firmeza dos princípios serve o realismo político.

A crueza da situação criada pela agressão iraquiana torna linear o quadro de uma resposta assente nas regras que correspondem à aplicação dos princípios de justiça na sociedade internacional, fora dos quais a sua controversa existência deixa de ter grande credibilidade, mesmo como ficção, e sem os quais não está assegurada a reprodução da comunidade de Estados, o modo de organização típico e possível das relações internacionais.

Sem qualquer tipo de provocação, fora de qualquer ameaça à sua segurança, o Iraque invadiu pela força o território do Koweit, para anexar o pequeno Estado vizinho, riscando do mapa um membro da sociedade internacional, cuja legitimidade como entidade independente e soberana não era posta em causa, nem na ordem interna, nem na ordem externa. Com esta agressão, as autoridades iraquianas cometeram um crime contra a sociedade internacional, violando as regras que tornam possível a sua existência, ao menos como ficção.

A agressão iraquiana torna legítima, sem mais, a resposta — incluindo a resposta unilateral — de qualquer Estado membro da sociedade internacional no sentido de fazer valer os princípios do direito e da justiça, mesmo que essa resposta imponha uma guerra contra o Iraque. A finalidade dessa resposta é clara: trata-se, por um lado, de restaurar o Estado do Koweit e as suas autoridades legítimas e, por outro lado, de punir os agressores, sendo bem evidente que a reposição do *statu quo ante* não constitui, por definição, uma punição, mesmo que desta resultasse eventualmente a deposição do déspota, ou do regime iraquiano, às mãos de um golpe de Estado.

Logo a seguir à invasão do Koweit, a posição dos Estados Unidos é coerente com esta atitude, e o sentido inicial da sua resposta, quando o presidente norte-americano se recusa a excluir o recurso à força e reclama a punição do principal responsável, é linear na sua firmeza de princípios. Tudo se complica quando, em nome dos interesses estratégicos permanentes da primeira potência ocidental, essa firmeza é refreada por uma definição em que o essencial é assegurar a regularidade do fluxo petrolífero e a estabilidade dos preços desse bem tão excessivamente abundante no golfo Pérsico e na península arábica. Por outras palavras, a prioridade norte-americana é a defesa da Arábia Saudita e a contenção da ameaça iraquiana, a restauração do Koweit é secundária: os princípios só se aplicam se houver mais uma agressão iraquiana, o recurso à força só se justifica nessas circunstâncias e, por inferência, a resolução da crise não implica a punição dos responsáveis pela invasão do Koweit, que implicitamente são chamados à mesa das negociações.

Carlos Gaspar

Tudo se complica ainda mais quando, sempre invocando o realismo necessário, se revela a tendência para subordinar, ao menos em parte, a intervenção dos Estados Unidos a um *nihil obstat* da União Soviética, naturalmente incomodada por uma importante concentração militar norte-americana numa região contígua ao seu território. Deste modo, o respeito pelas regras da sociedade internacional, que legitima a acção dos Estados Unidos no golfo Pérsico, é fortemente condicionado, senão dependente da necessidade de evitar perturbar o quadro das relações entre as duas grandes potências.

Qualquer destas sucessivas prevenções tem razão de ser, embora diminuam, ou ponham mesmo em causa, a legitimidade de uma intervenção contra o Iraque, que não é determinada pelos interesses nacionais dos Estados Unidos, ou de qualquer outro Estado ou coligação de Estados, por mais numerosa. Todavia, não é claro que, neste caso, o pragmatismo sirva o realismo, isto é, a necessidade de restaurar um quadro de estabilidade numa área periférica crucial. Tudo indica, pelo contrário, que a contemporização com os agressores abrirá caminho para uma paz péssima, pior do que uma guerra justa: sem a punição dos responsáveis pela agressão, ou o Iraque se torna a potência regional dominante — sendo que é demasiado incompetente e fraco para ocupar essa posição — ou a competição pela hegemonia regional continuará, com o recurso à força, salvo se uma presença externa permanente, polémica e perturbadora, se instalar na região.

É neste contexto preciso que se verifica a coincidência rara entre a firmeza de princípios e o realismo político e se revela o pragmatismo dos princípios nas relações internacionais. Os custos de uma acção decisiva, legítima e justa, contra os agressores são, em todos os casos de figura, menores do que os da ambiguidade e da cedência perante os responsáveis pela invasão e pela anexação do Koweit.

Naturalmente, a resolução da crise no golfo Pérsico, realista e coerente com os princípios da sociedade internacional, não constituirá um precedente para tratar de crises análogas em áreas sem um valor estratégico crucial. É que os princípes democráticos, que recusam o recurso à força nas relações entre os seus Estados, querem apenas limitar, e não negar aos povos bárbaros a liberdade de fazerem a guerra uns contra os outros.

MORTE SEVERINA DOS JORNAIS PORTUGUESES

Se as pessoas que são as pessoas morrem, será trágico para uma sociedade que morram os seus jornais?

Em Janeiro deste ano escrevia, eu neste renovado «Diário de Lisboa», um artigo sobre o que chamava «a nova aposta da Imprensa portuguesa». Aludia então a um outro ciclo que se abria na história da nossa imprensa com o aparecimento de empresários a investirem em projectos de imprensa diária, **de qualidade e de óbvia referência.** Inscreviam-se neste novo ciclo os projectos do «Público» e do «Diário de Lisboa» em diferente linha editorial.

Ver empresários a investir em jornais diários deste tipo num país como o nosso e no actual contexto económico, na minha interpretação, era e é um facto inédito. Na perspectiva de um país moderno, que terá de ter na informação um vector axial do seu desenvolvimento social e cultural, é um facto-**acontecimento** a registar e a desejar o seu êxito.

Na imprensa diária, o único projecto, viabilizado, no período deste Portugal democrático e a **alinhar** pela Europa, é o «Correio da Manhã». Goste-se ou não se goste, é, efectivamente, um projecto com êxito, mas insere-se sem sombra de dúvida noutro tipo de jornalismo.

Com o respeito próprio que merecem todos os projectos específicos como é o caso de um «Jornal de Notícias», um jornal com uma estratégia de grande expansão regional, bem definida e com sucesso, não parece difícil aceitar que o único jornal diário de **«referência»** na imprensa portuguesa era o «Diário de Notícias». Por outro lado, como é do conhecimento público, é periclitante e ameaçadora a situação económico-financeira da grande maioria dos jornais diários portugueses. O surgimento dos projectos **empresas de imprensa** do renovado «DL» e do «Público» traçavam assim um novo desafio a uma outra era para a imprensa portuguesa.

E dizia eu nesse citado artigo: ou a imprensa ganha esta aposta ou perde o seu lugar na sociedade portuguesa. Perante a inviabilização do projecto «DL-Mário Mesquita» começo a pensar que a aposta já está a ser perdida. E fico pessimista porque quem está a perder é uma sociedade portuguesa, que se queira, de facto, moderna, **europeizada,** desenvolvida.

J. M. Paquete de Oliveira

Hoje, não é o projecto «DL-Mário Mesquita/Diana Adringa», que acaba. Hoje, é o primeiro dia de um momento crítico para a comunicação social portuguesa para quem alguns auguravam no horizonte novos tempos.

As empresas de imprensa numa sociedade de livre mercado dependem interdependentemente deste trinómio: empresários, profissionais da informação, público. E sem entrar por agora numa análise mais aprofundada dos requisitos inerentes aos agentes deste trinómio, algumas evidências desde já se impõem.

Está a ficar provado que em Portugal, em imprensa escrita de **consumo** diário, não basta apresentar «bons» **produtos.** Em relação ao «Diário de Lisboa»/90, a minha suspeitosa opinião, como colaborador regular, é facilmente superada pela opinião de jornalistas de inegável competência e a trabalharem na concorrência, que nos seus próprios jornais têm afirmado a qualidade do «DL» da direcção de Mário Mesquita.

Em relação ao «Público», e creio não vir a ser mal interpretado, infringindo regras deontológicas, (nem me coloco na concorrência, mas no plano de analista), os sintomas externos, em tiragem e força de publicidade, tornam bem evidente que só a estratégia determinada dum grande grupo empresarial está a sustentar os enormes custos de um **produto** que, sendo o jornal mais bem feito em Portugal e o único de nível europeu e mundial, com esta qualidade, dificilmente subsistirá se não forem alterados comportamentos nos consumos dos leitores-compradores.

É a publicidade, com efeito, como vertente e mola-propulsora económica, que sustenta os jornais e a comunicação social em geral. Mas a publicidade não é misericordiosa e anuncia na proporção dos **contactos** conseguidos junto do público consumidor. Quer dizer, na lógica da argumentação que venho seguindo,

os «bons» projectos tanto podem falhar porque falharam os empresários, ou os profissionais, ou o público, cada um por seu lado, ou todos em conjunto. No que diz respeito ao «DL» falhou a capacidade empresarial. Mas este fracasso revela também, mais uma vez, um endémico problema nacional. Não há, pelo menos por enquanto, nem para isso foram criadas condições socio-culturais, **consumidores** para produtos desta qualidade. Portugal não tem leitores que justifiquem estes produtos. Em matéria de mundo informado, o ritmo de Portugal ou dos portugueses é ainda um ritmo semanal, não é diário.

E, então, assim, eu julgo trágico para esta sociedade a morte do projecto «DL»/90. E fico apreensivo com o projecto de um Portugal europeu, que não pode ser, o dos políticos ou o dos jornais dos políticos, mas o das evidentes realidades.

FORUM

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Diário de Lisboa, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador:
Adelino Cardoso

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Alves Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alessandra Balsamo, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo, Brito e Pedro Palma**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos, Óscar Figueiredo e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP

- Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.

Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Delegação Norte: Rua Monte dos Pipos, 326 - Custóias - 4450 Matosinhos - Telef. 9531566 Fax 9531023

Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 70$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

POLÍTICA DE A a Z

HUMBERTO DELGADO E A FARSA INDECOROSA

A transladação dos restos mortais do general Humberto Delgado de um gavetão do cemitério dos Prazeres para o Panteão Nacional, decidida e patrocinada ao mais alto nível institucional, não levantou contestações de fundo porque a *direita* solidária com os assassinos, ou do crime salazarista cúmplice, sofreu a erosão dos anos, perdeu capacidade ofensiva, ganhou pudor, ou cobriu a epiderme fascista com pomadas democráticas. Mas não faltaram os murmúrios críticos.

Humberto Delgado - disse-se - não foi Presidente da República e carece de títulos literários ou científicos, autor de um livro político e de algum teatro aos quais se deve a piedade do esquecimento. Se os murmúrios críticos partem de uma verdade - a de que não foi Presidente da República -, ignoram os resultados das eleições de 8 de Junho de 1958. Consciente das irregularidades do recenseamento, das dificuldades da distribuição das listas, dos impedimentos à fiscalização dos actos eleitorais, o candidato não desistiu. Foi votado e tudo leva a crer que os resultados proclamados não correspondem à realidade.

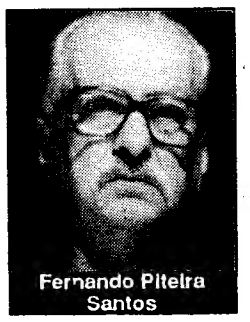
Marcelo Caetano, rememorando os acontecimentos, não se rende a uma vitória de Humberto Delgado, reconhece, todavia, que os resultados teriam excedido o que os dirigentes do regime poderiam prever. O Chefe do Governo e da «União Nacional» cantou vitória, mas comportou-se como se os resultados das eleições tivessem constituído um desaire para a continuidade do regime. Vitória eleitoral do candidato oposicionista ou resultados que ameaçavam, imediata ou mediatamente, a continuidade do regime fascista, é a conclusão que nos é permitida, dada a pressa com que foi modificada a lei reguladora da eleição para o cargo de Presidente da República. A experiência dos resulados das eleições de Junho de 1958 terá sido determinante para que o sufrágio directo tivesse sido abolido e a eleição do Presidente da República passasse a competir a um colégio eleitoral controlado. O regime confessava a derrota, ou deixava margem à dúvida.

Para Humberto Delgado era um ponto de fé que ganhara as eleições, que a vitória lhe fora roubada. Ao Presidente da República cessante, general Craveiro Lopes, que aguardava a hora de transmitir os poderes ao eleito, almirante Américo Tomaz, endereça, com data de 21 de Junho, um documento de impugnação que se reparte por quatro capítulos: I - A Falsidade dos Resultados das Eleições; II - a coacção por parte do Governo; III - A Apreciação das Eleições e Governo pela Imprensa Estrangeira; IV - Conclusões.

A conclusão dos factos narrados e que constituíam uma extensa relação de irregularidades, de falsidades e de fraudes, como não podia deixar de ser, era a de que: «Uma tal eleição não representa a vontade do eleitorado e não pode considerar-se séria. Há que anulá-la e, criadas as indispensáveis condições de liberdade, repeti-la.» O documento de impugnação observava; «Apesar de descaradamente falseada a eleição, mesmo assim o Governo, viu-se forçado a confessar que o candidato Independente obteve 23,5% dos votos. Se aos votos confessados se somarem os que fraudelentamente entraram a favor do candidato da Situação, os ilegalmente inutilizados ao candidato Independente e as que não entraram a favor deste por as listas não terem chegado aos vários círculos e por ter sido exercida coacção à boca das urnas, pode assegurar-se que o candidato Independente foi o mais votado.»

Humberto Delgado dirigia-se a Craveiro Lopes «como lesado e representante de uma Nação lesada» para solicitar: «a) a constituição de um Governo que decrete eleições e dê garantias de elas decorrerem honesta e livremente; b) a criação de uma comissão de inquérito que dê garantias de imparcialidade para apurar os abusos, violências, irregularidades, etc., cometidas». Estava convicto de que um inquérito sério apuraria que muitas eleitores não tinham podido votar «por o seu nome não figurar nos cadernos eleitorais», que muitos eleitores tinham votado no candidato da situação «por medo», que votos a favor do candidato Independente entrados nas urnas tinham sido anulados ou destruídos, que tinham sido introduzidos nas urnas fraudulentamente votar a favor do candidato da Situação, que a contagem dos votos, na ausência de fiscalização, tinha sido desonestidade.

O documento de impugnação dá numerosas exemplos das deficiências e irregularidades do recenseamento eleitoral, dos impedimentos à fiscalização, das violências, coacções e fraudes. E, a levarmos em conta os números oficiais, a um Portugal Continental com uma população de cerca de 9 milhões de habitantes correspondia um número de votantes reduzido: 1 001 138. «Em Lisboa, cidade com aproximadamente 900 000 habitantes, votaram 105 278; no Porto, com aproximadamente 400 000 habitantes, votaram 27 167». Eram patentes as deficiências do recenseamento; era evidente o desinteresse dos cidadãos por actos eleitorais que normalmente eram falsificados. Era clamorosa a incoerência dos números oficiais. Na cidade do Porto, com cerca de 400 000 habitantes e tendo registado a afluência às urnas de 27 167 eleitores, a Humberto Delgado eram atribuídos 8865 votos, e na «vila de Vila Nova de Gaia, que terá um décimo da população, se me atribuem - notava o reclamante - 7768 votos, quer dizer quase o mesmo que no grande burgo!» No distrito de Viana do Castelo, reproduzimos outro exemplo da incoerência dos resultados eleitorais proclamados, Humberto Delgado perdia na capital distrital e ganhava «em grande número de vilas e aldeias do distrito, tais como Caminha, Vila Nova de Cerveira, Valença, Afife, Carreço Areosa, Vila Fria, Darques, Freixieira de Soputelo...». Perdeu em Lisboa, mas ganhou em Sintra, em Queluz, em Loures, em Vila France de Xira, na Póvoa de Santa Iria. Onde houve «sombra de fiscalização, ou onde as autoridades se comportaram com isenção, caso de Santarém, o general Humberto Delgado, candidato Independente, alcançou vitórias.


Fernando Pitella Santos

Ganhou as eleições? A documentação de que dispomos não admite afirmar que as tenha ganho, mas são fortes as presunções dessa possibilidade. De qualquer modo é ajustada uma interpretação da sequência dos acontecimentos - e designadamente dos momentos; campanha eleitoral, recenseamento, acto eleitoral -, que conclua pela afirmação: Américo Tomaz foi o beneficiado de uma fraude eleitoral.

O documento de impugnação datado de 21 de Junho, e na redacção do qual colaboram o prestigiado jurista Dr. Fernando de Abranches Ferrão, argumenta exaustivamente contra as condições de organização dos cadernos eleitorais e em que se realizaram as eleições. A corroborá-lo, no dia 24 de Junho, e igualmente dirigido ao Presidente da República, foi divulgado um documento que tem como primeiros subscritores, o escritor António Sérgio e o professor Francisco Vieira de Almeida. Aos seus nomes juntaram-se os de personalidades em destaque na vida política e cultural portuguesa como Mário de Azevedo Gomes, Barbosa de Magalhães, Jaime Cortesão, Manuel Mendes, João de Barros, Luís Francisco Rebelo, Urbano Tavares Rodrigues, João da Silva, Mário de Castro, Francisco Pulido Valente, Albano Salema, Luís Dias Amado, Amílcar Ramada Curto, José de Magalhães Godinho, Mário Soares, Francisco Ramos da Costa, entre outros. Os signatários afirmavam: «Senhor Presidente: as eleições que, a 8 do corrente, se realizaram no país para escolher o futuro Presidente da República, foram, desde a sua origem, na formação dos cadernos eleitorais e nos prazos concedidos para a propaganda, organização das comissões de candidatura, e, mais que tudo, impressão e distribuição das listas, uma farsa indecorosa: na realização do acto eleitoral, um acervo de contradições, arbitrariedades e violências; na distribuição geográfica e fundamentação social dos resultados de apuração, um absurdo tamanho que só por si denuncia um estudado processo de viciação; e na sua totalidade, desde o começo até ao fim, uma espécie de assalto na via pública, que afronta o país e o desqualifica perante as nações civilizadas.»

Duras palavras, mas de uma dureza justificada quando se sabe que, no dia 8 de Junho de 1958, como o documento relata: «Por via de regra, os eleitores não puderam assistir ao apuramento e foram obrigados a permanecer, sob coacção, a grande distância da mesa dos trabalhos.»

Teria ganho as eleições? Não é possível à pergunta dar uma resposta certa, rigorosa. Mas a verdade é o candidato Independente ter sido roubado e as eleições terem sido «uma farsa indecorosa».

FORUM

Entreténs de Arquitectura

A AVENIDA E SANTOS E CASTRO

O início da primeira crónica desta série, justificava com algum detalhe o nome genérico da coluna: «Entreténs de Arquitectura», o que terá ficado a fazer menor sentido, já que na paginação do jornal essa designação genérica foi suprimida transformando aqueles introdutórios parágrafos — pretensiosos mas com algum sentido — em pretensiosos mas sem sentido algum.

Igualmente ficaram suprimidos uns prudentes votos de êxito na tarefa ali iniciada, votos com que terminava aquela minha primeira abordagem do tema e que me sinto obrigado a repetir que mais não seja para quebrar o enguiço.

Mas regressemos agora ao assunto principal: a Avenida da Liberdade.

Pelo que tem sido dito e escrito pode ficar-se com a ideia de que o Plano da Avenida de 70 não terá tido em conta os significativos problemas de património envolvidos, a que, ao que parece, só uma muito mais recente visão técnica e administrativa, estaria verdadeiramente atenta e pioneiramente apostada na sua defesa.

Estou longe de crer que assim seja.

Parecendo de sublinhar de passagem que a noção de património urbano é consideravelmente mais vasta do que a vulgarizada enumeração de edifícios de qualidade — o que mais tarde melhor se esclarecerá — importa desde já relembrar, que é de facto no Plano de 70 que pela primeira vez a Avenida é tomada como uma coisa em si, isto é, como um eixo urbano com definição própria, exigindo análise específica e soluções coerentes adequadas à preservação da sua unidade significativa, o que de todo em todo não seria — nem é — compatível com a simples e aditiva intervenção em sucessivos casos pontuais.

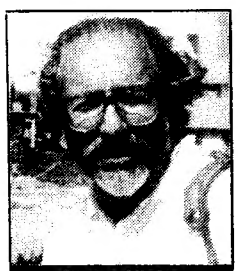
De facto, mesmo no Plano Director realizado muito antes mas aprovado já muito depois do 25 de Abril, a Avenida da Liberdade constitui um tecido intersticial sem autonomia, que se propunha fosse estudado apenas como resíduo de duas ou mais Unidades de Ordenamento, as chamadas UNOR's.

Ora ou me engano muito e julgo que não, ou o Plano da Avenida terá sido em 70 o primeiro plano a ser elaborado entre nós com o objectivo expresso de preservação patrimonial.

Estou perfeitamente à vontade para o dizer, porque o mérito da iniciativa e da sua definição de objectivos me não cabe, mas pertence a um homem de quem a este respeito, mais do que injustamente, nunca se fala: Santos e Castro.

Reconhcê-lo no entanto não significa para mim o alijar de quaisquer responsabilidades técnicas do Plano, seja nos métodos de análise e de definição do território, seja no entendimento da sua estrutura e constituição, seja na concretização das intervenções julgadas convenientes.

Nada portanto aqui da interpretação que parece ter sido avançada publicamente por um arquitecto mais novo — e até suponho que nesse caso nem sequer com intenção crítica — de considerar que o Plano tenha presidido a atitude profissionalmente menos interveniente de «lápis do poder». Que mais não seja a minha imediata demissão de coordenador do Plano, assim que o poder administrativo, ainda que simpaticamente pós-25 de Abril, veio interferir nos aspectos que apenas à coordenação do Plano cabiam, talvez possa ser disso prova.



Pedro Vieira de Almeida

Preservar o património impedindo que a especulação tudo arrasasse, como Santos e Castro programaticamente se propôs na Avenida e eu tentei levar a cabo em 70, dava direito a ser, mesmo a nível profissional alcunhado de «preservativo» com alguns óbvios comentários apoiados em vocabulário castrense do mais corriqueiro e desimaginativamente pobre. Seja como for, isso me correspondeu ser em 1970.

Assim numa rápida avaliação retrospectiva, direi que num primeiro momento, o Plano ao que parece por excesso de atenção prestada ao património foi considerado e eu incluido, de «preservativo», num segundo momento o Plano veio a ser tido como insuficiente para conter a especulação urbana, e num terceiro momento que parece coincidir com críticas que hoje são mais ou menos correntes, o Plano, em particular por alegadamente propor índices de construção excessivos, não permitiria defender capazmente o património existente, a que todos, parece, são (finalmente) sensíveis. Por agora apenas direi que algumas destas críticas não podem deixar de fazer sorrir e veremos depois porquê, mas repita-se como remate que em todo o processo de um Plano para a Avenida da Liberdade o nome de Santos e Castro não pode ser esquecido.

INTERNACIONAL

Vive-se uma situação de impasse, mas não um estado de alerta

A AMI está preparada para um possível conflito

Da nossa enviada especial, na Jordânia

«Ninguém sabe como vai evoluir a situação. Sabemos que vai haver um fluxo, que vão entrar milhares de pessoas, mas desconhecemos o dia e a hora». Fernando Nobre, urologista, director da Assistência Médica Internacional (AMI) falava à chegada da equipa portuguesa, que foi transportada no avião da Força Aérea Portuguesa, Hercules-C-130.

No aeroporto de Amã, na sala VIP, todos ficaram ao corrente da situação que se vivia na Jordânia. «Afinal, não é tão má quanto pensávamos» — comentava-se entretanto.

Os elementos da AMI esperavam encontrar um ambiente mais pesado, mais tenso. Porém, não é isso que se vive aqui. Há um impasse, uma indifinição, mas não um estado de alerta.

Para os médicos e enfermeiros da Assistência Médica Internacional foi a possibilidade de respirarem fundo, de reflectirem, de se prepararem.

Helena Pereira, otorrinolaringologista, está na AMI desde finais de 1988. A sua primeira missão foi em Cabo Verde, onde esteve quatro meses. Depois fez uma passagem pela Guiné e agora veio até à Jordânia.

«Todas as missões me entusiasmaram bastante e todas têm sido diferentes. Esta também se distingue das outras, até porque a situação em si é outra.

«Um dia, quando cheguei à AMI disseram-me que ia para a Jordânia. Não me perguntaram se queria, porque sabiam que dizia que sim. No entanto ainda pensei um pouco, mas aceitei, claro! Nunca estive numa guerra. Mas estou preparada para fazer qualquer missão.

«Ando na AMI porque gosto do projecto. Não gosto das coisas calmas», disse Helena Pereira que vai ficar um mês na Jordânia.

Luísa Gonçalves é outra médica destacada na Jordânia. Psiquiatra no Hospital Miguel Bombarda, fez uma missão em S. Tomé e Príncipe.

«Para mim esta missão é como qualquer outra. As pessoas têm necessidade do nosso auxílio e nós viemos. Gosto de me sentir útil e fiquei contente por isso. Não fazia a mínima ideia do que vinha encontrar. Vou ficar um mês, depois volto para Lisboa e espero ser chamada para outra missão. A guerra? Acho que estou preparada. Não hesitei em vir e agora que cá estou sinto-me bem. Isto não é nenhum sacrifício, muito pelo contrário: tenho um grande prazer em estar aqui».

Pela primeira vez, Ercília Pedro, enfermeira na Administração Regional de Saúde em Sesimbra, participa numa missão da AMI. Há muito que esta era a sua vontade, mas o director hospitalar nunca permitiu. Desta vez o pedido foi feito a nível governamental, e ela veio mesmo.

Ercília Pedro é enfermeira-pára-quedista. Casada com um militar, com dois filhos, sempre viveu em ambientes de guerra. Participou na descolonização e antes esteve na Guiné e em Angola.

«Estou contentíssima por estar aqui. Acho que podemos fazer um excelente trabalho. Estou preparada para o que der e vier».

Irineu, Vasco Monteiro e Ramiro Figueira (enfermeiro e médicos) são os restantes elementos da equipa que ficam na Jordânia durante um mês. Qualquer um deles já esteve em diversas missões da AMI e dizem estar prontos para mais uma. «Em relação à guerra... é melhor não falar disso», disseram.

A coordenar a missão está Jorge Gaspar, que nos explicou a alteração de alguns planos iniciais.

«A nossa intenção era trazer um jipe e um hospital de campanha. Soubemos, entretanto, que havia facilidade em alugar um carro e em termos de material existia também o suficiente. Trouxemos 12 toneladas de material, desde alimentação até medicamentos.

«Se tudo se mantiver como até agora, temos material suficiente. Em comparação com outras missões, esta está a ficar, proporcionalmente, mais cara. Se bem que a da Guiné foi a mais dispendiosa», concluiu.

Segundo Fernando Nobre, «a relação com os médicos das outras organizações tem sido excelente. Há uma cooperação muito grande. Quanto ao restante trabalho da AMI, o facto de termos vindo de urgência para a Jordânia não implica que tenhamos esquecido os nossos projectos e missões noutros locais. Em Lisboa continuam responsáveis a tratar dos assuntos.

«A missão de Moçambique está suspensa e em relação a Angola, recebemos um apelo do governo angolano. A nossa deslocação à Jordânia não foi solicitada por ninguém. Perante a situação de crise que se vivia, achámos que devíamos actuar e viemos, fomos bem recebidos e depois de cá estarmos, as autoridades jordanas pediram-nos para ficar. Esta equipa manter-se-á um mês aqui e depois será substituída por outra. Se a situação não se resolver, nos próximos meses, a AMI regressa a Portugal e ficará preparada para um apelo de urgência, se surgir», disse.

A equipa da AMI está instalada num pequeno hotel Al Ruwaised, perto da fronteira da Jordânia, a 300 quilómetros de Amã, e desloca-se diariamente para o campo de Mercy.

Gisela Oliveira

Iraque e reféns foram decisivos

Londres e Teerão reestabelecem relações

Foi bem acolhido na Grã-Bretanha o reestabelecimento, ontem, das relações diplomáticas entre Londres e Teerão, interrompidas há ano e meio na sequência da condenação à morte pelo ayatollah Khomeiny do escritor Salman Rushdie. A satisfação deriva de duas esperanças: trazer o Irão para o conjunto de nações que se opõem ao Iraque e conseguir a libertação de três reféns britânicos, entre os quais o enviado da Igreja Anglicana, Terry Waite, sequestrados no Líbano por grupos xiitas pró-iranianos.

Tanto o Partido Conservador, no poder, como Trabalhista, oposição, manifestaram a sua satisfação com o restabelecimento «imediato» - a reabertura das embaixadas está prevista para daqui a um mês- das relações entre os dois países, rompidas quando o ex-líder iraniano, ayatollah Khomeiny lançou uma *fatwa* (decreto religioso) contra o escritor britânico de origem paquistanesa, Salman Rushdie, autor dos «Versículos Satânicos», livro considerado «blasfemo» por Teerão.

Segundo um porta-voz do Ministério britânico dos Negócios Estrangeiros, as novas relações diplomáticas vão ser «baseadas no respeito mútuo», acreditando que uma série de questões entre os dois países «serão agora mais facilmente resolvidas».

O reestabelecimento das relações pode ser vista como uma vitória da ala moderada do regime iraniano, liderada pelo Presidente Rafsanjani, que preconiza uma abertura ao Ocidente e que está a conseguir impedir que o seu país rompa o embargo imposto ao Iraque.

No entanto, Rafsanjani tem enfrentado a linha dura do ayatollah Montachemi, que conseguiu o apoio do líder espiritual do Irão, Ali Khamenei, o qual, num crescendo de anti-americanismo, tem repetido apelos à «guerra santa» contras as tropas ocidentais estacionadas na Arábia Saudita.

Embora Rafsanjani também tenha razões de queixa dos norte-americanos, a quem acusa de arrogância e de nunca terem feito nada pela sua República Islâmica (sobretudo depois das provas de «boa vontade» de Teerão demonstradas com a libertação de reféns no Líbano), parece disposto a uma aproximação com os países da Europa que tire o Irão do isolamento a que foi votado pelo Ocidente desde o derrube do Xá.

Ainda ontem, no mesmo dia do reestabelecimento de relações com Londres, o regime iraniano mostrava a sua divisão, com Ali Khamenei a declarar que «os muçulmanos têm o dever de continuar as campanhas contra os EUA, contra Israel, contra os regimes reaccionários».

Redacção «DL»/ AFP

Segundo chefe do Estado-Maior soviético

«Conflito no Golfo poderá degenerar em guerra mundial»

O general Mikhail Moisseiev, chefe do Estado-Maior das Forças Armadas soviéticas, declarou que um conflito militar no Golfo vai degenerar numa guerra mundial, com uma aliança entre o Iraque e o Irão. Esta previsão pessimista do alto responsável soviético, efectuada numa entrevista ao «Washington Post», vai no mesmo sentido das feitas ontem pelo ex-Presidente norte-americano, Jimmy Carter, que afirmou que a eclosão de uma guerra é a hipótese mais provável porque os EUA e os seus aliados parecem incapazes de negociar com Saddam Hussein.

Jimmy Carter: «guerra no Golfo é a hipótese mais provável»

«Em caso de acções militares, o Irão junta-se ao Iraque. Não será apenas um conflito, será uma guerra mundial, sem glória nem para os norte-americanos, nem para os iraquianos», disse Moisseiev, que traçou um paralelo com a Primeira Guerra Mundial, quando um acontecimento «menor» degenerou num conflito mundial.

Na entrevista, hoje publicada, o general soviético declarou também que tinha dado à embaixada dos EUA em Moscovo informações técnicas sobre armas de fabrico soviético utilizadas pelos iraquianos. «A CIA já tem todas as informações de que precisa», acrescentou, ironicamente.

Mesmo assim, Moisseiev afirmou que Moscovo tem pressionado Washington para agir em comum no quadro da ONU, tentando encontrar uma solução pacífica para a crise, acreditando que «os meios políticos existem».

Quem não parece acreditar em soluções diplomáticas é o ex-Presidente dos EUA, Jimmy Carter, que ontem previu a eclosão da guerra no Golfo porque não há evidências que os países ocidentais pretendam entrar em negociações com o Presidente iraquiano. Para se evitar a guerra, era preciso haver «alguma sensatez e reticência na forma de lidar com Saddam Hussein para que este retire as suas tropas do Kuwait sem desonra».

«O nosso Governo e outros governos envolvidos com o nosso parecem não estar preparados para conversar, para negociar, para trocar ideias. Se as sanções internacionais e a pressão da comunidade internacional não convencerem Saddam Hussein a retirar-se do Kuwait, o resultado será a 'guerra total'», sublinhou Carter.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

Regresso de Ben Bella à Argélia cria receios entre os marroquinos

Políticos marroquinos reconheceram em Rabat «temer» a evolução política na Argélia e as eventuais alianças que o ex-Presidente Ahmed Ben Bella venha a fazer devido, sobretudo, ao conflito no Sara Ocidental.

Embora Ben Bella (que ontem regressou de exílio de nove anos) e os dirigentes da linha dura, seus antigos camaradas, sejam favoráveis aparentemente a uma resolução do conflito no Sara, os meios oficiais marroquinos «receiam, o agravamento da situação na região».

Ben Bella conta com alguns apoiantes marroquinos discretos, nomeadamente entre os partidos de esquerda, mas estes preferem «ver para crer».

Perante as dificuldades e a crise económica do momento, Ben Bella surge para alguns argelinos como um «salvador» da nova democracia mas, segundo analistas marroquinos, a sua força só poderá ser aquilatada nas alianças políticas que fizer a partir de agora e nas eleições legislativas de Março de 1991.

Perante a multidão entusiástica que ontem o recebeu no porto de Argel, Ben Bella apelou à luta em apoio do Iraque. Classificou de «quadrilha de bandidos» o Governo argelino e exigiu a sua demissão antes das eleições.

Elogios a Otelo

Para Ben Bella e o líder da Frente das Forças Socialistas (FFS), Hocine Ait Ahmed, Otelo Saraiva de Carvalho, que acompanhou o regresso do ex-Presidente argelino, «é um símbolo grande de libertador do povo português».

Mas para os sociais democratas e centristas argelinos, Otelo, que «foi um líder importante na luta pela democracia portuguesa» já «não tem hoje para os argelinos o mesmo significado político de libertador da ditadura em Portugal».

Redacção «DL»/AFP/Lusa

Vaticano satisfeito com o fim da repressão religiosa na URSS

Gorbachev com poderes especiais enceta medidas económicas

Fazendo uso dos poderes especiais que esta semana lhe foram concedidos pelo Soviete Supremo, o Presidente Gorbachev emitiu um decreto sobre medidas inadiáveis para a estabilização da situação económica da URSS. O decreto, que intima as empresas do país a garantirem o fornecimento de matérias primas, adverte ainda as autoridades locais de que o Kremlin não tolerará o embargo desse fornecimento até à regularização do abastecimento de produtos alimentares.

Mikhail Gorbachev determinou que, até finais de 1991, as empresas mantenham «os vínculos industriais existentes» e executem «as suas obrigações contratuais, fornecendo matérias primas, matérias de construção e sobressalentes».

O Presidente soviético incumbiu ainda o Governo do primeiro-ministro Nikolai Rizhkov, de introduzir medidas de emergência que assegurem o funcionamento dos caminhos de ferro e outros «sistemas vitais para o país».

O rabi de Moscovo, Adolf Shayevich e o metropolita ortodoxo Pitirim de Volokolansk, durante um conferência de imprensa conjunta, após a aprovação da nova lei de liberdade religiosa

Vaticano congratula-se

O Vaticano expressou expressou entretanto a sua satisfação pela nova lei soviética sobre liberdade religiosa, considerando que ela «presta justiça aos milhares de crentes» do país.

O porta-voz oficial Joaquim Navarro manifestou «grande satisfação» pela iniciativa e afirmou que o Vaticano espera agora pela aprovação dos vários artigos da lei.

O diploma sobre liberdade de consciência, prometido pelo Presidente Gorbachev quando em Dezembro passado se encontrou com o Papa João Paulo II, foi na quarta-feira aprovado na generalidade pelo Parlamento soviético.

A nova lei, que formalmente põe fim a décadas de repressão religiosa, proíbe o Governo de interferir nas actividades religiosas, dá mais garantias legais às organizações religiosas e permite o ensino religioso nas residências e escolas privadas.

Entretanto o Kremlin prontificou-se a encetar conversações com as autoridades da Lituânia sobre o futuro estatuto da república, informou o porta-voz governamental lituano, Ceslovas Jursenas.

O porta-voz comunicou ao Parlamento que o primeiro-ministro soviético, Nikolai Ryzhkov, havia telefonado à sua homóloga lituana, Kazimiera Prunskiene, para lhe propor a realização de um primeiro econtro no dia 2 de Ourubro, no Kremlin. Mas a agenda do encontro «ainda não foi elaborada definitivamente».

Os contactos entre as duas partes estão suspensos praticamente desde Julho, por Moscovo ter passado a consagrar toda a sua atenção a «outras crises», particularmente a que atinge o sector económico.

Mas a chefe do Governo lituano declarou-se céptica quanto à possibilidade de se resolver rapidamente o diferendo.

Por outro lado, o Presidente Gorbachev concordou que é ao povo da Letónia que cabe escolher se pretende permanecer no quadro da união ou existir como Estado independente fora da URSS e qual a via futura de desenvolvimento das suas relações com a União Soviética.

Num comunicado ontem divulgado pela missão da Letónia em Moscovo, a propósito do encontro entre o Presidente soviético e o presidente do Conselho de Ministros da Letónia, Ivars Godmanis, no Kremlin, indica-se que, segundo Gorbachev, a URSS está disposta a estabelecer relações normais, de Estados independentes, com a Letónia, caso ela opte pela soberania «de facto». Mas, se assim acontecer, esta república deverá realizar um referendo à população de origem não Letónia que ali habita, para conhecer a sua opinião.

De referir que o presidente do Conselho de Ministros da Letónia, citado pela Novosti, manifestou-se favorável à manutenção e desenvolvimento das relações humanitárias e económicas com a URSS, numa nova base.

Redacção «DL»/ Novosti/Lusa

Dissidências na delegação da UNITA em França

Dois altos representantes da UNITA apresentaram há cerca de duas semana a demissão das sua funções na representação em Paris. Mateus Chiako, vice-representante da UNITA, e Domingos Miranda, secretário da Informação, dirigiram uma carta ao representante do movimento rebelde na capital francesa, Lucas Paulo Gato, que se encontra presente na a quarta ronda de conversações MPLA/UNITA a decorrer em Sintra. Uma missiva do mesmo teor foi recebida pelos representantes da UNITA em Portugal, na semana passada, afirmaram ao «DL» fontes próximas da UNITA em Lisboa.

Os motivos que estão na base destas duas dissidências prendem-se, segundo revelaram as mesmas fontes a discordâncias com os «métodos ditaturiais» empregues pela UNITA, e a «incompatibilidades» com o responsável máximo em Paris, Paulo Gato.

O «DL» procurou confirmar estas informações junto da representação da UNITA em França e em Lisboa, mas não conseguiu entrar em contacto com nenhum representante do movimento. No entanto, caso se elas se venham a confirmar, estas duas disseidências poderão ser consideradas como as duas maiores registadas na UNITA nos últimos anos. Em 1987, recorde-se, um movimento de contestação no seio do movimento rebelde surgiu na delegação em Portugal, envolvendo vários estudantes daquela organização.

Mateus Chiako, 34 anos, fez parte do primeiro grupo de estudantes da UNITA que saiu da Jamba para receberem formação no estrangeiro. É da família de Zau Puna, secretário-geral dos rebeldes e número dois da UNITA. Chiako, natural de Cabinda, para além do cargo de vice-presidente da UNITA, em França, onde se formou em direito, dirigia também a revista «Kwacha Internacional».

Domingos Miranda, 30 anos, esteve em Portugal até 1983, onde assumiu funções de secretário geral da JURA (Joventude Unida Revolucionária de Angola). Actualmente encontrava-se também a terminar o curso de Direito em França.

Dificuldades nas conversações MPLA/UNITA

Fontes próximas da embaixada angolana em Lisboa informaram ontem ao «DL» que o clima de optimismo que rodeou inicialmente a quarta ronda de negociações MPLA/UNITA, a decorrer nas instalações da Força Aérea em Sintra estava a ser perturbado novamente pela questão do reconhecimento do estatuto da UNITA como força política. As negociações, que vão já no quarto dia de trabalhos, prolongaram-se até à madrugada de hoje, esperando-se que até ao final do dia Durão Barroso possa dar uma conferência de Imprensa divulgando as principais conclusões dos encontros.

B R E V E S

EUA/URSS anunciam avanços nas negociações CFE

O Secretário de Estado norte-americano James Baker e o ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Eduard Shevardnadze anunciaram, ontem em nova Iorque, que Washington e Moscovo chegaram a um acordo de princípio sobre a redução de material militar e que um compromisso estava prestes a ser alcançado no que se refere à diminuição do número de aviões de combate dos dois países, no âmbito das negociações sobre do desarmamento convencional na Europa (CFE).

Social-democratas da RFA e da RDA unificam forças

Os dois partidos social-democratas da RDA e da RFA (SPD) decidiram proceder à fusão dos dois partidos, durante um Congresso efectuado entem em Berlim. A cinco dias da reunificação alemã os 551 delegados da RFA e da RDA decidiram por unanimidade adoptar o «Manifesto sobre a restauração da unidade do partido social-democrata da Alemanha».

Savimbi acusa Luanda de utilzar alimentos tóxicos

o líder da UNITA, Jonas Savimbi, acusou hoje o Governo de Luanda de usar os fornecimentos alimentares à população carênciada como uma arma na guerra civil. « O nosso povo não pode receber auxílio alimentar do exército angolano porque eles atacam-nos com bombas tóxicas e aproveitariam esta oportunidade dourada para nos enviar comida envenenada», disse Savimbi.

QUOTIDIANO

EDITORIAL

Carta aos leitores do «Diário de Lisboa»

continuação da pág. 1

De Dezembro de 1989 até hoje, e salvaguardadas as coisas que sempre há a aperfeiçoar, o «Diário de Lisboa» renovado deu as suas provas - em qualidade jornalística e autonomia perante os poderes. De um modo geral, apesar da modéstia da difusão, sentimos à nossa volta, de diversos e contraditórios quadrantes de opinião, um clima de reconhecimento e de estímulo. Não o entendeu bastante a empresa proprietária: já expressamos a nossa discordância e o nosso protesto na carta de demissão («DL», 24 de Setembro de 1990), não vamos repeti-los aqui.

Ao escolhermos o modelo que escolhemos, não ignorávamos nem a modéstia dos meios, nem a dificuldade de conciliar uma actividade criativa e intelectual com os imperativos do mercado - mas preferimos optar pela qualidade. Fizemo-lo com dificuldades inúmeras resultantes de uma estrutura frágil e artesanal, mas também com alegria, com prazer, com entusiasmo, partilhados por uma redacção que, tal como os restantes trabalhadores, não nos regateou o seu apoio. Apesar de insuficiências várias, introduziram-se formas e conteúdos inovadores no modo de conceber, em Portugal, um jornal diário (o tratamento aprofundado de sondagens, a colaboração estreita com meios universitários, os grupos de trabalho sobre temas específicos). Tivemos connosco um conjunto de colaboradores de grande qualidade. Pouco tempo depois, tudo aquilo que constituia, na nossa perspectiva, o contributo mais específico do nosso jornal, era alvo de depreciação sistemática por parte de alguns dos que, na própria empresa, esperávamos fossem dos primeiros a apoiar-nos.

O culto do mercado - a Leste e Oeste, a Norte e Sul - é um dos sinais do tempo. Longe de nós negligenciar a importância do jornal, enquanto mercadoria, para o êxito de um projecto como era o nosso, mas nenhum jornalista digno desse nome reduz a essa dimensão o produto do seu trabalho. Nós, francamente, também não. Confessamos - mesmo que isso se volte contra nós - que nos recusamos a confundir a indústria dos jornais com a das mobílias ou a dos sapatos, ressalvado o respeito que lhes é devido. Quem nos contratou já sabia disso - e não nos pediu nada que fosse contrário ao nosso modo de pensar.

Depois dos 22 anos da direcção anterior, tivemos menos de 10 meses para mostrar o que valíamos. Era pouco tempo, mas - perdoem-nos a falta de tacto e de modéstia - queremos crer que para os nossos leitores, como para nós, foi uma aventura que valeu a pena viver.

Mário Mesquita e Diana Andringa

Afirmando-se vítimas de interesses imobiliários, os moradores das torres da Quinta do Morgado vão recorrer às altas instâncias

Mutilados mobilizam-se contra a Cruz Vermelha

Os moradores da Quinta do Morgado acusam a Cruz Vermelha Portuguesa de «vender a alma ao Diabo». Reunidas ontem, em plenário, decidiram pedir audiências ao Presidente da República, ao Ministro da Defesa e ao presidente da Câmara Municipal de Lisboa. As cerca de 240 famílias que habitam as seis torres da Cruz Vermelha, no bairro da Encarnação, garantem que a instituição está a esquecer os seus estatutos e os compromissos assumidos por anteriores direcções, transformando-se numa espécie de «agência imobiliária».

Segundo os moradores, todos eles mutilados de guerra, deficientes civis ou indivíduos de fracos recursos económicos, as casas que habitam foram-lhes entregues, há 18 anos. Terreno cedido a preço simbólico pela Câmara Municipal e peditório feito em nome dos mutilados custearam a construção das seis torres agora avidamente disputadas.

«Hoje, a Cruz Vermelha Portuguesa pretende rentabilizar as torrres e, sob o regime de propriedade horizontal, vender por um preço unilateral e exorbitante» afirma o major Calvinho, um dos responsáveis da comissão coordenadora de moradores, eleita para dialogar com a instituição.

«Chegámos a propor a constituição de uma cooperativa de habitação, de modo a podermos ser nós a comprar as casas mas a hipótese foi, pura e simplesmente, ignorada pela Cruz Vermelha», adianta.

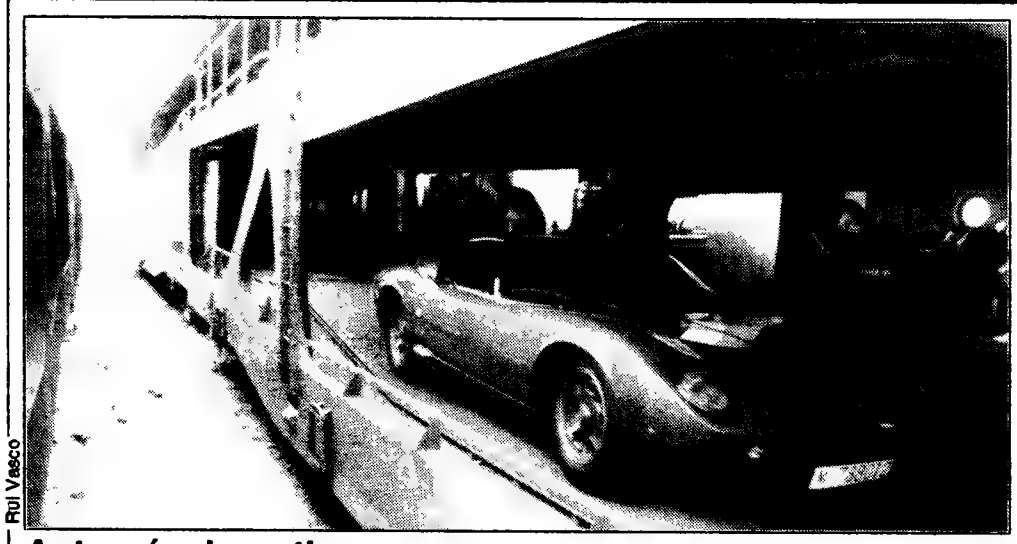
«Mas enquanto pudermos, lutaremos pelos nossos objectivos e, caso não sejamos atendidos, não abdicaremos de nenhuma prerrogativa, incluindo as instâncias judiciais», disse Calvinho.

Morador numa das torres, Sá Flores, invisual, está também disposto a lutar pelo que considera seu, de direito. De microfone na mão, garante que «já tem cabelos brancos e está farto de guerras». No entanto, se preciso for, vai manifestar-se junto da sede da Cruz Vermelha Portuguesa e mesmo para a frente da Assembleia da República. A plateia aplaude, o convite está aceite. Numa cadeira de rodas, Emílio Sousa passou já 17 dias de vigília, anos atrás. Mais um dos muitos mutilados de «uma injustiças do Ultramar, um autêntico despojo de guerra», como se lhes refere o comunicado, está disposto a repetir a experiência. Também ele sente, agora, na pele, a perspectiva de uma acção de despejo, 18 anos depois de «ter sido utilizado como estimulante para esmolas e dádivas». É que, segundo afirmam, os custos de construção não foram suportadas pela instituição.

«Em 72, fizémos um peditório nacional e reunimos dinheiro mais do que suficiente para a construção das torres» garantem os moradores.

Agora, segundo o comunicado dos moradores, a Cruz Vermelha pretende vender «um património espiritual constituído à custa do sangue dos soldados portugueses, património esse que a materializar-se, assumiria as proporções grotescas de níveis de juro perto dos 100%».

Um autêntico dossier do processo foi, entretanto, elaborado pela comissão. Ontem, depois de reafirmado o apoio dos moradores, na votação do plenário, os trinta e cinco elementos da comissão garantiram estar dispostos a «apelar a tudo e a todos para encontrar uma solução humana e condigna para cada caso».



Rui Vasco

Automóveis antigos. Com a participação de 89 concorrentes, iniciou-se esta manhã o 3º Rallye de Automóveis antigos a Troia. Os carros dividem-se nas categorias de Veteranos, Vintage e Classic Cars. Os mais antigos são um Buick D44 e dois Packard Twin Six, todos de 1916. De Espanha vieram nove carros. O mais valioso é um Lamborghini Miura de 1969. Vale cerca de 56 mil contos. Mas para os concorrentes espanhóis as coisas não começaram da melhor maneira. À chegada a Santa Apolónia esperava-os um festival da nossa mais retrógrada burocracia, protagonizada num funcionário da Alfândega que, ao atraso de uma hora do Lusitânia Expresso, somou outra hora de trâmites absurdos.

Massamá exige demissão de Troni

«Tráfico de cunhas e de influências» utilizando «medidas coercivas» que violam as determinações da própria lei é a acusação de que o secretário de Estado Adjunto do Ministro da Educação é alvo, e que foi esta manhã denunciada, em conferência de imprensa, por representantes da comissão instaladora da Federação das Associações de Pais e Encarregados de Educação do Concelho de Sintra (FAPSintra).

Em causa está a imposição, à Escola Secundária de Massamá, da matrícula de um aluno no 12º ano de escolaridade que, segundo sustentaram os representantes da FAPSintra, não preenchia os requisitos necessários para a sua efectivação.

Alarcão Troni, secretário de Estado Adjunto do ministro Roberto Carneiro, utilizou instrumentos governamentais - dois despachos emanados do seu prórpio gabinete - para impôr àquele estabelecimento de ensino a frequência do aluno «aparentemente seu protegido» e, apesar de violar com estas determinações o estabelecido na lei quanto às prioridades de colocação de estudantes, mandou instaurar um inquérito à escola pela Inspecção-Geral de Ensino.

Da situação - de que Roberto Carneiro já tem conhecimento - resultou a aprovação, por unanimidade, de uma moção em que 12 conselhos directivos e 16 associações de pais das 22 escolas do concelho de Sintra «repudiam veementemente» a actuação do secretário de Estado, «exigindo a sua demissão».

Guiné abre apetite

Promover a Guiné-Bissau como destino turístico reuniu ontem, no restaurante do aeroporto, umas dezenas de pessoas (especialistas em turismo, agências de viagem, companhias de aviação e jornalistas) em torno de saborosos pitéus de carregado sabor africano.

Com alguns pequenos incidentes de percurso. O petipache, que deveria ser de ostras, foi-o de berbigão, mas «mestre» Luís Gomes, o cozinheiro da embaixada que foi explicar como era ao «chefe» Daniel Mouxaber, um argentino que reina na cozinha portuguesa do aeroporto, lá resolveu a coisa com o melhor dos sabores. É coisa simples e delicosa para experimentar lá em casa: um refogado, um pouquito de tomate e o arroz e o miolo de berbigão. Está feito, e é uma maravilha.

Depois, veio à mesa o chavéu de frango (que, por acaso, era de galinha, sem grande inconveniente) à moda da terra.

Nada mais simples do que cozer o frango, coar o caldo e acrescentar-lhe um outro: o da pasta de chavéu. E esse é que é mais difícil, pois se trata de um fruto que não aparece nas nossas bandas e foi necessário encomendar expressamente. Salada de frutas tropicais, doces de mancarra, de batata doce e manga assadinha, papaia, banana madura fecharam o repasto, promovido pela Esta, uma empresa de gestão de hoteis, que dirige em Bissau o Hotel 24 de Setembro. Alguns discursos, entre os quais o do embaixador da Guiné-Bissau, puseram em relevo as boas perspectivas turísticas daquele país.

R. A.

Entre S. Luís e Cercal

Fogo em Odemira mobiliza duzentos bombeiros

O fogo que deflagrou quarta-feira numa zona florestal entre as povoações de S. Luís e Cercal do Alentejo continuava esta manhã a lavrar com bastante intensidade, embora menos violento do que durante a noite passada.

No combate ao incêndio estão envolvidas 22 corporações de bombeiros de todo o concelho de Odemira e de regiões vizinhas, com mais de 200 homens e 50 viaturas, para além de cerca de 40 elementos da Guarda Nacional Republicana.

O sinistro, que consome mato e eucaliptos, chegou a ser dado como extinto na manhã de ontem mas reacendeu-se pelas 13 horas e 40.

A proposta de enquadramento profissional da administração não deixou ninguém satisfeito, pelo que o Sitra e a Festru admitem apresentar uma proposta conjunta

Carris: carreiras voltam a juntar sindicatos

O prazo dado pela Comissão Administrativa da Carris aos sindicatos para a entrega de contrapropostas sobre o regulamento de carreiras termina hoje e, segundo o DL apurou, as críticas ao documento da empresa são muitas. As organizações sindicais com maior representação - Sitra e Festru - encaram já a hipótese de se unirem para a apresentação de posições conjuntas.

Depois de um período de acusações mútuas entre as duas estruturas devido à desconvocação da greve que estava agendada para o início deste mês, decisão tomada após a apresentação, pela administração, de uma proposta de enquadramento profissional (um dos quatro pontos do caderno reivindicativo comum), Sitra e Festru voltam a sentir a necessidade de conjugação de esforços.

Em comunicado ontem emitido, o Sindicato dos Transportes Rodoviários e Afins (Sitra-UGT) apresenta as suas propostas de alteração, e anuncia que está «totalmente disponível para, em conjunto com os restantes sindicatos da Carris, analisar as situações decorrentes de profissões de outros sectores não representados por este sindicato».

Também a Federação dos Sindicatos dos Transportes Rodoviários e Urbanos (Festru-CGTP) «está disponível para analisar hipóteses futuras de propostas conjuntas, desde que isso viabilize uma mudança de opinião da administração a favor dos trabalhadores», segundo afirmou ao DL Arménio Carlos.

No entanto, e apesar da rejeição comum a determinados pontos da proposta da administração, as duas organizações não estão completamente em sintonia, devido ao carácter específico de cada estrutura. Enquanto o Sitra é um sindicato essencialmente representativo do pessoal do tráfego, já a Festru, como federação, representa todos os sectores de laboração da empresa, e daí as nuances das suas declarações.

No seu comunicado, o Sitra ressalva que toma «posição pelo conjunto de profissiões ligadas ao tráfego e que são as que representamos mais expressivamente, sem ignorar ou desprezar o conjunto dos trabalhadores da Carris».

A federação da CGTP, por sua vez, considera que a proposta da administração «é má, porque não contempla a maioria dos trabalhadores».

Uma proposta para todos ou só para uma minoria?

Não às arbitrariedades

As principais críticas dos sindicatos ao documento da empresa referem-se aos critérios para o acesso aos diferentes grupos profissionais que, segundo afirmam, passam a estar sujeitas à opinião da administração, de forma arbitrária.

«Os trabalhadores só podem chegar topo da carreira por indicação das chefias, situação que o Sitra não aceita, por permitir todas as arbritariedades. Pensamos que as promoções devem obedecer a outros valores, nomeadamente ao tempo de serviço», disse ao DL José Brandão.

Também o tempo de permanência dos trabalhadores em cada grupo é contestado pela estrutura sindical, que contrapõe, aos 10 anos propostos pela empresa, quatro.

Por fim, o Sitra pretende ainda a actualização do subsídio de agente único para 33 por cento, uma vez que a empresa, no seu documento, prevê o aumento de determinados subsídios, nomeadamente os de chefia, sem, no entanto, ter em atenção os daqueles funcionários.

Cheque em branco

A Festru, por sua vez, para além de não concordar com a proposta de enquadramento profissional, faz a tónica no facto de se manterem em aberto os restantes pontos do caderno reivindicativo: redução do horário de trabalho, actualização salarial e manutenção dos direitos adquiridos.

«A proposta da empresa resulta de os trabalhadores terem apresentado um caderno reivindicativo, e foi numa perspectiva divisionista que a administração apresentou o texto do regulamento de carreiras», afirmou ao DL Arménio Carlos, para quem o aparecimento do documento apenas pretendeu desviar a atenção do pessoal da Carris das suas outras reivindicações.

As críticas da estrutura da CGTP baseiam-se igualmente no sistema de promoção dos funcionários da empresa, que consideram discricionário: «A proposta da empresa foi redigida de uma forma que dá à administração todas as possibilidades de promover, ou não, os trabalhadores. Ao aceitá-la, passavamos à empresa um cheque em branco».

Segundo Américo Nunes, «os critérios de passagem de nível devem ser transparentes, e não estarem dependentes da vontade da administração».

A contraproposta da Festru aponta como solução para as promoções a realização de concursos e a avaliação regular das capacidades dos trabalhadores. Por outro lado, considera que o regulamento de carreiras «não está dissociado do aumento da grelha salarial».

E. A.

Relançamento de actividade dos Amigos da Terra

Campanha contra eucaliptização atravessa fronteiras

A associação portuguesa de ecologistas Amigos da Terra vai desenvolver iniciativas para divulgar internacionalmente o «desastre ambiental que é a eucaliptização em Portugal». António Eloy, dirigente desta organização, disse ontem que com esse objectivo já se deslocou a Portugal uma equipa de televisão inglesa. Estão também a ser desenvolvidos contactos com suecos para o mesmo efeito.

António Eloy revelou que a federação Friends of Earth vai proporcionar a reabertura da sede dos Amigos da Terra

«Pretendemos fazer um grande programa para denunciar a situação que se vive actualmente um pouco por todo o território», explicou Eloy. Outras iniciativas divulgadas pretendem assinalar o «relançamento» da associação, cuja actividade esteve parada um ano por dificuldades económicas.

Segundo António Eloy, «o rompimento de contratos que mantínhamos com a Secretaria de Estado do Ambiente e a ignorância e a hostilização a que aquele departamento nos tem votado foi o principal responsável pelas dificuldades que atravessámos nos últimos tempos».

O ressurgimento ocorre depois da realização da 20ª assembleia anual da federação Internacional Friends of Earth, que os Amigos da Terra integram. A federação, que engloba organizações ecologistas de 50 países, vai dar o apoio que permitirá a reabertura da sede da organização em Lisboa e o lançamento de várias iniciativas -- disse António Eloy.

Em relação à divisão existente actualmente no seio do Partido «Os Verdes», os Amigos da Terra «vêem com muito interesse o possível desenvolvimento de um novo partido ecologista em Portugal», com quem admitem colaborar, embora não colocando em causa a continuidade da associação.

O lançamento de uma campanha de protecção à borboleta, a criação de uma base de dados conjunta com países africanos e a participação numa campanha internacional para preservação da região mediterrânica são algumas das iniciativas agendadas para breve pelos Ami-gos da Terra.

Outra das exigências da associação é a divulgação e tradução do estudo sobre o impacte do mercado único realizado por uma comissão nomeada para o efeito pela CEE e que, segundo António Eloy, «traça um quadro grave das regiões periféricas da Europa em que Portugal se insere». Aquela omissão «revela o menosprezo com que as questões do ambiente têm sido tratadas pelo respectivo ministério», frisou.

CONFECÇÕES
STAHL

CONFECÇÕES
EM CABEDAL
E ANTÍLOPE

CONFECCIONAMOS
E
ARRANJAMOS

PREÇOS
ESPECIAIS
PARA LOJISTAS

AV. MARQUÊS DE TOMAR,
68-1.º ESQ.º
TELEFONE 77 11 58

cambridge
school

INGLÊS
FRANCÊS
ALEMÃO
PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS

ANO LECTIVO
90/91
INSCRIÇÕES IMEDIATAS

LISBOA - Av. da Liberdade 173 - 1200 LISBOA - Tel. 3527474 (6 linhas)
- Av. Guerra Junqueiro 6-1-Dt.º - 1000 LISBOA - Tel. 8484544-899601
- Av. do Uruguai 6-1 - 1500 LISBOA - Tel. 7141824-7143170
ALMADA - P.ª do MFA 12-1 - 2800 ALMADA - Tel. 2760234-2753216
PORTO - R. Duque de Terceira 361-1 - 4000 PORTO - Tel. 560360-561130
COIMBRA - P.ª da Republica 15 - 3000 COIMBRA - Tel. 34964-29265
FUNCHAL - R. da Carreira 240-1 - 9000 FUNCHAL - Tel. 43716-41067

grafe 9190

A memória em dia sobre a vida e a carreira de Tina Turner. Um pouco da história de três décadas da soul, *do* rhythm and blues *e do* rock'n roll. *O que se sabe sobre o seu concerto de amanhã no estádio José Alvalade. A sua arrumação na prateleira dos* sex symbols, *a resposta da aventura fascinante de uma lutadora.*

Uma força da natureza

Tina Turner aparece na cena musical internacional nos anos 60. Nessa altura privilegiava, ao lado de Ike Turner, os *rhythm and blues*, estilo praticamente ultrapassado na sua carreira a solo. Actualmente, a qualidade e gosto da sua produção musical deixam muito a desejar. Intactos só a sua voz e magnetismo. Tina é uma daquelas criaturas que nasceram para os palcos. É nas *tábuas* que ainda hoje reside a sua força e encanto. Mesmo sem se gostar das suas cançonetas, ninguém pode resistir à sua presença. E um concerto seu é sempre um espectáculo inesquecível. Felina, trovão, símbolo sexual e obscena são alguns dos adjectivos que grande parte da Comunicação Social de todo o mundo utiliza para a definir. Exagero desnecessário e injusto. Tina é, isso sim, uma força da natureza. Não foram as suas pernas e corpo, espantosamente conservados aos 50 anos, que fizeram de si uma vedeta, mas sim a forma como se levanta após cada recaída emocional ou musical, o seu profissionalismo e maneira únicas de cantar e dançar. Com esta sua "Foreign Affair Tour" abandona os palcos, e é inegável a contribuição por si dada ao espectáculo musical. Tina Turner é mais uma das lendas vivas do *rock'n roll* que lamentavelmente só agora podemos ver, ao vivo, em Portugal.

Uma vida atribulada

Tina Turner é o pseudónio de Anna Mae Bullock nascida em Nutbush, Tennessee, a 26 de Novembro de 1939. Filha de um pregador baptista e de uma índia cherokee, é pela mão de seu pai, na igreja em que celebrava culto, que aprende a cantar. Em 56, depois da separação dos pais, Tina parte com a sua mãe e irmã para Saint-Louis. É aí que começa a tomar contacto com alguns músicos, nomeadamente os Kings of Rhythm do seu ex-marido Ike Turner, com quem viria a formar o duo mais famoso da *soul* e dos *r&b*.

Mãe de quatro filhos, dois de Ike, após o seu divórcio, é a ela que cabe o sustento da família. Actua em festas de magnatas do petróleo, bem como em cabarés, até conseguir iniciar uma carreira a solo. Bicho de palco, o seu sucesso não se limita à música. Fez teatro e cinema. E é esta última arte a que mais a fascina e à qual pensa dedicar-se a tempo inteiro, após o abandono da sua carreira musical ao vivo.

O duo Ike and Tina Turner

Uma noite, em St Louis, no bar em que actuavam os Kings of Rhythm, Tina sobe pela primeira vez ao palco, passando a actuar regularmente com o grupo. Mas o primeiro disco com Ike só acontece em 1960, e por mero acaso. A cantora que deveria gravar o tema "A Fool in Love", de Ike Turner, não compareceu à gravação e, numa situação de recurso, Tina substitui-a. A canção foi um êxito de vendas e forma-se então o duo, passando Tina a ser figura central dos concertos. Sucedem-se os temas com sucesso e as mudanças de editoras. Em 66, o duo encontra o produtor Phil Spector que paga 20 mil dólares a Ike para poder produzir Tina sem a sua interferência, contudo "River Deep Mountain High" não passa do 88º lugar do top americano. Sendo um enorme sucesso em Inglaterra. Embora ainda só no circuito do *r&b*, nos EUA, em Inglaterra atingem o estrelato.

Só em 1970 é que finalmente, com uma versão de "I Want to Take You Higher", dos Sly and The Family Stone, o público norte-americano os começa a idolatrar. Período que atinge o seu auge, em 71, com a inesquecível versão de "Proud Mary", dos Creedence Clearwater Revival. Conquistando o duo, posteriormente, o primeiro disco de ouro com o duplo ao vivo "Live at Carnegie Hall". O último êxito de Ike and Tina Turner é de 75 e chama-se "Baby Get it On".

Tina sem Ike

É com a descoberta do budismo por Tina, em 76, que a sua vida muda. Separa-se de Ike, que acusa de maus tratos, vindo a conseguir uns meses mais tarde o divórcio. É o início da sua *travessia do deserto* . Com uma família para sustentar, começa a inevitável rota dos cabarés.

Em finais de 79, Tina encontra Roger Davies, um promotor australiano à conquista da América. Está cheia de dívidas e não tem contrato com nenhuma produtora discográfica, continuando a actuar em *night clubs*. Davies faz-lhe alterações na banda e arranja-lhe concertos noutros circuitos.

Em 81, aparece um convite de Ian Craig e Martyn Ware dos Heaven 17, para Tina cantar "Ball of Confusion", dos Temptations. É o princípio de uma nova era. Em 1983, esgota durante várias noites o The Venue, de Londres. Também os EUA começam a dedicar-lhe atenção com a edição de "Let's Stay Together". Após uma digressão por Inglaterra, Tina continua a fazer primeiras partes de outros, nesta altura de Lionel Ritchie.

Estoira a bomba com o lançamento de "What'Love Got to Do With it". E o sucesso passa a ser irreversível com a edição do LP "Private Dancer". Os contratos chovem e, em 85, Tina é vedeta no Brasil, no Festival Rock in Rio. Ganha os Grammies para o Disco do ano, Canção do Ano e Melhor Vocalização Feminina com o "What's Love...". Em Março, é a vez do seu aparecimento na Wembley Arena. Um ano depois nasce "Typical Male", seguindo-se "Break Every Rule" que dá lugar a uma digressão mundial que só vem a terminar em meados de 88. É o auge de uma carreira de aceitação popular, culminando com "Foreign Affair" que deu nome à *tournée* que marca o seu afastamento dos palcos.

Grandes amigos

Os primeiros a ajudarem Ike and Tina Turner a conquistar *um lugar ao sol* na cena musical internacional foram os Rolling Stones,

Dados sobre o concerto de Tina em Lisboa

Tina Turner - Foreign Affair Tour 1990.

Estádio José Alvalade - Sábado, 29 de Setembro, às 22horas.

Primeira parte: às 21h, a cargo da banda pop portuguesa Delfins.

Músicos que acompanham Tina Turner: Jack Bruno - bateria; Timmy Cappello - saxofone, teclas, percussão e harmónica; Bob Feit - baixo; Ollie Marland - teclas e voz; John Miles - guitarra e voz; Kenny Moore - piano e voz; James Ralston - guitarra e voz; Annie Behringer - coros; Lejeune Richardson - coros.

Concepção de palco - Mark Fisher.

Desenho de luzes - Patrick Woodroffe.

Coreografia - Tina Turner, Leslie Baxter e Wanda Rokiki.

Arranjos musicais - Tina Turner.

Duração de "Foreign Affair Tour": aproximadamente duas horas.

Preços: 4000 escudos (relva e bancada sul); 5000 escudos (bancadas laterais); no dia do concerto acrescidos de 500$00.

Produção nacional: R&B

Promoção: Propalco

Dados técnicos: som - 120.000 watts; luz - 900.000 watts; comitiva de Tina Turner - 160 pessoas (músicos, técnicos e assistentes); número de elementos envolvidos na produção nacional - cerca de 500; instalações no estádio José Alvalade - 4 camarins individuais, 8 escritórios, uma sala de convívio, uma sala VIP e uma sala de imprensa

Abertura das portas do estádio: às 17h30; à entrada haverá detectores de metais, estando interditas no recinto máquinas fotográficas, câmaras vídeo, latas e garrafas.

Aunty Entity, personagem interpretado por Tina Turner em "Mad Max III"

A.M.A. Auto Monumental de Arroios S.A. ®
Audi
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA
Av Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

Tina Turner: a mulher dos sete fôlegos

quando, em 66, convidam o duo para fazer a primeira parte de uma digressão sua. O que se viria a repetir três anos mais tarde, durante a sua *tournée* nos Estados Unidos. E é esta banda inglesa que lhe dá a mão, quando convida Tina Turner, em 81, no início da sua carreira a solo, para fazer a primeira parte da sua digressão. Depois, todas as portas se começaram a abrir. Uma amizade que nunca mais abandonou Tina, que veio a ser a principal *professora de dança* de Mick Jagger, com quem apareceu num dueto no Live Aid.

Outros terão sido determinantes no apoio que deram à cantora. Entre eles contam-se David Bowie, que publicamente anuncia ser Tina a sua cantora preferida. Rod Stewart, seguindo o exemplo dos Stones, também a convida para fazer a primeira parte de um concerto seu em Los Angeles, em 81, transmitido via satélite para todo o mundo.

É inegável que Tina Turner constrói uma carreira por mérito próprio, mas os apoios recebidos destes grandes nomes do *rock* internacional não terão sido alheios ao seu sucesso.

Outras artes

A par da sua actividade musical, Tina Turner criou já algumas figuras inesquecíveis para o cinema. Ninguém conseguirá, como ela, encarnar de forma tão convincente a Acid Queen do filme feito com base na ópera-rock "Tommy", da autoria dos Queen.

O mesmo se pode dizer da fascinante Aunty Entity, de "Mad Max III", ao lado de Mel Gibson, e que lhe valeu o prémio da NAACP, para a Melhor Actriz. Aliás, o tema do filme "We Don't Need Another Heroe", é um dos seus maiores sucessos como solista. As suas qualidades de actriz ainda estão por confirtmar. Se por três vezes não tivesse recusado o papel principal de "A Cor Púrpura", de Spielberg, seria mais fácil saber até onde podem chegar os seus talentos cinematográficos.

Maria José Belo Marques

Pistas sobre a personalidade de Miss Tina

O melhor momento da sua vida: conseguir o primeiro lugar dos *tops* com "What's Love Got To Do With It" e saber, no mesmo dia, que era seu o *papel* de Aunty Entity em "Mad Max III - Para além da Cúpula do Trovão".

Comida preferida: tailandesa, italiana e chinesa.

Bebida preferida: de dia - Pepsi (claro! Para que servem os amigos?) ou água mineral; de noite - *champagne* Cristal.

Cidades preferidas: Londres pela cultura; Paris pelo estilo; Munique pela excitação e as compras; Roma pela moda; Nova Iorque pelos muscus.

Carro preferido: Mercedes ou *jeep*.

Heróis e heroínas: Princípe Carlos, Presidente Kennedy, Martin Luther King, Jackie Onassis e Basil Fawlty.

Os gostos: decoração de interiores; gelado de baunilha; dias de chuva; fazer compras; conduzir camiões (sic!).

Os ódios: *prima - donnas*; ropas de *polyester*; atender o telefone; pessoas que se engasgam a falar.

Livros preferidos: "The Delicate Dependency" de Michael Talbot; "The Bog" de Michael Talbot; "Os Casamentos Entre as Zonas 3, 4 e 5" de Doris Lessing; "Drácula" de Bram Stoker; "The Guardians of the Tall Stones" de Moyra Caldercott.

Séries de televisão preferidas: "Fawlty Towers", "Cheers, Aquele Bar"; "Twilight Zone - Quinta Dimensão"; "Monty Python".

Actores e actrizes preferidos: Charles Laughton; Lawrence Olivier; Mel Gibson; Christopher Lambert; Joan Crawford; Bette Davis; Ingrid Bergman.

Filmes: "Aliens, O Recontro Final"; "Por favor não mexam nas velhinhas"; "Casablanca"; "Blade Runner"; "o Exterminador Implacável"; "Os Comandos da Morte"; "o Choque dos Titãs"; "A Guerra das Rosas"; "Shining".

Guitarristas preferidos: Mark Knopfler; Terry Britten; Eric Clapton; Robert Cray; Keith Richards.

Um Apoio TABAQUEIRA

QUOTIDIANO

Fragmento de vidro dentro de garrafa de cerveja: campanha?

Achado insólito

Num restaurante do Cacém, apareceu uma garrafa de cerveja «mini», da marca «Sagres», em cujo interior se vê nitidamente um pedaço de vidro. O recipiente em questão encontra-se nas instalações do «DL», encaminhado por mãos que solicitaram a denúncia de tão desagradável e perigoso «descuido».

Não é a primeira vez que coisas destas são motivo de notícia nos jornais portugueses. Já têm sido inclusivamente relatados achados bem mais estranhos do que este, pela impossibilidade que evidenciam de os objectos em questão terem sido introduzidos na garrafa através do gargalo.

Os jornalistas que têm visitado a fábrica da Vialonga, a convite da empresa produtora, sabem que o sistema de fabrico da «Sagres», muito moderno, não permite ocorrências deste tipo. A garrafa que chegou às nossas mãos ostenta, além disso, o prazo de Agosto de 1989, facto cuja importância não deixa, também, de se salientar. Nestas circunstâncias, há quem fale em campanha contra a marca em questão. Não sabemos: os factos são os aqui relatados.

É já na próxima semana que terá lugar, em Lisboa, a segunda edição da Expolíngua, uma das mais prestigiadas iniciativas da especialidade

Língua e cultura portugesas protagonizam certame internacional

Perspectivar as repercussões da proximidade da plena cidadania numa Europa comunitária nas suas dimensões multilinguisticas e multiculturalistas é a «pedra de toque» do 2º Salão Português de Línguas e Culturas - a decorrer em Lisboa nos próximos dias 2,3 e 4 de Outubro -, um dos mais importantes certames internacionais da especialidade.

Apesar de especialmente consagrada à língua portuguesa e à sua extensão no mundo - quer na comunidade lusófona quer nos mais diversos países em que a implantação da cultura portuguesa tem sido uma «realidade crescente» - esta iniciativa assume uma especial particularidade e um sentido central: ultrapassadas que estão as barreiras políticas e, de algum modo, as geográficas, contribuir para o esbatimento daquelas que advêm duma comunidade de doze países que falam nove línguas diferentes.

Assim, se se revela de capital importância a aproximação, através da língua, dos duzentos milhões de indivíduos que, espalhados pelos quatro cantos do mundo, falam o português, a aproximação de um alargado mercado comunitário, de livre troca de bens e pessoas, acarreta em si a necessidade de também os portugueses falarem cada vez mais - e melhor - outras línguas.

É neste contexto que, reeditando uma inicativa que já teve lugar no passado ano - o 1º Salão Português de Línguas e Culturas - Portugal volta a ser o anfitrião da Expolíngua 90, acima de tudo um «fórum que pretende pôr em contacto especialistas, materiais e público em geral, numa troca de informação alargada sobre os problemas do multilinguismo e do multiculturalismo, nomeadamente da aprendizagem de línguas em Portugal e no estrangeiro».

Português: uma língua de prestígio

Falar da dimensão cultural do multilinguísmo, analisado na perspectiva da plena integração de Portugal na Europa comunitária, exige a reflexão sobre a situação da língua portuguesa neste contexto.

E este é um ponto de honra da Expolíngua 90, tal como referiu ao «DL» o presidente do certame.

De acordo com o professor Renato Borges Sousa, a existência de um programa cultural ao longo dos três dias da Expolíngua, «visa reflectir a premente preocupação de dar a conhecer aos portugueses a posição da nossa língua no mundo de hoje».

«Estamos ainda algo longe de ter o reconhecimento que merecemos. A língua portuguesa, recorde-se, é a terceira língua mais falada no Ocidente, e a quinta mais falada no mundo».

Defendendo a necessidade de «começar a desenvolver em "casa" o prestígio da língua portuguesa», Renato Borges considerou ser a Expolíngua uma excelente oportunidade para o fazer.

«A tradição de considerar o português, além fronteiras, como uma língua de emigrantes não faz mais sentido», sublinhou ao «DL».

«A realidade da alteração do mercado europeu a partir de 1992, a livre circulação de pessoas - trabalhadores - recoloca a nossa língua em pé de igualdade com todas as outras. Na verdade, aliás, o português tem vindo a suscitar, nos últimos anos, um interesse inigualável: abrem cada vez mais leitorados nacionais nos mais diversos países do mundo e se mais não temos é por falta de meios oficiais para sustentar os seus custos».

Rui Pacheco

Para Renato Borges Sousa, a Expolíngua 90 assume-se também como um desafio para «reforçar a nossa cidadania antes de partirmos para outras culturas»

Também exemplo do interesse crescente pela língua portuguesa, reflexo, entre outros, da importância estratégica de Portugal junto dos países africanos lusófonos, é a enorme procura que o português tem em países como a França, mesmo ao nível da sua aprendizagem precoce (primeiros anos de escolaridade).

Neste país, a língua portuguesa é a quarta das línguas estrangeiras mais escolhidas - atrás do inglês, do alemão e do espanhol - nos bancos das suas escolas primárias.

Relativamente aos próprios objectivos deste 2º Salão Português de Línguas e Culturas, Renato Borges Sousa sublinhou os seus principais vectores, reflexos daquilo que considerou ser o «vivo interesse pelas línguas e a procura em matéria de aprendizagem».

Oferecer oportunidades de estudo de línguas estrangeiras aos portugueses e trazer a Portugal o conjunto de material necessário à sua aprendizagem foram duas das componentes deste Salão referidos pelo presidente da sua comissão executiva.

Dada a amplitude e o alcance duma iniciativa desta índole - que, para além de um público estimado em 20 mil visitantes, conta a representação de dezenas de institutos de línguas estrangeiras e organismos da especialidade - a Expolíngua 90 recebe os altos patrocínios do Secretário-Geral do Conselho da Europa, do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa e da Comunidade Económica Europeia, e os apoios, entre outros, da Camâra Municipal de Lisboa, Ministérios da Educação e dos Negócios Estrangeiros, Secretaria de Estado do Turismo, Diário de Lisboa, Diário de Notícias, TSF, e das Associações das Profissões Liberais e Industrial Portuguesa.

Com a realização de mais esta «Expolíngua Portugal», Lisboa adere ao grupo de cidades europeias onde anualmente decorrem salões dedicados às línguas - Barcelona, Bruxelas, Frankfurt, Genebra, Londres, Madrid e Paris, esta última aquela em que a iniciativa atingiu maior prestígio internacional

M. A. M.

O PREÇO CERTO
CONCURSO
RTP

Nome _____
Morada _____
Localidade _____ Cód. Postal _____
Idade _____ Profissão _____
Freguesia _____ Concelho _____
Tem Televisor? _____ Nº Licença _____
Telefone Nº _____

Importante: Preencher em letras maiúsculas, recortar pelo tracejado, colar em postal dos Correios e enviar para Concurso O Preço Certo, Apartado 4315 - 1508 Lisboa Codex.

Importante: Preencher em letras maiúsculas recortar pelo tracejado colar em postal dos Correios e enviar para Concurso "Trevo da Sorte" RTP apartado 158 - 4402 VILA NOVA DE GAIA CODEX

TREVO DA SORTE
CONCURSO
RTP

Nome _____
Morada _____
Localidade _____ Cód. Postal _____
Idade _____ Profissão _____
Freguesia _____ Concelho _____
Telefone _____
Tem Televisor? _____ N.º Licença _____
Pretende Participar
Estúdio _____ ☐
Casa, pelo telefone _____ ☐

ECONOMIA

Charter Consolidated põe à venda participação no capital social do grupo. Negociações em fase final de assinatura do contrato não alteram situação portuguesa

Alterações na «holding» das minas da Panasqueira

A «holding» que participa na concessionária que explora as minas da Panasqueira está em fase de alteração, numa negociação que se encontra na situação de assinatura de contrato. Por enquanto os responsáveis recusam, ao abrigo de um acordo estabelecido, divulgar quer o nome de quem compra, quer o montante envolvido.

As minas da Panasqueira são exploradas pela concessionária Beralt Tin and Wolfram Portugal, que tem um capital social subscrito pela inglesa Beralt Tin anda Wolfram Ltd, com 80,5 por cento e pelo Instituto de Participações do Estado (IPE), com os restantes 19,5 por cento.

Por outro lado, a constituição da componente inglesa está repartida pela Charter Consolidated, que detém 75 por cento e pela Union Carbite, que detém os restantes 25 por cento. Com o evoluir do tempo a primeira empresa transformou-se numa companhia essencialmente financeira e de engenharia, sendo a Panasqueira a única mina metálica que possui.

Em termos de exploração a Charter tem só, para além das minas portuguesas, interesses em explorações carboníferas nos Estados Unidos e em pedreiras no Reino Unido, o que a levou a considerar a venda da participação na Beralt Tin.

Conforme foi informado, a Charter Consolidated mandou fazer um estudo de avaliação a uma empresa internacional especializada, a que se seguiu uma proposta pública de negócio, sob a forma de um concurso em que participaram alguns grupos internacionais interessados.

Depois da análise das propostas entregues a situação encontra-se em fase final de formalização de contrato que, segundo uma fonte oficial portuguesa, não deverá ter interferência no estatuto da Beralt Tin and Wolfram Portugal.

Tem sido, conforme dito ao «DL», uma negociação que tem passado à margem das autoridades nacionais, por que não envolve nem a alteração do capital social nem a mudança de gestores ou outras questões para os quais os departamentos oficiais, nomeadamente o IPE e a Direcção-Geral de Geologia e Minas terão de ser consultados.

Forte recuperação da Siderurgia Nacional

A Siderurgia Nacional obteve em 1989 os seus primeiros resultados correntes positivos (1,2 milhões de contos) desde 1981. Em 1988 este indicador tinha sido negativo em 5,5 milhões de contos.

No entanto, os resultados líquidos continuaram negativos em 1989, mas em apenas cerca de 300 mil contos, enquanto que em 88 tinham sido de 5,1 milhões.

As vendas da Siderurgia Nacional cifraram-se em 63,3 milhões de contos em 1989, um crescimento de 19,3 por cento em relação ao ano anterior, em que havia facturado 53,1 milhões.

Segundo fonte da empresa, a recuperação registada no ano passado ficou a dever-se, essencialmente, «à dinâmica comercial, à melhoria da exploração e à introdução do programa de reestruturação, iniciado em 1985 e acelerado a partir de Abril de 89».

Este programa, explicou a mesma fonte, consiste num projecto de transformação tecnológica, financeira e social que, através de acções concertadas, visa a viabilização da empresa num quadro europeu aberto, concorrencial e de fortes exigências nos planos da qualidade dos produtos e da presença nos mercados.

Prevendo um investimento total de 40 milhões de contos, o programa é financiado em 65 por cento por empréstimos da Comunidade Económica do Carvão e do Aço e em 35 por cento pelo Estado português.

Lusa

Agricultores vão hoje pedir a Cavaco Silva o seu empenhamento pessoal nas negociações com a CEE, numa clara manifestação de desconfiança da política do ministro Arlindo Cunha

CAP preocupada com PAC

O primeiro-ministro reúne-se esta tarde com a direcção da Confederação dos Agricultores de Portugal (CAP), que irá apresentar a Cavaco Silva uma análise da agricultura nacional e pedir-lhe que se empenhe nas negociações com a CEE para a segunda etapa de adesão à Política Agrícola Comum (PAC), de forma a que «sejam ultrapassadas algumas das ameaças que pairam sobre os agricultores».

Casqueiro não confia em Arlindo Cunha

Este mesmo pedido já fora feito por José Manuel Casqueiro, secretário-geral da CAP, durante o encontro de agricultores realizado na passada terça-feira em Évora, com o objectivo de «protestar contra as últimas medidas decretadas pelo Governo para o sector».

Também o presidente da Confederação, Rosado Fernandes, afirmou em Évora que «não se pode governar na agricultura contra os agricultores portugueses» e se, «S. Pedro não foi, este ano, amigo dos agricultores», os participantes no encontro não deixaram de aprovar um documento onde dizem estar apreensivos «no que respeita à política económica» governamental, que consideram estar a pôr em causa rendimento e futuro do sector.

Outra das decisões aprovadas em Évora é a de exigir que sejam revistos os limites dos «plafonds» dos créditos para investimento e apoio à produção agrícola e exigir o aumento dos «plafonds» das ajudas aos regadios individuais e colectivos, da electrificação rural, da reconversão do olival e do Programa de Acção Florestal.

O encontro, que foi promovido pela CAP, pelas associações de agricultores e pelas cooperativas agrícolas do Alentejo, durou cerca de 90 minutos, numa sessão em que os participantes afirmaram que, nas negociações da segunda etapa de transição, deverá ser «suficientemente salvaguardada a especificidade da agricultura portuguesa, concretamente em relação aos cereais, pecuária, vinha e olivicultura».

Os participantes não deixaram de exigir, por outro lado, que «o Governo estabeleça uma política de aproximação dos preços comunitários, nomeadamente nos combustíveis, energia eléctrica, adubos e taxas de juro, de forma a garantir o mínimo de competitividade».

GAMOSA

TAPEÇARIAS REVESTIMENTOS

CORTINAS DE BANDAS VERTICAIS ESTORES DE PALITOS

AV. JÚLIO DINIS, 2-C
1000 LISBOA

TEL. 76 90 12

BREVES

Defesa da Grã-Bretanha apresenta-se em Lisboa

O Ministério da Defesa do Reino Unido, através do New Suppliers Service, entidade responsável por todas as aquisições no âmbito das forças armadas britânicas, promove no dia 15 de Outubro, na Associação Industrial Portuguesa, um seminário sobre os procedimentos inerentes a uma participação da indústria nacional naquele mercado. Trata-se de uma iniciativa que visa proporcionar os conhecimentos necessários para que as empresas portuguesas possam criar oportunidades de negócios em vários domínios da baixa e alta tecnologia.

Construtora da Huíla em expansão

A Construtora da Huíla, Irmãos Neves, Lda. vai passar ainda este ano a sociedade anónima, aumentando o seu capital para 250 mil contos. Em 1989 facturou um milhão e 347 mil contos, tendo actualmente uma carteira de encomendas (em curso e a iniciar) na ordem dos cinco milhões de contos. Uma das principais obras em curso é a do empreendimento turístico Clube da Praia da Rocha, constituído por 627 apartamentos, restaurantes, bares, minimercados, ginásio *self-service*, piscinas. Trata-se de uma empresa familiar, fundada em 1981 por seis irmãos. Com a sua passagem a sociedade anónima, 25 a 30 por cento do capital deverá ficar fora dos actuais accionistas.

Avança mercado comum na América do Norte

O Governo canadiano vai participar na negociação de um acordo de livre troca comercial entre o Canadá, os Estados Unidos e o México, que criará um mercado norte-americano de mais de 350 milhões de pessoas. As negociações entre os três países devem ter início na próxima Primavera. A ideia conta já com o apoio das principais instituições financeiras e comerciais do Canadá, as quais apenas põem como principal obstáculo o baixo custo da mão-de-obra mexicana, o qual, no entanto, poderá ser compensado com a abertura de novos mercados para as empresas canadianas dos sectores da comunicação, transportes e agricultura.

COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	45$10	[illegible]
ALEMANHA FED. (marco)	87$90	[illegible]
ÁUSTRIA (xelim)	12$50	12$70
BÉLGICA (franco)	4$077	4$327
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	119$35	[illegible]
(notas de 5 a 1000)	119$85	122$35
DINAMARCA (coroa)	23$00	23$40
ESPANHA	1$368	[illegible]
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	138$05	[illegible]
(notas de 5 a 1000)	138$55	[illegible]
FINLÂNDIA (marka)	37$05	[illegible]
FRANÇA (franco)	26$25	[illegible]
HOLANDA (florim)	77$95	[illegible]
IRLANDA (libra)	237$15	241$15
ITÁLIA (lira)	$107	$122
JAPÃO (iene)	$956	1$011
NORUEGA (coroa)	22$70	23$20
REINO UNIDO (libra)	259$15	263$65
SUÉCIA (coroa)	23$85	24$35
SUÍÇA (franco)	105$30	106$80
VENEZUELA (bolívar)	2$398	3$190

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

CULTURA

A Cooperativa de Teatro «Novo Grupo» apresenta, a partir de amanhã, um ciclo dedicado a autores norte-americanos. Diariamente, no Teatro Aberto, alternarão as peças «Desejo sob os Ulmeiros» de Eugene O' Neil e «Loucos por Amor» de Sam Shepard

Dois autores, dois símbolos

«Desejo sob os Ulmeiros», de O'Neil

Amanhã é um dia especial na vida do «Novo Grupo», a companhia sediada na Praça de Espanha. Porque estreia em Portugal duas peças importantes: «Loucos por Amor» às 18.30 e «Desejo sob os Ulmeiros» às 21.45 horas. As versões portuguesas destes textos são da autoria de João Lourenço (também o responsável pela encenação) e de Vera Sam Payo Lemos (pela dramaturgia), os cenários são de José Carlos Barros, os figurinos de António Filipe e a música do «Desejo sob os Ulmeiros» é de Eduardo Paes Mamede.

Os autores das peças escolhidas para o ciclo de teatro norte-americano são já tidos como símbolos. Eugene O'Neil é hoje considerado o pai do teatro dos Estados Unidos, na medida em que é com a sua obra que a dramaturgia do seu país ganha um cariz próprio e definitivamente se liberta da influência do teatro europeu romântico e naturalista, sobretudo do teatro britânico.

A importância da sua obra é imediatamente reconhecida e, em pouco tempo, o autor alcança um lugar cimeiro no panorama literário dos EUA, conquistando por quatro vezes o prestigiado Prémio Pulitzer e o Prémio Nobel da Literatura em 1936.

Tal como O'Neil, o êxito literário de Sam Shepard também foi alcançado em pouco tempo. Aos 47 anos, ele é já hoje uma das grandes referências culturais do seu país, tendo ganho um Prémio Pulitzer em 1979.

Sam Shepard, para além de escrever peças de teatro, tem diversificado a sua actividade encenando por vezes as suas peças e escrito guiões para o cinema e ainda actuando como actor, em filmes como «Os Eleitos» e na versão cinematográfica da sua própria peça «Loucos por Amor», ao lado de Kim Basinger.

As peças destes dois autores, agora seleccionadas pelo Novo Grupo, são também elas emblemáticas no contexto das suas obras.

Em «Desejo sob os Ulmeiros», a interpretação dos principais papéis foi entregue a Irene Cruz, Rogério Paulo (cedido pelo Teatro Nacional de D. Maria II), Fernando Luís, Francisco Pestana e Melim Teixeira; «Loucos por Amor» é interpretada por Luísa Salgueiro, Virgílio Castelo, Rodolfo Neves e António Filipe.

Apesar de tudo...

Apesar de todas as dificuldades - especialmente as económicas - inerentes à produção teatral no nosso país, a companhia tem logrado ultrapassá-las através do esforço e do elevado profissionalismo dos seus elementos, considerando que o público, mesmo compreendendo as dificuldades com que se debate o teatro português, tem sempre o direito de exigir espectáculos dignos, profissionais e de alta qualidade - fundamentais e decisivos para a sua ida ao Teatro.

Ao longo dos oito anos da sua existência, o «Novo Grupo» produziu 19 espectáculos, apresentando também ao público de Lisboa e de outras localidades, peças escritas a convite da companhia por autores como José Saramago, Fernando Dacosta e Clara Pinto Correia, ao mesmo tempo que revelou ao público português alguns dos mais jovens e promissores dramaturgos de outros países (Friedrich Karl Waechter, Jim Cartwright e outros), sem esquecer os já consagrados da dramaturgia mundial (Brecht, Shakespeare, Tchekov).

Agora, em 1990, e apesar dos reflexos negativos a nível de estrutura, provocados por essas dificuldades, os elementos que integram o «Novo Grupo» atingem a pujança da sua capacidade produtiva e da realização artística.

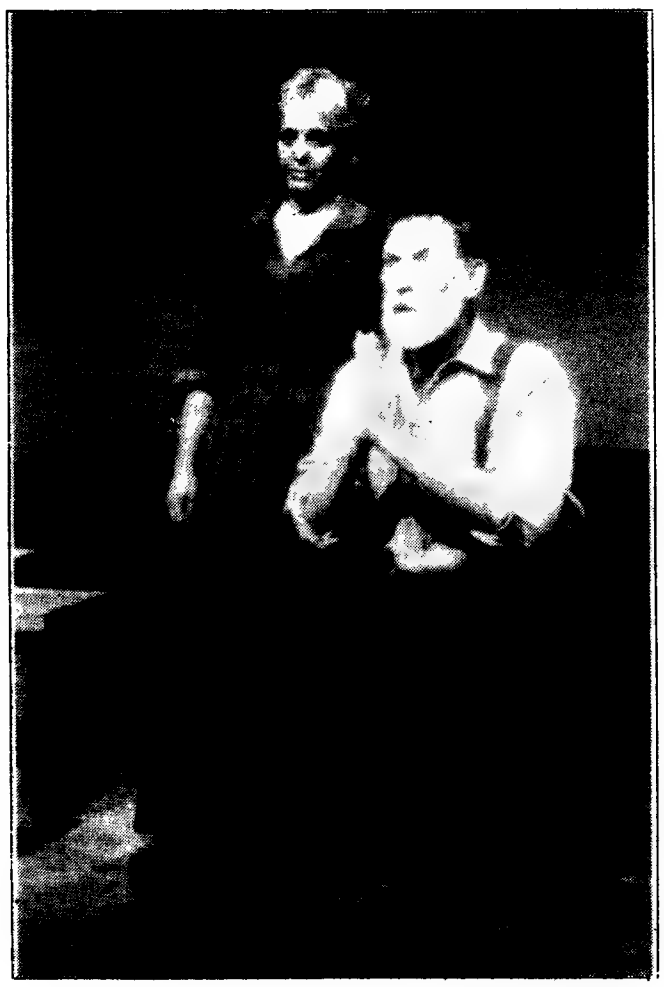
Palavras dos responsáveis

Sobre as duas peças a estrear amanhã no Teatro Aberto, são dignas de registo algumas opiniões já tornadas públicas por Vera Sam Payo Lemos e João Lourenço, dois dos principais responsáveis por este ciclo dedicado à dramaturgia norte-americana.

Segundo Vera Sam Payo Lemos, «a obra de O'Neil é mais antiga; a de Shepard, mais moderna. Interessou-nos mostrar como o mesmo tema, em épocas diferentes, é tratado de maneira diversa, apesar de alguns pontos comuns. As relações do interior da família, que nunca são pacíficas, as grandes paixões, os ódios, as frustrações, os desejos insatisfeitos são tratados pelos dois autores».

João Lourenço, que diz ter optado por «ver O'Neil com os olhos de Shepard», sustenta que «no fundo, os sonhos das personagens de ambas as peças são os mesmos: sair do lugar onde estão, ir á à , partir. É nessa procura das raízes americanas que Shepard entronca com O'Neil. São da mesma árvore genealógica. Aliás, todos os dramaturgos norte-americanos andam, mais ou menos, sempre à volta do mesmo».

R.B.



«Loucos por Amor», de Shepard

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

SERVIÇO DE MÚSICA

Temporada de Música e Dança 1990/1991

1 de Outubro às 21.30 e 2 às 18.30 no Grande Auditório

COMPANHIA NACIONAL DE ARTES DO ESPECTÁCULO
(República da Coreia)

História de Ch'unhyang (excertos)
Pela Companhia Nacional Ch'Angguk
A Mulher de Tomi (dança dramática)
Pela Companhia Nacional de Dança

Em colaboração com a Embaixada da República da Coreia

4 de Outubro às 21.30 no Claustro do Convento do Beato (Rua do Beato, 44)

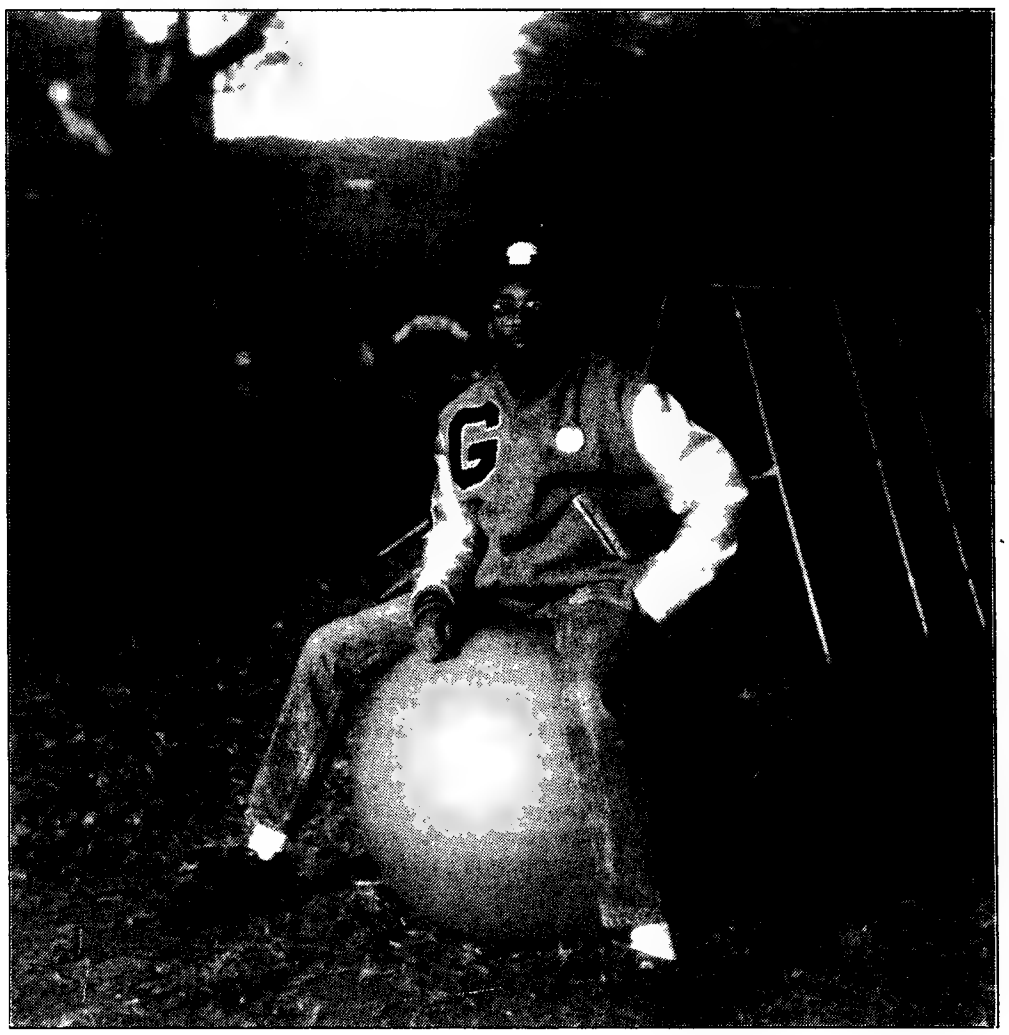
Répons
de Pierre Boulez
Obra para solistas, grupo instrumental, computador 4X em tempo real e dispositivo de espacialização
Assistente Musical: Andrew Gerszo
ENSEMBLE INTERCONTEMPORAIN
PIERRE BOULEZ, direcção
Solistas:
PIERRE-LAURENT AIMARD, piano
FLORENT BOFFARD, piano e órgão electrónico
MARIE-CLAIRE JAMET, harpa
MICHEL CERUTTI, cymbalum
VINCENT BAUER, vibrafone
DANIEL CIAMPOLINI, xilofone e glockenspiel

Dialogue de l'ombre double
de Pierre Boulez
(versão «algarismos romanos»)
Obra para clarinete, fita magnética e dispositivo de espacialização
Assistente musical: Andrew Gerszo
Solista:
ALAIN DAMIENS, clarinete

Realização Técnica IRCAM
Som: Daniel Raguin, Didier Arditi, Xavier Bordelais
Régie 4X: François Gibouin
Controlo 4X: Andrew Gerszo
Controlo MATRIX 32: Denis Lorrain
Régie geral: Alain Jacquinot, Marthe Souris
Luz: Eric Benoît

Apoios CREDIT LYONNAIS PORTUGAL — Nacional

Bilhetes à venda para ambos os Espectáculos a partir de 19 de Setembro
Apoio Publicitário: Rádio Comercial, Correio da Manhã Rádio, Antena 2.



Spike Lee: um realizador polémico e inteligente

Estreia hoje o último filme de Spike Lee

Um festival de música

Vai estrear entre nós o último filme de Spike Lee, o terceiro, com o título original de "Mo'better blues". Antes houve "Os Bons Amantes", já em vídeo, e "Do the right thing", traduzido pelo insólito "Não dês bronca".

Sem o olhar especializado do crítico, mas com os olhos bem abertos do espectador, pode afirmar-se que o rebelde realizador negro-americano se ultrapassa a si próprio nesta película. Pode-se mesmo afirmar que esta será a sua obra mais bela. O que é surpreendente no discurso cinematográfico de Lee é o ritmo por si imprimido aos seus filmes. Mesmo em planos e cenas aparentemente calmas e de poucas palavras ou acção a sua cadência é sempre vertiginosa, tal como acontece com a protagonista de todos os seus filmes, a cidade de Nova Iorque.

É também habitual em si a utilização de grandes temas musicais e de bandas sonoras, no mínimo, deslumbrantes. Em "Mo'better blues" a música está no centro da intriga. E tal como em "Do the right thing", a sua autoria pertence a Branford Marsalis. No caso podem ouvir-se também temas compostos e interpretados por *monstros* como Miles Davis, John Coltrane, Wayne Shorter, Ornette Coleman e Charles Mingus. Um festival de boa música.

O enredo do filme gira à volta da vida de um trompetista de jazz. Obrigado em pequeno a estudar trompete, Bleek Gillian - nome do personagem - faz do instrumento a razão de viver em adulto. A sua divisão entre o amor de duas mulheres e a música, o relacionamento entre os músicos do grupo em que toca, a amizade que tem pelo amigo e o impede de voltar a tocar, são ingredientes duvidosos que podem levar a conclusões erradas. Uma história aparentemente de chacha, se não tivesse por trás da câmara e dos diálogos Spike Lee.

Outro dos prazeres oferecidos pelos filmes do realizador são as palavras ditas pelos seus personagens. Lee aborda e questiona o racismo e a identidade do negro norte-americano, afastado das suas raízes há gerações. Tendo como pretexto a discussão à volta do jazz e das suas correntes estéticas, o argumentista questiona a falta de espectadores negros no clube em que os músicos tocam, tradição cultural da sua raça. Spike Lee fomenta o prazer da discussão, do confronto de ideias, obrigando-nos a nós, do outro lado do ecrã, a participar, tomando partido nalguns casos. Em "Do the right thing" digladiavam-se as teorias pacifistas de Martin Luther King em oposição às de Malcolm X. Em "Mo'better blues" o confronto é entre o saxofonista e o trompetista, com duas formas diferentes de fazer e entender a arte.

A composição das figuras, também neste filme, é de qualidade. Grande parte dos actores já participou nas outras obras de Lee. Não é o caso de Denzel Washington, a cargo de quem está a fascinante interpretação do trompetista Bleek Gilliam. Anteriormente pudemos vê-lo no personagem de Steven Biko, do filme de Attenborough "Cry Freedom".

Spike Lee, para além de assinar a realização, o argumento e a inesquecível interpretação de Giant em "Mo'better blues", é ainda o seu produtor. Esta «Spike Lee Joint», como se lê no genérico inicial do filme, é uma produção da "40 Acres and a Mule Filmworks", a sua produtora independente. O nome desta empresa é ilustrativo da faceta mais fascinante do realizador, o seu humor mordaz e tragicómico, ao mesmo tempo que presta a sua homenagem ao cinema. Com esta pequena frase Spike Lee recorda "E Tudo o Vento Levou", a forma enganadora como durante a Guerra Civil norte-americana se convenciam os negros a combater por um miserável pedaço de terra, e ainda a sua situação de realizador maldito, produtor independente em início de vida.

Mais fascinante que "Mo'better blues" só Spike Lee. Ouso mesmo afirmar que ele é o equivalente negro de Woody Allen, ambos de pequena estatura, feios, realizadores, produtores, argumentistas e actores dos seus filmes, senhores do mesmo tipo de humor, levantando da mesma forma, com a mesma inteligência, questões profundas que são as questões de Nova Iorque, a Grande Maçã. Para um é Manhattan, para outro Brooklyn ou Harlem. A única diferença reside no facto de Allen ser modesto, enquanto que o nosso geniozinho é arrogante.

Maria José Belo Marques

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

SERVIÇO DE MÚSICA

XI JORNADAS DE MÚSICA ANTIGA

OUTUBRO

Domingo, 7 às 21.30 no GRANDE AUDITÓRIO e
Segunda-feira, 8 às 21.30 na IGREJA DO LORETO

CONCERTO KÖLN
RENÉ JACOBS, direcção
LENA LOOTENS, soprano (Giuditta)
FRANCESCA CONGIU, soprano (Anchiorre)
AXEL KÖHLER, contratenor (Ozia)
MARTYN HILL, tenor (Oloferne)

FRANCISCO ANTÓNIO DE ALMEIDA
La Giuditta, oratória

Em colaboração com o Festival de l'Abbaye d'Ambronay (França)

Terça-feira, 9 às 21.30 no PALÁCIO NACIONAL DE QUELUZ

CONCERTO KÖLN
Solistas
MARTIN SANDHOFF, CORDULA BREUER, flauta traversa e de bisel
EBERHARD ZUMMACH, MICHAEL NIESEMANN, flauta de bisel
WERNER EHRHARDT, MANFRED KRAMER, violino
WERNER MATZKE, violoncelo
Obras de. J. D Heinichen / G Ph Telemann / A Vivaldi / J S Bach

Quarta-feira, 10 às 18.30 no PALÁCIO NACIONAL DA AJUDA
CORDULA BREUER, flauta traversa e de bisel
EBERHARDT ZUMMACH, flauta de bisel, «czarkan» e oboé barroco

CINCO SÉCULOS DE MÚSICA VIRTUOSÍSTICA PARA FLAUTA
Obras de G. Ph Telemann / T Hoogwegt / J Vierdank / A Virgiliano / N Giles / K Serocki / C Buterne / J M Hotterterre / A Heberle

Quinta-feira, 11 às 21.30 no PALÁCIO NACIONAL DE QUELUZ

CIRCA 1500
NANCY HADDEN, flauta traversa e de bisel (direcção)
ERIN HEADLEY, viola da gamba
ANDREW LAWRENCE-KING, harpa
STEPHEN STUBBS, alaúde
SUZIE LeBLANC, soprano
Obras de Henrique VIII / Claudin de Sermisy / Pierre Sandrin / William Cornysh / Claude Gervaise / Vincenzo Capirola / Phillippe Verdelot

Sexta-feira, 12 às 21.30 na ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

CIRCA 1500
NANCY HADDEN, flauta traversa e de bisel (direcção)
ERIN HEADLEY, viola da gamba
ANDREW LAWRENCE-KING, harpa gótica e hispânica
STEPHEN STUBBS, vihuela
SUZIE LeBLANC, soprano
Obras de. Alonso Mudarra / Luis Milan / Pedro de Escobar / Frei Manuel Cardoso / Manuel Rodrigues Coelho / Manuel Machado, etc.

Domingo, 14 às 18.30 no PALÁCIO NACIONAL DA AJUDA

SEGRÉIS DE LISBOA
ALEXANDRA DO Ó, soprano e percussão
RUI TAVEIRA, tenor
PEDRO COUTO SOARES, flauta doce
MIGUEL IVO CRUZ, viola da gamba tenor, baixo e violoncelo
MANUEL MORAIS, alaúde e viola de cinco ordens

A ARTE DA VARIAÇÃO DO RENASCIMENTO AO BARROCO
Obras de: Salinas / Diego Ortiz / Luys de Narváez / Frei António da Madre de Deus / Thoinot Arbeau / Cabézon / Mudarra / Palestrina / F. Rognoni / Selma y Salaverde / Dowland / Bartlet / Monteverdi / Caccini / Jacob van Eyck / Rossi / Sanz / António de Santa Cruz / Luys de Briceño / José Marin / Michel de la Barre / Juan Araniés

Segunda-feira, 15 às 21.30 na ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA
LUCY VAN DAEL, violino barroco
BOB VAN ASPEREN, cravo
J. S. Bach
Sei sonate a violino solo e cembalo obbligato, BWV 1014 a 1019

Terça-feira, 16 às 21.30 na SÉ PATRIARCAL
ENSEMBLE ORGANUM
MARCEL PÉRÈS, direcção
Jeu des Pelerins d'Emmaüs
Drama litúrgico do Século XII

Quarta-feira, 17 às 21.30 na SÉ PATRIARCAL
ENSEMBLE ORGANUM
MARCEL PÉRÈS, direcção
Canto da Igreja de Roma
Missa da Ascenção

Conferências
AUDITÓRIO TRÊS

8 de Outubro às 18.00
«Francisco António de Almeida e a Música no Tempo de D. João V»
por Manuel Carlos de Brito
Ilustrada com exemplos musicais gravados

17 de Outubro às 18.00
«Les Drames Liturgiques au 12ème Siècle»,
por Marcel Pérès
Em francês
Entrada livre

Preçário
Assinaturas (9 Concertos): 7.200$00
Avulso: Grande Auditório: 900$00, 750$00, 600$00
Outros Locais: 900$00

Calendário da Bilheteira
Venda de Assinaturas: 24 e 25 de Setembro
Início da Venda Avulso: 27 de Setembro

Apoio Publicitário:

Rádio Comercial · Correio da Manhã Rádio · antena 2

A SEMANA

Adeus até ao meu regresso...

Sexta, dia 21
Vroom-vroom. É no Estoril a Fórmula 1 e no país a fórmula zero, que com o eco mediático dos automóveis a correr,as meninas a aprender, até parece que não acontece mais nada. O que não é o caso: Fellini na Cinemateca, Peter Murphy no Coliseu e rock na Alameda congregam pequenas e médias multidões. Fora as outras, as de que fala Manuel Hermínio Monteiro («O Independente»), num artigo sob o título «...Anda ver o meu país de romarias e procissões», são às centenas, com foguetório também, mas do outro. Só que, «qu'é dos pintores do meu país estranho, /onde estão eles que não vêm pintar», é Nobre citado outra vez por Hermínio, belo texto.

Sábado, dia 22
Ansiosos somos, da CEE só metade («Expresso» dixit). Ansiosos, porque no *top* dos nossos medicamentos estão os tranquilizantes, da CEE só metade porque já pagamos à europeia, mas ainda ganhamos à portuguesa -quem sabe se o «stress» não vem daí.
E sobre este rio profundo ? Coisa pouca e para elites. Na RTP (...Canal 2, à meia-noite !), começa «Decálogo», do polaco Krzysztof Kieslowski; em Leeds, o pianista português Artur Pizarro ganha o Harvey's -é maior o impacto lá do que cá, cá continuam os bólides, no Estoril, às voltas, isso é qu'interessa.

Domingo, dia 23
Uma no cravo, outra na ferradura. É a RTP, na 2 com «E Tudo O Vento Levou», na 1 com a milionésima telenovela brasileira em estreia, esta chama-se não sei quê do Japão, vem para ficar ...um ano.
À parte isto, no Montijo há a Feira do Porco, reunem-se na Amadora os nossos escritores policiais, acaba no Estoril (uff...) a cena do vroom-vroom às voltas e, pé ante pé, sem ninguém dar por isso, começa o Outono. E por isto ou talvez não, Agustina (no «DN») conta-nos de Pascoaes. Um espanto !

Segunda, dia 24
Portugal no plural, ou em vez de um país dois. De um país diz ministro: «Vivam os edifícios inteligentes», do outro país diz a Escola Filipa de Lencastre que não há nada para ninguém, aulas, para haver, só se fosse à luz da vela.
O resto são fragmentos: sai de cena o trambolho da Avenida, Mário de Sá-Carneiro é homenageado em Setúbal, Manoel de Oliveira leva o «Non ou A Vã Glória de Mandar» a Nova Iorque e Biarritz, Irene Lisboa é evocada em Arruda, antestreia na Cinemateca o primeiro filme da Guiné-Bissau e no Funchal é absolvido um padre. Detido, fôra a tribunal acusado de defender os mendigos, opondo-se ao «*toca a andar das esplanadas que a Madeira é um jardim*».

Terça, dia 25
Portugal desconfia, a Câmara Municipal de Lisboa não. A desconfiança geral tem por causa a economia, a confiança municipal o futuro de Monsanto. Da economia em queda fala sondagem «DN», da transformação de Monsanto fala o porta-voz de Sampaio. E é a crença de que com, cultura e ecologia, se há-de colmatar a brecha do abate das árvores decidido pelo Governo por mor de mais uma estrada.
Mas, entre dúvidas e esperanças, ainda há quem tenha certezas. Este, que se assina e tudo, em mensagem no «Blitz». Assim: «*Declaro solenemente neste jornal, para que todo o Mundo fique a saber e para ficar registado nos anuários da História, que eu, Jorge Correia, amo do fundo do coração, a Mónica Graça Andrade e que ficaremos juntos para sempre*».

Quarta, dia 26
Morre Alberto Moravia, inaugura-se em Cascais estátua de D.Luiz, Manoel de Oliveira estreia «Non» em Paris e garante subsídio em Lisboa para «A Divina Comédia» e o resto não dá para crer. Então não é que se anuncia que o Metro vai crescer em cinco anos metade do que cresceu em trinta...

Quinta, dia 27
Teatro em estreia, músicos em greve, mas a notícia do dia é o folhetim de Macau. Que chega ao fim (até ver), Nabo em vez de Melancia, cá se fax cá se pagam, e adeus até ao meu regresso. Não, não é isso, é que «A semana», por ausência do autor, só regressa lá para meados do mês. Esperemos...

Rodrigues da Silva

VIDEO CATÁLOGO

Gente que o tempo levou

A verdade tem de ser dita: a Edivídeo está de parabéns. Não é que faça anos, mas os seus mais recentes catálogos de venda directa são um assombro. Assim, como se não bastasse o lançamento de «O Mundo a Seus Pés», a obra-prima de Orson Welles (a que o DL dará o devido destaque na próxima quarta-feira) eis-nos a braços com «África Minha» e dois Spielberg de primeira água: «Os Salteadores da Arca Perdida» e «Tubarão».

O primeiro é o que se sabe: uma demonstração de que o *glamour* hollywoodesco não está perdido de todo. Basta, para o reencontrar (parece dizer o filme de Sidney Pollack) pegar num galã e numa diva universalmente adorados, sobretudo se o argumento exigir que, entre ambos, se estabeleça uma dessas paixões que levam tudo à frente. Neste caso, a história verídica dos amores de uma condessa de contos de fada com um caçador de marfim parecia feita de encomenda. Mas Hollywood dá sempre um jeito muito seu às histórias que filma, mas não inventa. O que Karen Blixen deixara escrito era muito mais a crónica dum singular apego à terra africana do que as memórias dum namoro. Só que Robert Redford vale tudo quanto pesa na galeria de estrelas da Universal. Um homem destes não aceita ser tratado como uma peça mais na vida duma mulher demasiado activa para se dedicar em regime de exclusividade. E, no entanto, a Universal insistia que uma boa receita exigia a presença dum galã profissional e experiente na arte de arrebatar corações.

O resultado foi o que se viu durante meses a fio nos cinemas de todo o mundo: o rapaz e a rapariga apaixonam-se, o rapaz vai desta para pior e a rapariga chora quase tanto como os espectadores na sala. A fórmula é tão velha como o cinema, mas eficaz e o que aconteceu foi que a um *box-office* avantajado correspondeu uma chuva de merecidos Oscares.

Tão bons e tão bem sucedidos como «África Minha», embora menos estimulantes para as glândulas lacrimais, são os Spielbergs que figuram no catálogo da Edivídeo. «Os Salteadores da Arca Perdida» foi o primeiro de uma das mais espectaculares triologias de aventuras da história do cinema. O primeiro episódio, aquele que a Edivídeo nos permite agora

levar para casa, tem todas as virtudes: é construído como uma agitada história de *kiss! kiss ! bang! bang* , mas possui a pujança encatatória de uma fábula em que há sopros divinos à solta.

«Tubarão» é, como «Os Salteadores», outro campeão de bilheteira: rendeu 129 milhões de dólares,mais 52 milhões do que «Gone with the wind» no tempo dos nossos avós. A linguagem dos números sempre soou como música aos ouvidos de quem manda na máquina cinematográfica norte-americana e o resultado são as «cinquenta mil» continuações com que os piores realizadores do mundo nos brindaram em breve espaço de tempo. O «Tubarão» genuíno, o de Spielberg é, no entanto, o oposto das monstruosidades de borracha que essas sequelas utilizaram: perturba e, em determinadas momentos, aterroriza... este que é, afinal, o único ser maléfico nascido da mente mais laboriosa dos States.

Mas nem só a Edivídeo se consagra à venda directa de vídeocassetes. A Lusomundo lançou agora no mesmo mercado um documentário que merece todo o nosso destaque (ver coluna «Cinco Estrelas»). Chama-se «Mistérios de Hollywood», é apresentado por Lauren Bacall e mostra-nos -conta-nos- de forma muitíssimo cuidada histórias de mortes misteriosas que, na verdade, são um pouco as memórias negras da Meca do Cinema. *Fait-divers* ? Gosto pelo macabro? De forma alguma. É que essas histórias de morte são as histórias de gente tão grande como Jean Harlow, Leslie Howard, Marilyn, John Wayne, Carol Lombard e James Dean, gente que o tempo levou, mas de cuja vida o cinema guardou, afinal, o mais doce dos pedaços.

M.J.M

CINCO ESTRELAS

Este era um homem!

As estrelas não morrem em vão. Surgem, dotadas de grande brilho, crescem, transformadas em gigantescos astros vermelhos e, ao morrerem, é como o mundo já não merecesse girar. Nada se lhes nega, porque se um morto pode ir de burro, a Bette Davis cabia todo o direito de exigir choros copiosos e flores caras sobre o cadáver.

«Mistérios de Hollywood» não trata, todavia, de mortos como Bette Davis que, felizmente, para o cinema, durou até aos oitenta anos, sem questões de maior a envolverem-lhe o desaparecimento. O que esta cassete, na realidade, aborda são aquelas mortes que, surgidas de repente, abalaram meio mundo, foram pasto de especulações e, sobretudo, de escândalos que, não raro, deitaram a perder muita vedeta julgada inatingível.

Por curioso que pareça, a memória de tais casos confunde-se com as origens de Hollywood. Remonta aos tempos de Griffith, quando se ia ao cinema apreciar os lânguidos olhares de Pola Negri, acompanhados ao piano por um cinéfilo igualmente vocacionado para a música. *Honni soit qui mal y pense* , mas a verdade é que nem todas as vedetas da época eram as ingénuas e os heróis determinados que o mundo aprendia a amar diante do écran. A morte de Fatty Arbuckle e o assassinato de William Desmond Taylor (cuja história já contámos esta semana), com o trágico envolvimento de Mabel Normand e de Mary Miles Minter, demonstrou-o à saciedade. Neste século XX, ser «artista de cinema» foi, em casos extremos, disputar a popularidade aos santos do céu. Houve, no entanto, que pagar um preço porque, se calhar, os deuses ainda não se habituaram aos Prometeus deste mundo.

Jean Harlow era a mais brilhante estrela da Metro nos anos trinta. Contracenava com Gable e Cary Grant, recebia cartas vindas de todo o mundo. Era, em suma, *the fist lady in the screen*. Adoeceu, meteu-se em casa e, num abrir e fechar de olhos, o cinema estava de luto porque a loura platinada de sorriso terno dera a alma ao criador. Cinquenta e três anos depois, continua-se sem saber exactamente como ou porquê.

Outros, igualmente populares na idade de ouro de Hollywood, desapareceram em combate. Estava-se em plena Segunda Guerra Mundial. Carol Lombard, comediante de invulgar talento, sucumbiu a um acidente de viação, quando propagandeava a causa aliada América fora. Outro tanto sucedeu a Leslie Howard, quando ia de Lisboa, e esta foi, sem dúvida, uma das mais lamentáveis perdas precoces que Hollywood sofreu. Em tempos, chamaram-lhe cavalheiro idealista metido à força num mundo que perdera todo o romantismo. Papéis como o de Pimpinella Escarlate, o de Romeu ou de Ashley Wilkes queriam-nos fazer crer que sim. A vida e a morte deste actor britânico, tão marcada pela audácia e pela dedicação a uma causa confirmaram-lhe a estirpe. A honra de que Ashley tanto falava a Scarlett não era, pois, naqueles lábios uma mera e oca exigência do papel.

Houve outras mortes, houve outros grandes mistérios: Marilyn, James Dean e Susan Hayward. Mas o que se nota em «Mistérios de Hollywood» é que nenhum destes ilustres falecidos conquistou Lauren Bacall como aquele inglês tranquilo que há muitos, muitos anos, vestiu o uniforme e foi o último soldado do Sul. Em 1943, ao tomar conhecimento da queda do avião em que Leslie Howard viajava, Hollywood desbarretou-se e é possível que, alguém, de si para si , tenha declarado: «Este era um homem!»

Maria João Martins

Cometa surrealista atravessa Torres Novas

«Surrealismo e-não-só» estão de vilegiatura em Torres Novas, hóspedes da Galeria Neupergama desde hoje, ao fim da tarde, até ao próximo dia 4 de Novembro, numa altura em que a cidade, com foral desde os tempos de D. Sancho, comemora oito séculos de história.

Surrealistas e não só são, com efeito, os seis artistas convidados para a exposição inaugural da temporada da Neupergama: Mário Cesariny («Evidentemente, não sou um pintor — nem tampouco um escritor. Se continuo a pintar e mais raramente a escrever, é por fatalidade que eu não podia supor, há 25 anos. O que chamam maturidade (nos jornais) é quase sempre uma coisa espantosamente ridícula. Eu, tenho talvez a boa-chance-má-chance de nunca lá chegar»), Cruzeiro Seixas («O que pretendo é ser um homem, um homem que pinta, e que pinta porque não pode dizer, e fazer, o que queria! Digo que não me encontro preparado para falar da minha pintura, e isso, além do já aflorado, também por um sentimento de intenso pudor. Preciso que os anos e o esquecimento passem sobre o que faço, para que, olhando-o já com outra independência, o possa julgar com relativa justiça. São complicadas as minhas relações com o que faço, são mesmo desesperadoras. Inexplicáveis talvez. É quase com ódio que me sento diante do papel, que pego na caneta ou nos pincéis, que preparo as tintas. É com ódio que, no fim, verifico o que ficou»), Fernando de Azevedo («O meu prazer da pintura tem sido sempre o de defrontar-me com o desconhecido. Os pintores que amo, a pintura que amo têm, principalmente, que ver com isso. E poderia lembrar a importância do acaso, tanto como a do automatismo, que são os contravenenos para a intoxicação dos realismos»), Vespeira («Porquê? Porque considero o Surrealismo a mais actuante posição do conhecimento humano em totalidade e não parcelado em consciente ou inconsciente. Porque não temo o absurdo da experiência e creio na validade de todas as experiências. Porque encontro as imagens. Porque tenho o prazer de as encontrar. Porque as imagens me surpreendem, me revelam e me destroem. Porque é mais importante o que acontece para que um quadro exista do que o próprio quadro»), João Vieira («Cá vou escrevendo sistematicamente os meus quadros, inventando uma linguagem que se vá tornando coisa: Vida. É tarefa para acabar à prova da morte, e para ficar incompleta. Mas é assim que se vai criando o mundo»), Rui Filipe («Iniciar um quadro pressupõe um primeiro percurso temerário, no vazio, até ao vislumbre do seu clima interior a partir do qual o quadro orienta os meus passos para a aventura que se abre sem tempo e sem que em nenhum momento sinta que esse tempo tenha chegado ao fim. Por isso em rigor nunca sei o que é acabar um quadro»).

Fernando de Azevedo: «Interior com Vermeer», 1990

Estas declarações de Cesariny, Cruzeiro Seixas, Fernando de Azevedo, Vespeira, João Vieira e Rui Filipe, insertas no catálogo da exposição, podem colocar-se todas sob a égide da máxima de André Breton que abre *O Surrealismo e a Pintura:* «O olho existe em estado selvagem», já que se alguma coisa liga a pintura destes seis artistas é a conjunção, nela, do desejo e da realidade exterior, tensão passional e poética que não cabe nos limites do trabalho regular e maquinal.

A Galeria Neupergama fica em Torres Novas, na Rua Miguel Bombarda, 15, e a mostra pode ser visitada, de 2.ª a 6.ª feira, das 14 às 20 horas; aos sábados, das 10 às 13 e das 16 às 19, e aos domingos das 16 às 19 horas.

BREVES

Músicos de São Carlos recusam proposta

O Sindicato dos Músicos e a Comissão da Orquestra do Teatro de São Carlos recusaram a proposta da Administração de adoptar o regime de contratos e vencimentos equivalentes ao da Régie Cooperativa Sinfonia - anunciou a Gerência do Teatro. A proposta assenta na adopção do regime de contratos «a termo certo e os correspondentes vencimentos em termos de mercado, igual ao estatuto genérico da orquestra da Régie Cooperativa Sinfonia.» Amanhã, sábado, conferência por iniciativa do Sindicato dos Músicos.

Espólio de Ernesto de Sousa

Faz dois anos, a 6 de Outubro próximo, que faleceu Ernesto de Sousa, autor do filme «Dom Roberto», do multi-media «Almada, Um Nome de Guerra», dos livros «Para o Estudo da Escultura Portuguesa», «Maternidade», «Recomeçar, Almada em Madrid», «Presépios, O Sol, Outras Loas, Etc.», e, entre outras coisas, responsável pela exposição «Alternativa Zero». Um conjunto de colaboradores, amigos, admiradores e investigadores decidiram iniciar a tarefa de divulgação do espólio, repartido pelas duas áreas mais conhecidas da sua actividade cultural - as artes visuias e as artes literárias.

De momento (e por iniciatiava da então secretária de Estado da Cultura, Teresa Patrício Gouveia), parte do espólio fica exposto na Biblioteca Nacional. Para o restante espólio. outras soluções estão em estudo.

Onze salas para «Non»

«Non ou A Vã Glória de Mandar», de Manoel de Oliveira, estreia-se no dia 12 em onze salas do país. Em Lisboa o filme estreia em duas salas (Forum Picoas e 7ª Arte). Fora de Lisboa, o filme tem estreia marcada para Porto (Lumière), Coimbra, Braga, Aveiro, Viseu, Montijo, Tomar, Costa da Caparica e Castro Verde.

«Non» terá ainda antestreias, no dia 11, no Porto e em Aveiro, e uma estreia de gala no próprio dia 12, em Lisboa, na Gulbenkian.

«Non» beneficia, assim, do maior lançamento jamais feito em Portugal de um filme português.

Bandas de música no Acarte

Inicia-se amanhã, com dois concertos, às 11 e às 16 horas, o ciclo Bandas de Música no Anfiteatro organizado pelo Acarte. Amanhã actuam, respectivamente, as bandas da PSP e da GNR. O ciclo continua em Outubro, com concertos nos dias 6 e 7. A entrada é livre.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE ÁGUEDA

ANÚNCIO

FAZ-SE SABER que pela 2.ª secção do 2.º Juízo e nos autos de Execução Sumária n.º 1447/B/81 em que é exequente «SILVA MARQUES & RODRIGUES, Lda.», com sede em Assequins — Águeda e executado «ALVERCA — MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO, Lda.», com última sede conhecida em Alverca do Ribatejo — Vila Franca de Xira, correm éditos de trinta dias, citando a executada acima indicada, para no prazo de cinco dias, findo o dos éditos, e, a contar da data da segunda e última publicação do anúncio, deduzir oposição, pagar à exequente ou nomear bens à penhora, sob pena de se considerar devolvido tal direito à exequente. — Na referida execução a exequente pede o pagamento da quantia de 117 912$50, juros e custas.

Águeda, 90/9/18

A Juiz de Direito
Maria João Fontinhas Cardoso

A Escrivã-Adjunta
M.ª Fátima S. Anastácio

«DL» — 2.ª Pub. — 28/9/90

«FNACGESTE — SOCIEDADE GESTORA DE PARTICIPAÇÕES SOCIAIS, S.A.»

Edifício das Amoreiras, 2-8.º piso, n.º 3 — Av.ª Eng.º Duarte Pacheco — 1000 Lisboa

JOSÉ ATAÍDE ROCHA, 1.º Ajudante da Conservatória do Registo Comercial de Lisboa,

CERTIFICO que a sociedade em epígrafe deslocou a sua tendo em consequência, o artigo 3.º do respectivo contrato ficado com a seguinte redacção:

ARTIGO TERCEIRO: — A sociedade tem a sua sede em Lisboa, na Rua Particular à Avenida de Ceuta, número um, Edifício «FNAC», freguesia de Alcântara, podendo a mesma a vir a ser alterada, por simples deliberação do conselho de administração, dentro do mesmo concelho ou para concelho limítrofe.

Foram ainda depositadas as cartas de renúncia do membros do conselho de administração e conselho fiscal, que renunciaram aos respectivos cargos:

Conselho de Administração: — 1 — Presidente — João José Alexandre Alves; 2 — Amílcar Ferreira Roque; 3 — Conceição Maria da Costa Ladeiras; 4 — Justino José Morgado Pereira; 5 — Fernando Quirino Calado de Brito; 6 — Carlos Alberto da Conceição Rosado; 7— Manuel José de Oliveira Pereira; Amílcar Lopes Pereira; 9 — Fernando de Almeida Sousa Marques.

Conselho Fiscal: 1 — Helena Maria Pais da Costa; 2 — Isabel Maria da Costa Ladeira Barros; 3 — Manuel R. Caseirão & E. Ferreira da Silva, S.R.O.C.; 4 — suplente: Rui Gonçalves de Ascenção, R.O.C.

Está conforme.

Lisboa 900924.

O Ajudantge,
(assinatura ilegível)

SEGUNDO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA
A CARGO DA NOTÁRIA LIC. OLÍVIA PINTO CAPELO RAMOS

CERTIFICO para efeitos de publicação que por escritura de 30 de Outubro do corrente ano, lavrada a folhas 21 verso e seguintes do livro número 246-A, de «escrituras diversas» deste Cartório foi elevado o capital social da sociedade comercial por quotas «CAMISARIA TUFÃO, LIMITADA», com sede em Lisboa, matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa, sob o número 16 420, do livro C-43, para quatrocentos mil escudos, tendo sido alterado parcialmente o respectivo pacto social, substituído o artigo quarto pelo seguinte:

ARTIGO QUARTO

O capital social é de quatrocentos mil escudos acha-se integralmente realizado em dinheiro e nos diversos valores do activo constantes da escrita e corresponde à soma das quotas das sócias que são as seguintes.

MARIA TERESA VASSALO NEVES DE SOUSA CARRUSCA, duzentos e quarenta mil escudos;

MARIA DA GRAÇA NAZARÉ COSTA SEGURADO PAVÃO, cem mil escudos; e

MARIA TERESA VASSALO NEVES DE SOUSA CARRUSCA DE SOUSA DIAS, sessenta mil escudos:

VAI CONFORME

Lisboa, aos trinta e um de Outubro de mil novecentos e oitenta e nove.

O Ajudante Principal,
Arménio Coelho de Oliveira

«DL» — 28/9/90

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA
2 SALAS • 2 ESPECTÁCULOS
SALA NOVA
SALA 1
TÉRÇA A SÁBADO — 21.30 * DOMINGO 17H
O ESTRANGEIRO EM CASA
TEXTO • RICHARD DEMARCY
MUSICA • JOSE MARIO BRANCO
UM ELECTRICO CHAMADO DESEJO
TEXTO • TENESSEE WILLIAMS
TRADUÇÃO • M. JOAO GOMES
ENCENAÇÃO - JOÃO MOTA
M/16
«... brilhantes interpretações.» — O JORNAL
«... excelente encenação.» — A CAPITAL
«... surrealista, absurdo, épico, cruel.» — O EXPRESSO
«... verdadeira fruição teatral.» — O EXPRESSO
«... um espectáculo perturbador, pujante de força.» — A CAPITAL
APOIOS F GULBENKIAN • REMEDIOS MUSIC
CINE FOTO AVIZ • CABELEIREIRO CITY
SUBSIDIO S.E.C.
MARCAÇÕES T. 726 0818
PÚBLICO

DESPORTO

BREVES

Hóquei em patins: Europeu sobre rodas

A selecção júnior de Portugal continua a realizar exibições de gala no Europeu que decorre em Manchester (Inglaterra), tendo vencido a Inglaterra por 10-2 e a França por 10-1. Quatro jogos já realizados que corresponderam a outros triunfos e por marcas que evidenciam a sua superioridade sobre os demais concorrentes, restando conhecer o que serão capazes os nossos jovens hoquistas nos derradeiros «exames» frente à Espanha e Itália.

Grupo Desportivo de Runa fomenta luta amadora

Orlando Gonçalves (ex-director técnico da Federação Portuguesa de Lutas Amadoras) é o novo responsável pelo Departamento de Luta do Grupo Desportivo de Runa, sendo objectivo da popular colectividade incrementar e fomentar a modalidade e nesse sentido estão abertas inscrições para os atletas que a queiram representar.

Animação desportiva do Terreiro do Paço

O Terreiro do Paço volta a estar animado com actividade desportiva, depois do perípodo das férias, retomando iniciativas que comprovaram estar o local vocacionado para uma animação permanente, desde que seja resolvido o problema do estacionamento, tal como nas várias capitais europeias.

Assim, o desporto regressa no domingo (dia 30) durante toda a manhã, com jogos de futebol de cinco entre equipas de juvenis femininos e masculinos e iniciados femininos, representando várias colectividades de Lisboa.

Outras iniciativas desportivas estão já programadas pelo Grupo Coordenador da Animação Desportiva do Terreiro do Paço, para os próximos meses.

Ténis: Nacionais de 1.ª

Cunha e Marques: duelo à vista

Os irmãos Emanuel e Tânia Couto defendem amanhã, a partir das 13 horas, o título de campeões nacionais de primeiras categorias na variante de pares mistos. Na final, defrontam os mesmos opositores de há um ano, Patrícia Valadas e Mário Azevedo Gomes, certamente desejosos de desforra. A jornada de ontem dos «Nacionais» de Ténis foi dedicada exclusivamente aos pares mistos, mas hoje mesmo regressam as competições de singulares masculinos e femininos, com a disputa das meias-finais.

O belo cenário do Lawn Tennis Clube da Foz preparou-se condignamente para receber esta fase decisiva da mais importante prova organizada pela Federação Portuguesa de Ténis em conjugação com a Soténis.

É esperada uma afluência considerável àquele clube portuense, pelo facto das entradas serem gratuitas, e de estarem a actuar os dois melhores tenistas portugueses, Cunha e Silva e Nuno Marques, o que não acontecia desde 1985, numa altura em que o nortenho ainda não atingira a projecção internacional que detém actualmente.

Por isso, foi montada uma bancada com capacidade para acolher 800 espectadores, e estão a ser tomadas diligências no sentido de lhe ser acrescentada outra estrutura mais pequena para albergar mais 200 pessoas.

Mesmo assim, estes esforços poderão vir a revelar-se insuficientes, pois é conhecido o prestígio de que o ténis goza na «Invicta», onde é frequente registarem-se assistências de alguns milhares de pessoas. Para mais, a tão desejada final entre Cunha e Silva e Nuno Marques está quase garantida, e só em caso de alguma lesão ou «catástrofe» José Nunes e Paulo Coelho conseguirão ultrapassar os maiorais das raquetas lusitanas.

Na prova feminina os desfechos do quadrado final já não se apresentam tão transparentes. Sofia Prazeres, a portuguesa melhor classificada no «ranking» mundial (364.ª), não deverá sentir grandes problemas para levar de vencida Eva Mendonça, a campeã nacional de cadetes, mas o mesmo já não pode dizer-se do confronto entre a titular nacional, Tânia Couto, e a campeã nacional de juniores, Joana Pedroso.

O nível internacional de ambas as jogadoras é bastante semelhante, com uma ligeira vantagem da actual campeã (535.ª para 552.ª), mas quando se defrontaram nas meias-finais do Torneio de Leiria, foi a pupila de Pedro Cordeiro que levou a melhor.

No fundo, cremos que tudo vai depender de Joana Pedroso, uma jogadora que revela uma grande irregularidade exibicional, capaz do melhor e do pior. Tânia Couto, pelo contrário, mantém um nível constante e a balança do favoritismo pende mais para o seu lado pela vontade que tem em medir forças com Sofia Prazeres na final.

Entretanto, já foi divulgado o programa das finais. Amanhã, às 10 e 45, tem início a final de singulares femininos, seguindo-se às 13 horas a de pares mistos. O tão esperado duelo Cunha e Silva-Nuno Marques, a ter lugar, ocorrerá a partir das 14 e 45, com a RTP a transmitir (provavelmente) em directo. No domingo, ficou apenas agendado o encontro decisivo de pares masculinos.

Os resultados da prova de pares mistos ontem disputados foram os seguintes:

Quartos-de-final: Ana Sofia Gonçalves/Nuno Almeida-Sónia Andrade/João Roque, 6-7 (3/7), 7-5, 7-6 (7/2); Tânia Couto/Emanuel Couto (1)-Eva Mendonça/Paulo Ferraz, 6-3, 6-1; Patrícia Valadas/Mário Azevedo Gomes (2)-Luísa Gouveia/Sotero Rebelo, 6-3, 7-5; Marta Peralta/José Fernandes-Elisabete Coelho/Paulo Coelho, 7-5, 6-3.

Meias-finais: Tânia Couto/Emanuel Couto (1)-Marta Peralta/José Fernandes, 6-2, 6-2; Patrícia Valadas/Mário Azevedo Gomes (2)-Ana Sofia Gonçalves/Nuno Almeida, 6-1, 6-1.

A ordem de jogos de hoje, que teve o seu início às 11 horas da manhã, é a seguinte:

«Court» número um: João Cunha e Silva (1)-José Nunes (3), seguido de Nuno Marques (2)-Paulo Coelho (4), seguido de Pedro Cordeiro/José Vilela (1)-João Couto/Paulo Machado (3). **Hugo Ribeiro**

PORTUGAL

SALÃO PORTUGUÊS DE LÍNGUAS E CULTURAS
SALON PORTUGAIS DES LANGUES ET DES CULTURES
PORTUGUESE FAIR FOR LANGUAGES AND CULTURES

LISBOA-Forum PICOAS-02-04 OUTUBRO 1990

Diário de Notícias · TSF · Diário de Lisboa

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA · INSTITUTO DE PROMOÇÃO TURÍSTICA

NA SUA AGENDA

Atletismo: Rosa Mota corre domingo na marginal

Rosa Mota e Manuel Matias são as figuras de proa dos «25 Km Jumbo» que decorrerá no próximo domingo, com partida marcada para as 9 horas em Cascais e linha de chegada em Alfragide.

Para além de Rosa e Manuel Matias estarão na marginal, Joaquim Pinheiro, Cidálio Caetano, Fernando Reis, o italiano Gianni Pedrini, o norte-americano Dennis Rinde, o polaco Witczk, o soviético Ermatchov, a brasileira Evany Sousa, entre cerca de 1800 concorrentes.

APRENDA

Electricidade, electrónica, rádio, TV, durante 10 meses, aulas teórico-práticas de 3 horas diárias das 08.00 às 23.00. Mais de 600 contos de material didáctico por aluno.
Início do curso 1 de Outubro, assiste a uma semana de aulas, gratuitamente, quando desejar.

4.ª classe ou 6.º ano de escolaridade (16 anos).

DIPLOMA CARTEIRAS PROFISSIONAIS

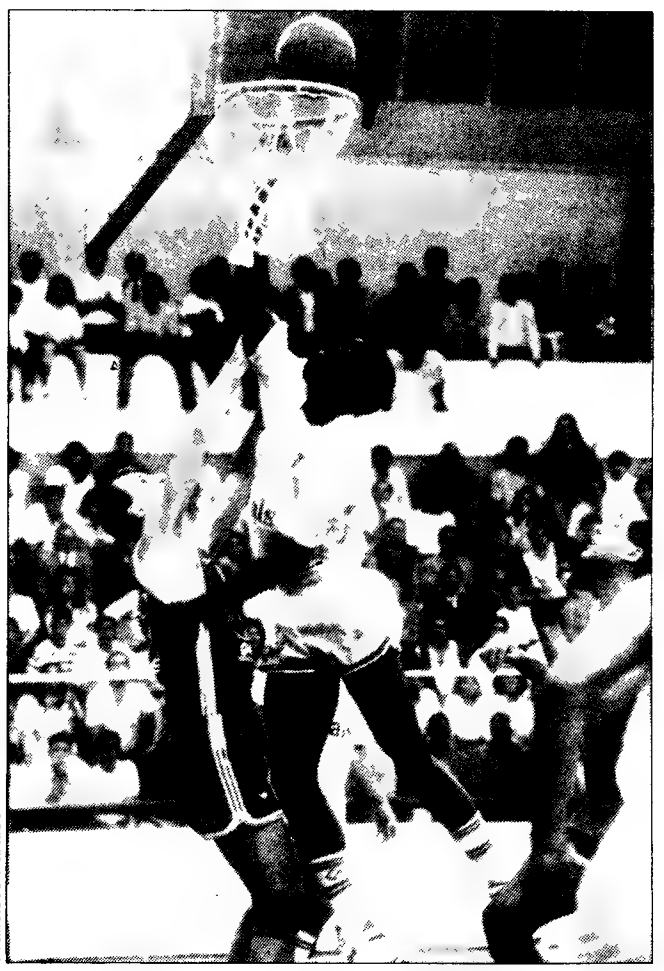
De Técnico de Electrónica, Rádio, TV e de Electricista de Baixa Tensão. Válidas em todos os países com sindicatos.
PREÇO: 200+7 mil escudos em 10 prestações mensais de 20 mil.

ESCOLA LASER

Capacidade para 870 alunos.

Praça Bernardo Santareno, 3-B
1900 Lisboa — Tel. 805801 - 809557
Metro Areeiro, autocarros 15-27-35-40

(Alugamos salas-aula)
FÉRIAS EM AGOSTO



Francisco Paraíso

Basquetebol: perder e ganhar

O basquetebol português em hora europeia. Para a Taça dos Clubes Campeões Europeus (competição masculina) o Benfica recebeu e bateu por 87-85 a turma alemã do Bayer Leverkusen. Entre «cinco» femininos, as espanholas do Salgar foram a Queluz vencer o CIF (112-46). Para a Taça dos Vencedores de Taças (recorda-se o que já tínhamos dado notícia) a Ovarense ultrapassou os belgas do Durox Louvain (95-88). Taça Ronchetti (prova feminina): Clube Amigos do Funchal (Madeira), 54-francesas do ASPTT Aix-en-Provence, 83 e Navarra, 103-CIBF do Porto, 48. Taça Korac: Beira Mar, 81-Olympique de Antibes (França), 77.

Na imagem: o duelo no pavilhão da Luz.

Fórmula Um

Senna será «coroado» se vencer em Espanha

Ayrton Senna, da Mc-Laren-Honda, garantirá domingo a sua segunda «coroa» mundial de Fórmula Um, caso vença o Grande Prémio de Espanha, antepenúltima prova do campeonato.

Depois do seu segundo lugar do fim-de-semana passado em Portugal, atrás do inglês Nigel Mansell, Senna ficou a um passo de suceder ao rival da Ferrari, Alain Prost, terceiro na corrida do Estoril, e de repetir o sucesso de 1988, ano em que derrotou o francês tricampeão mundial na luta pelo título.

Para passar a integrar o restrito «clube» dos bicampeões mundiais de Fórmula Um, o brasileiro apenas necessita de vencer uma das últimas três corridas do campeonato (Espanha, Japão e Austrália), conseguir três segundos lugares, ou terminar qualquer prova à frente de Prost.

O piloto da McLaren-Honda, de 30 anos, enfrenta a prova espanhola com uma confortável vantagem de 18 pontos sobre Prost, depois de já ter conseguido seis vitórias, dois segundos e três terceiros lugares, contra quatro vitórias, duas segundas, uma terceira, duas quartas e uma quinta posições do francês.

No final do Grande Prémio de Portugal, Prost reconheceu já não ter qualquer esperança de conseguir este ano o seu quarto título na modalidade, mas as suas possibilidades matemáticas ainda são efectivas, embora necessite de ganhar todas as restantes corridas, sem que Senna ocupe sempre a segunda posição do pódio.

Tal como no Estoril, os bólides da Ferrari são favoritos na sinuosa pista de Jerez de La Frontera, uma das mais lentas e difíceis do mundial, o que levou Senna a ser cauteloso ao abordar a questão do título: «*vai ser outra corrida muito disputada, pelo que vai esperar para ver antes de falar acerca do campeonato*» — disse.

«*Vou conduzir para ganhar, pois outra vitória torna-me matematicamente campeão*» — acrescentou o líder do mundial, embora tenha frisado: «*utilizarei esta estratégia até ao final do campeonatro, mas espero que a Ferrari volte a ser muito forte em Jerez de La Frontera*».

A determinação de Senna em conquistar o título também poderá ser «ensombrada» por outro facto: a Williams-Renault conseguir convencer o inglês Nigel Mansell, companheiro de equipa de Prost na Ferrari, a não abandonar a Fórmula Um no final desta temporada e ingressar na escuderia anglo-francesa.

Apesar de ainda não ter assinado qualquer compromisso para 1991, Mansell tem mantido negociações com Frank Williams e esteve no centro de alguma polémica no Grande Prémio de Portugal, quando prejudicou Prost na largada , impedindo-o de poder lutar pela vitória em Portugal, que era quase indispensável para as suas aspirações.

Como vão os «Mundiais»

	EUA	BRASIL	SAN MARINO	MÓNACO	CANADÁ	MÉXICO	FRANÇA	INGLATERRA	ALEMANHA	HUNGRIA	BÉLGICA	ITÁLIA	PORTUGAL	TOTAL
PILOTOS														
1.º Ayrton Senna	9	4	-	9	9	-	4	4	9	6	9	9	6	78
2.º Alain Prost	-	9	3	-	2	9	9	9	3	-	6	6	4	60
3.º Gerard Berger	-	6	6	4	3	4	2	-	4	-	4	4	3	40
4.º Thierry Boutsen	4	2	-	3	-	2	-	6	1	9	-	-	-	27
5.º Nelson Piquet	3	1	2	-	6	1	3	2	-	4	2	-	2	26
6.º Nigel Mansell	-	3	-	-	4	6	-	-	-	-	-	3	9	25
7.º Ricardo Patrese	-	-	9	-	-	-	1	-	2	3	-	2	1	17
8.º Alessan. Nannini	-	-	4	-	-	3	-	-	6	-	3	-	-	17
9.º Jean Alesi	6	-	1	6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	13
10.º Ivan Capelli	-	-	-	-	-	-	6	-	-	-	-	-	-	6
CONSTRUTORES														
1.º McLaren-Honda	9	10	6	13	12	4	6	4	13	6	13	13	9	118
2.º Ferrari	-	12	3	-	6	15	9	9	3	-	6	9	13	85
3.º Williams-Renault	4	2	9	3	-	2	1	6	3	12	-	2	-	44
4.ºBenetton-Ford	3	1	6	-	6	4	3	2	6	4	5	-	3	43
5.º Tyrrell-Ford	7	-	1	6	-	-	-	-	-	-	-	1	-	15

Depois do G.P. de Espanha restam o Japão e a Austrália para o termo do Campeonato.

Ayrton Senna: título à vista

Futebol por aí fora

César Grácio: outro processo federativo

Era esperado: o Conselho de Disciplina da Federação de Futebol decidiu mandar instaurar um processo disciplinar ao Sporting e outro a César Grácio.

Na base desta decisão, está o facto de César Grácio «*se encontrar no exercício de função de assessor da direcção do Sporting em termos de representar aquele clube em actos administrativos perante esta federação, no período em que para tal estava impedido*». Lembra-se que César Grácio tem pendentes processos judiciais e a nível laboral (em fase de instrução) com a Federação directamente interessada, até porque (com ou sem razão: a justiça dirá se esteve certo) o anterior elenco directivo do organismo da Praça da Alegria demitiu-o das funções de secretário-geral.

Mais decisões do Conselho de Justiça da FPF: multas ao Sporting (25 contos) e ao Braga (15), suspensão por nove jogos do atleta Alberto Leandor (Mirense), oito a Adelino de Jesus (União de Santarém), sete a Douglas (Joane) e vários outros castigos a três dezenas de jogadores das divisões secundárias. No 1.º escalão: dois jogos de suspensão ao bracarense Moroni.

Marinho Peres explica planos para o ataque sportinguista à Amadora

«Folhetim» Silas

Paulo Silas, que alinhou no Sporting, pode integrar em breve a equipa do Central Español, actual guia do campeonato do Uruguai, anunciou o presidente do clube, Enrique Baldrich.

Silas, centro-campista (de 25 anos) e mundialista no Itália-90, foi campeão sul-americano na Taça América-89, e deixou recentemente Lisboa, onde alinhou pelo Sporting.

O «passe» do jogador foi comprado pelo empresário uruguaio Juan Figger, que o inscreveu pelo Central Espafnol (onde nunca chegou a jogar) e posteriormente cedeu-o ao Sporting. Na sequência das divergências entre Figger e o Sporting, o contrato com o clube português ficou sem efeito e Paulo Silas voltou a pertencer ao Central Español. O empresário tem um acordo com os dirigentes do Central Español, que lhe permite utilizar o nome do clube nas transferências, mas os futebolistas, principalmente os brasileiros, nunca chegou a vestir a camisola da equipa de Montevideu. No caso especial de Silas (actualmente sem equipa e com o mercado europeu fechado) o Central Español pediu a Juan Figger para que o futebolista jogue no campeonato do Uruguai até se decidir o seu futuro.

«*Estamos em negociações, há boa vontade de ambas as partes, e um acordo iria beneficiar todos. Para o Central, a entrada de Silas seria uma ajuda valiosa e para o campeonato do Uruguai um indiscutível atractivo, além de ser uma possibilidade para o jogador ter competição e não perder a forma*», afirma Baldrich.

Árbitros no cartaz

Miranda de Sousa (Porto) será o juiz do Belenenses-Benfica. Para os outros jogos da 1.ª divisão foram escolhidos Carlos Valente (Setúbal) para o Estrela da Amadora-Sporting, Fernando Correia (Lisboa) estará no União-Porto, Mário Leal (Leiria) vai apitar o Guimarães-Farense. Jogos de domingo: Penafiel-Gil Vicente (Armando Portulêz, Coimbra), Famalicão-Braga (Carlos Carvalho, Porto), Setúbal-Chaves (Bento Marques, Évora), Nacional-Tirsense (Amorim Calheiros, Viana do Castelo), Salgueiros-Beira Mar (Vítor Pereira, Lisboa) e Boavista-Marítimo (Veiga Trigo, Beja).

Porto mais forte

O futebolista Abílio, recentemente submetido a uma intervenção cirúrgica, regressou aos treinos de campo «*sem limitações*», afirmou o dr. Domingos Gomes, chefe do Departamento Médico do FC Porto.

Abílio retirou os ferros da articulação do ombro direito e o departamento clínico do FC Porto considerou-o apto para a competição.

O brasileiro Aloísio, que «*contraiu uma ligeira entorse no tornozelo direito*», foi convocado para o encontro frente ao União, encontrando-se «*totalmente recuperado*».

A comitiva portista partiu para a Madeira e, em relação ao último encontro, dos 17 jogadores convocados por Artur Jorge apenas se regista a substituição de Fernando Couto por Morgado. Para o jogo da 6.ª jornada do nacional de futebol, o técnico portista convocou Aloísio, André, Branco, Domingos, Geraldão, Jaime Magalhães, João Pinto, Jorge Couto, Kiki, Kostadinov, Madjer, Morgado, Padrão, Paille, Paulo Pereira, Semedo e Vítor Baía.

UEFA multa

A União Europeia de Futebol multou a Sampdoria (Itália) e o Kaiserslautern (RFA) por incidentes ocorridos no desenrolar do encontro disputado entre ambos no passado dia 19 a contar para a Taça das Taças. A Sampdoria terá de pagar 13 mil dólares (cerca de 1900 contos) e o Kaiserslautern 9 mil dólares (1350 contos) pelos distúrbios causados pelos adeptos das duas equipas. Além destas multas, a UEFA suspendeu os futebolistas italianos Ivano Bonetti e Marco Lanna por quatro e um jogo, respectivamente.

Ao mesmo tempo, a UEFA decidiu que o jogo entre o Inter de Milão e o Rapid de Viena, a contar para a Taça UEFA, se disputará no dia 3 de Outubro, no Estádio Marco António Bentegodi, de Verona. O jogo conta para a 2.ª «mão» da 1.ª eliminatória da Taça UEFA. Na 1.ª «mão» venceu o Rapid de Viena, por 2-1.

A UEFA informou que aquela partida deveria disptuar-se, no Estádio Guiseppe Meazza (Milão) mas as deficientes condições do seu terreno de jogo obrigaram à transferência do desafio para Verona.

Contra a violência

O avançado internacional escocês Robert Fleck (do Norwich) está sob investigação policial, devido ao comportamento revelado na 4.ª-feira num jogo com o Watford, da 2.ª jornada do Campeonato inglês de Futebol. O goleador do Norwich, que pretende ser transferido, foi expulso a cinco minutos do final da partida com o Watford por ter agarrado perigosamente a cabeça do seu adversário Keith Dublin, quando ambos disputavam uma bola alta. O comandante da Polícia de Norwich afirma que aguarda relatórios dos agentes da autoridade que estiveram presentes no jogo, acrescentando: «Quando forem reunidos todos os factos, a decisão será tomada para posterior acção policial».

Entretanto, o responsável técnico do Norwich revelou que Fleck será multado pelo clube.

BREVES

Inatel: 150 equipas em acção

Mais de duas centenas de equipas, representando mais de centena e meia de Centros Culturais e Desportivos, vão tomar parte nos Campeonatos Desportivos que o Inatel vai levar a efeito a partir de 17 do próxmo mês de Outubro, no distrito de Lisboa.

Até Junho de 1991, mês para o qual foi marcada a realização de mais uma edição da «Inatelíada», as duzentas e vinte formações inscritas vão cumprir o calendário de jogos nas modalidades de andebol, basquetebol, futebol e voleibol.

O maior número de inscrições, como facilmente se depreenderá, corresponde ao futebol, onde 119 grupos (que foram divididos em três divisões) aderiram ao projecto do desporto para trabalhadores.

O sorteio para os campeonatos distritais destas modalidades terá lugar amanhã, a partir das 16 horas, no Centro de Férias da Costa da Caparica.

I Série N.º 225
Dia 28 de Setembro

DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Presidência do Conselho de Ministros

Decreto-Lei n.º 307/90:
Cria, na dependência técnica e administrativa do Instituto Português do Património Cultural, o Museu do Mosteiro de São Martinho de Tibães.

Ministérios da Defesa Nacional e das Finanças

Portaria n.º 910/90:
Aprova o plano técnico, financeiro e actuarial do Fundo de Pensões dos Militares das Forças Armadas.

Ministérios das Finanças, da Agricultura, Pescas e Alimentação e do Comércio e Turismo

Portaria n.º 911/90:
Anula a suspensão da aplicação dos direitos niveladores e outras taxas para a importação dos produtos do sector da carne de suíno, referidos no n.º 2 da Portaria n.º 546-A/90, de 13 de Julho, com efeitos a partir de 1 de Outubro de 1990.

Ministérios das Finanças e do Emprego e da Segurança Social

Portaria n.º 912/90:
Actualiza os valores estabelecidos na Portaria n.º 657/88, de 29 de Setembro, a utilizar na determinação do montante das comparticipações familiares para o cálculo do subsídio de educação especial, no âmbito das prestações familiares a deficientes. Revoga a Portaria n.º 657/88, de 29 de Setembro.

Ministério da Educação

Portaria n.º 913/90:
Autoriza o Instituto Politécnico de Leiria, através da Escola Superior de Tecnologia e Gestão, a ministrar em horário nocturno o curso de bacharelato em Engenharia Mecânica — Moldes e Plásticos.

Portaria n.º 914/90
Fixa as vagas para a candidatura à matrícula e inscrição no ano lectivo de 1990-1991 no curso de estudos superiores especializados em Controlo de Gestão ministrado pelo Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Instituto Politécnico de Coimbra.

Portaria n.º 915/90:
Introduz alterações na regulamentação do curso de estudos superiores especializados em Controlo de Gestão ministrado pelo Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Instituto Politécnico de Coimbra.

Ministério da Saúde

Portaria n.º 916/90:
Altera o n.º 4 da Portaria n.º 409/90, de 31 de Maio, que aprova as tabelas de preços a praticar pelo Serviço Nacional de Saúde.

Ministério de Emprego e da Segurança Social

Portaria n.º 917/90:
Estabelece a forma de determinar a remuneração média que serve de base ao cálculo das pensões de invalidez, de velhice ou de sobrevivência, bem como de subsídio por morte, quando estão em causa registos salariais anteriores a 1971.

Declaração:
De terem sido autorizadas transferências de verbas no orçamento do Ministério no montante de 73 622 contos.

AGENDA

O ESTADO DO TEMPO

HOJE

CONTINENTE

Em todo o território: Céu geralmente muito nublado em especial de nuvens altas. Vento Sul moderado. Possibilidade de aguaceiros e trovoadas durante a tarde nas regiões do interior.

Mar de pequena vaga a cavado com ondulação oeste de 2 metros na Costa Ocidental e de pequena vaga a cavado com ondulação sudoeste de 1 a 2 m na Costa Sul.

Amanhã

Céu geralmente muito nubla-do. Vento de Sul moderado por vezes com rajadas. Períodos de chuva em especial a partir da tarde.

Depois de amanhã

Céu nublado. Vento de Sul moderado por vezes com rajadas. Períodos de chuva por vezes forte e com trovoadas dispersas.

MADEIRA

Céu geralmente muito nublado. Vento de Sudoeste moderado soprando por vezes forte. Aguaceiros e possibilidade de trovoadas.

Mar cavado a grosso com ondulação oeste de 3 a 4 metros na Costa Norte e cavado a grosso com ondulação sudoeste com 4 a 5 metros na Costa Sul.

Amanhã

Céu geralmente muito nublado. Vento de Sudoeste moderado, por vezes forte. Aguaceiros.

Depois de amanhã

Períodos de céu muito nublado. Vento de Noroeste moderado, sendo fraco no Funchal. Aguaceiros pouco frequentes.

AÇORES

Em todos os grupos: Períodos de céu muito nublado. Vento norte moderado a forte. Aguaceiros.

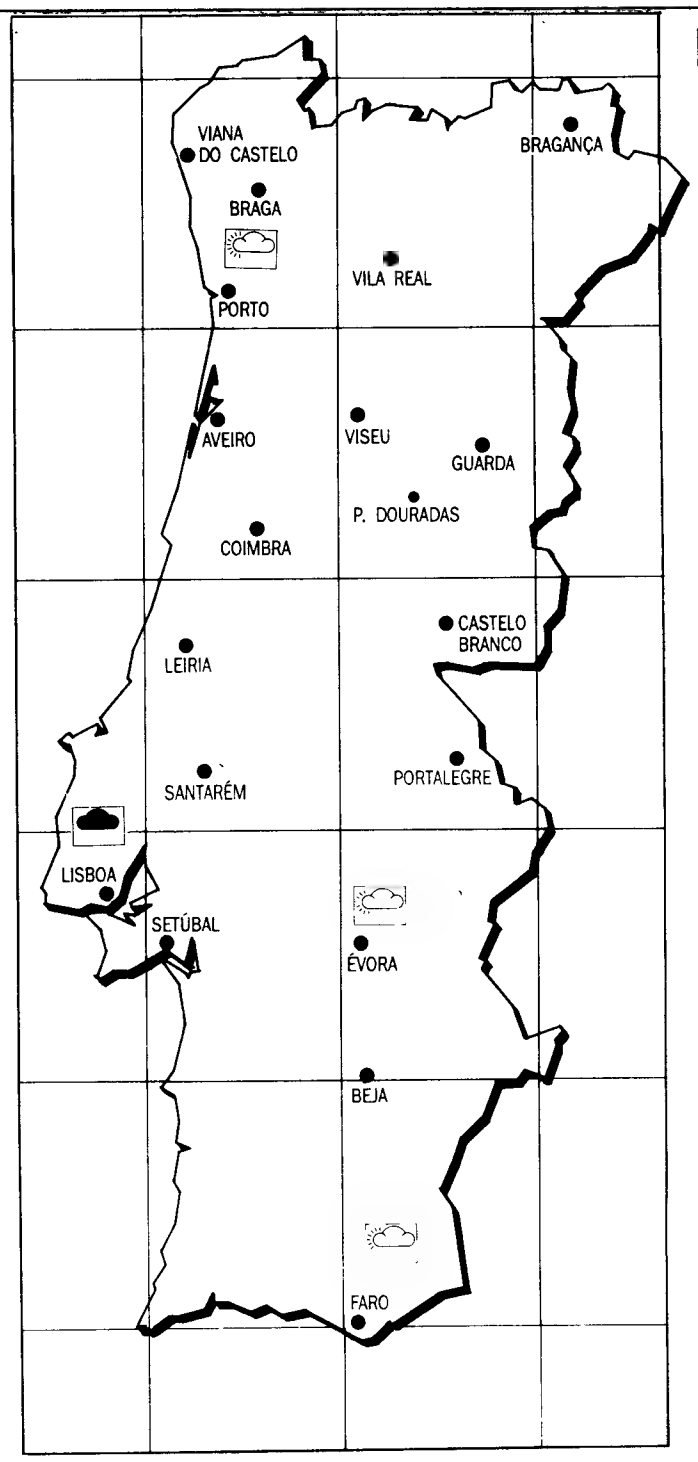
Mar cavado a grosso com ondulação norte de 3 a 4 metros.

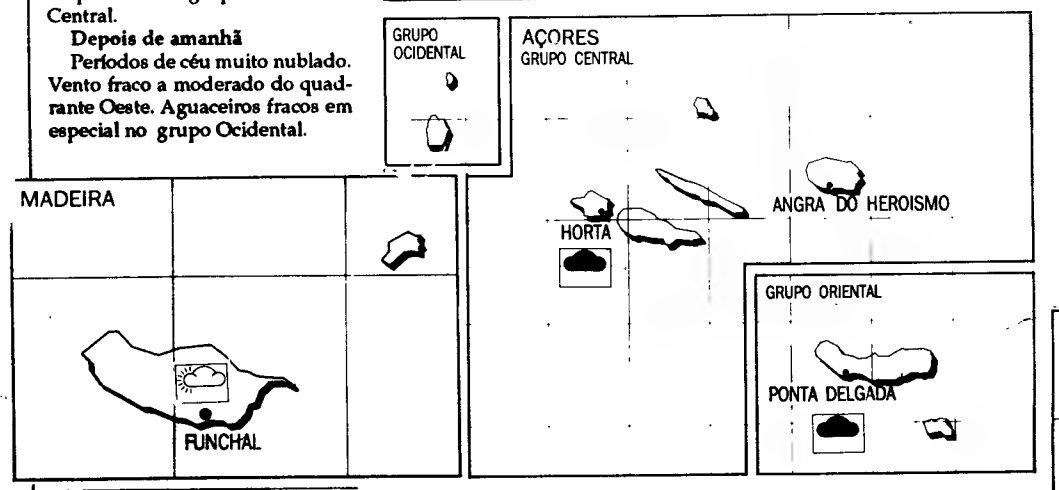
Amanhã

Períodos de céu muito nublado. Vento norte moderado, soprando por vezese forte em especial no Grupo Oriental. Aguaceiros mais frequentes nos grupos Oriental e Central.

Depois de amanhã

Períodos de céu muito nublado. Vento fraco a moderado do quadrante Oeste. Aguaceiros fracos em especial no grupo Ocidental.





Céu limpo
Céu pouco nublado
Céu muito nublado
Chuva
Trovoada
Neve
Vento
Mar calmo
Mar encrespado

MARÉS

Hoje

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
10.53	2,8m	03.51	1,8m
23.53	2,7m	17.02	1,7m

Amanhã

12.13	2,9m	05.30	1,7m
00.56	2,9m	18.15	1,4m

PORTUGAL

	Mín.	Máx.	Às 6 h.
Bragança	16	16	M. nub.
V. Castelo	16	16	M. nub.
Vila Real	15	16	M. nub.
Porto	19	19	P. nub.
P. Delgada	-	-	-
Coimbra	18	22	M. nub.
C. Carvoeiro	20	20	P. nub.
C. Branco	20	20	M. nub.
Portalegre	20	21	M. nub.
Lisboa	20	20	M. nub.
Évora	21	22	M. nub.
Beja	22	23	Encoberto
Faro	23	24	M. nub.
Sagres	20	22	Encoberto
P. Delgada	18	19	P. nub.
Horta	19	20	P. nub.
Funchal	23	23	M. nub.
Sines	-	-	-

Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 28; Porto, 29; Faro, 29; P. Delgada, 24; Funchal, 25.

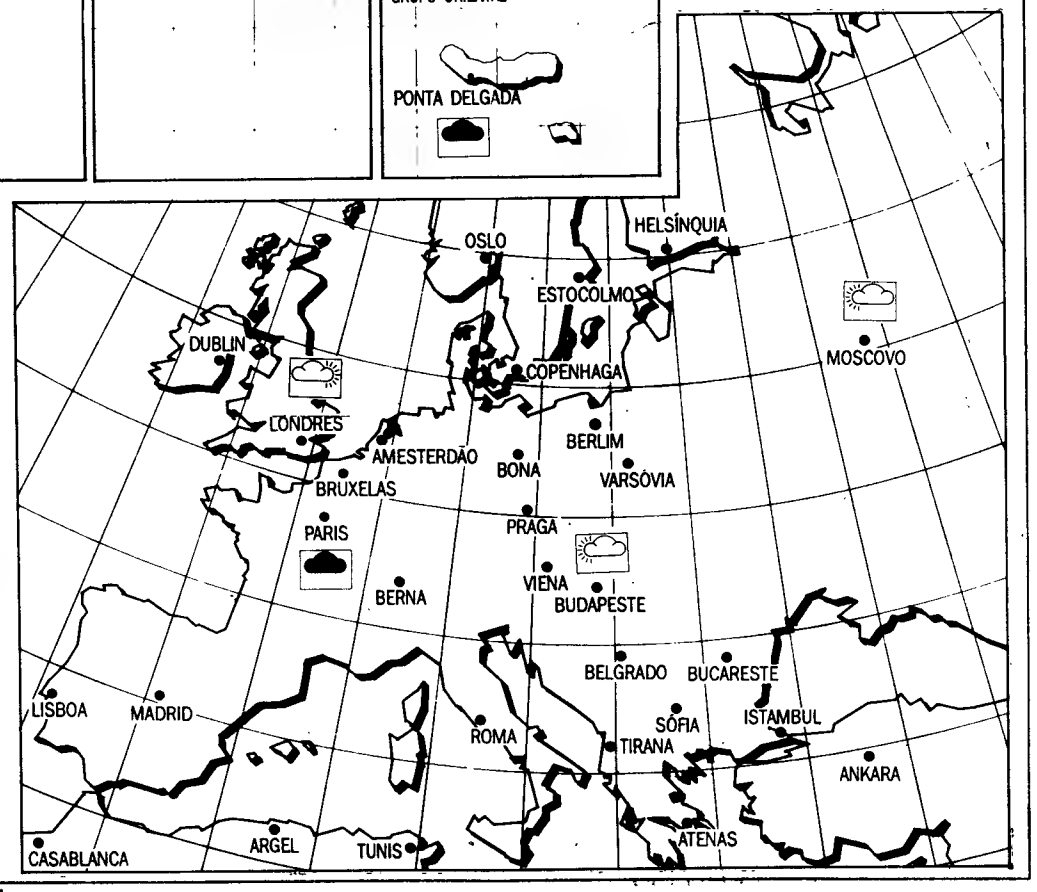
EUROPA

	Mín.	Máx.	Às 6 h.
Madrid	14	15	P. nub.
Londres	5	6	Nevoeiro
Paris	6	6	P. nub.
Bruxelas	7	7	P. nub.
Amesterdão	8	12	Neblina
Genebra	6	7	P. nub.
Roma	15	15	Limpo
Oslo	5	6	M. nub.
Copenhaga	9	10	Chuva
Estocolmo	6	6	M. nub.
Berlim	8	8	M. nub.
Viena	8	8	Limpo
Varsóvia	2	4	Limpo
Atenas	23	24	P. nub.
Moscovo	2	3	Aguaceiros

MUNDO

	Mín.	Máx.	Às 13 h
Buenos Aires	11	21	Limpo
Caracas	19	29	Nublado
Hong Kong	26	28	Nublado
Joanesburgo	10	26	Limpo
Los Angeles	18	28	Nublado
Montreal	12	17	Nublado
Nova Deli	24	32	Nublado
Nova Iorque	16	23	Limpo
Rio de Janeiro	15	28	Limpo
São Francisco	16	23	Limpo
São Paulo	12	24	Limpo
Téquio	17	22	Nublado

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica



AGENDA

FARMÁCIAS

LISBOA

SERVIÇO PERMANENTE

Alvalade: Líbia, Av. Igreja, 4, B-C, Tel. 891681; **Arco Cego - Estefânia:** Délio, Rua Açores, 32-34, Tel. 572388; **Av. Novas - João Crisóstomo:** Cosmos, Av. João Crisóstomo, 44-C, Tel. 520592; **Bairro Azul:** Bairro Azul, Av. Ressano Garcia, 7-A, Tel. 571451; **Baixa:** Normal de Lisboa, Rua da Prata, 220, Tel. 878342; **Benfica - Bairro Santa Cruz,** Lavinha, Rua Eng. Paulo Barros, 28-A, Tel. 708242; **Campo de Ourique:** Linaida, Rua Ferreira Borges, 30, Tel. 3960955; **Chelas - Av. Dr. Aug. Castro - Carris:** Sacramento, Rua Actriz Palmira Bastos, Lote 42, Tel. 8590904; **Chile - Alameda:** Nobel, Rua Actor Vale, 53, Tel. 8142152; **Conde Redondo - Santa Marta:** Dávi, Rua Conde Redondo, 68-72, Tel. 554342; **Lumiar:** Nicolau, Calçada de Carriche, Lote 4 - Loja Esq.ª, Tel. 7588727; **Pampulha - Janelas Verdes:** Nazário Pinto, Rua Presidente Arriaga, 39, Tel. 3967460; **Quinta da Luz - Carnide:** Findor, Rua Adelaide Cabete, 10-E, Tel. 7145271; **Santo Amaro:** Botânica, Rua da Junqueira, 38-40, Tel. 3638132; **Brandoa - Amadora:** Tavares Matos, Rua Irene Lisboa, Lote 108, Tel. 993220; **Carnaxide:** Central Carnaxide, Av. Portugal, 16-B, Tel. 4184913; **Moscavide:** Banha, Av. Moscavide, 22-A, Tel. 2518518; **Odivelas - Quinta do Mendes:** Almeida, Av. Prof. Dr. Augusto Abreu Lopes, Lote 110, Tel. 9824242; **Pontinha:** Flora, Azinhaga dos Besouros, Lote R8.

REFORÇO

Areeiro: Garantia, Av. Padre Manuel da Nobrega, 5, A-B, Tel. 887300; **Belém:** Bom Sucesso, Rua Bartolomeu Dias, 63-A, Tel. 611454; **Graça:** Morão, Largo da Graça, 63, Tel. 860700; **Jardim dos Anjos:** Confiança, Av. Almirante Reis, 46-A, Tel. 821653; **Jardim Zoológico:** Alegria, Estrada Benfica, 180, A-B, Tel. 780511; **Olivais Sul:** Marta, Rua Cidade Nampula - Ed. Paris, Lote 534, Tel. 333696; **Praça Alegria:** Brites Moita, Praça da Alegria, 33-34; **Picheleira:** Marluz, Calçada da Picheleira, 140, B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **Poço dos Negros:** Valentim, Rua Poços dos Negros, 88-90, Tel. 601453; **Saldanha:** Dalva, Av. Duque D'Ávila, 125, Tel. 545225; **Xabregas:** Salter, Rua Xabregas, 63-65, Tel. 381185; **Buraca - Amadora:** Vaz Martins, Praceta Fernando Pessoa, Loja E-36 B, Tel. 970660; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA DE CASCAIS

Algés: Cabrita, P. Miraflores, lote 12, Tel. 4101486, Permanente; **Linda-a-Velha:** Pinto, R. Antero Quental, 9, Tel. 4190610. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A-r/c. (Tel. 2441616). Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22h; **Carcavelos:** Vilar, Av. M.ª Conceição, Lote B, Tel. 2470777. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B-Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22h; **Paço de Arcos:** Pargana, Av. Eng.º Bonneville Franco, Tel. 4435147. Até às 22h; **Oeiras:** Ribeiro, Av. Dr. Flávio Resende, 9-A, Tel. 4466066. Permanente; **Parede:** Grincho, Av. República, 87-A, Tel. 2471204. Permanente; **S. João do Estoril:** Das Areias, Urb. Areias. Até às 22 h; **Sassoeiros:** Amaral, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22h; **Birre:** Imani, Lote 7-B-Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22h; **Cascais:** Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40, Tel. 280170. Permanente.

LINHA DE SINTRA

Amadora: Confiança, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A, Tel. 438149. Permanente; Jardim, Av. Conde Oeiras, 120 - Reboleira, Tel. 4953424. Até às 22h; **Damaia:** P. Alex. Gusmão, 9-A, Tel. 970523. Até às 22 h; **Queluz:** Pereira Dias, Monte Abraão, Tel. 4375566. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. Jorge Mineiro, 42, Tel. 4356487. Até às 22h; **Cacém:** Silva Duarte, R. Elias Garcia, 167, Tel. 9248120. Permanente; **Mem Martins:** Química, Est. Mem Martins, 285, Tel. 9210012. Até 22h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22h; **Rinchoa:** Dumas Brousse, Calç. Rinchoa, 2, Tel. 9260404. Até às 22h; **Sintra:** Teresa Garcia, L. D. Afonso, 3-A, Pendoa, Tel. 9232747. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **Loures:** Sálvia, Av. República, 29, Tel. 9831240. Permanente.

OUTRA BANDA

Almada: Macedo Henriques, R. Bern. Francisco Costa, Lote 1, Tel. 2751297. Permanente; **Cova da Piedade:** Avelar Silva, R. Dr. Alberto Araújo, 19-A, Tel. 2750337. Permanente; **Monte de Caparica:** Guerreiro, Lote 31, IJ, Moinho, Tel. 2950727. Até às 19h; **Costa da Caparica:** Chai, Av. Gen. Humberto Delgado. Tel. 2903218. Até às 19h; **Laranjeiro:** Baptista Marques, R. Boa Vontade, 17-B, Tel. 2538572. Até às 22h; **Sesimbra:** Lopes, R. Cândido Reis, 21, Tel. 2233028. Até às 19 h; **Lavradio:** Parreira, R. D. Silva Cristino, 15-A. Tel. 2042016. Até às 19h; **Barreiro:** Diogo Roque, Av. Miguel Bombarda, 259, Tel. 2070602. Permanente; **Baixa da Banheira,** Aliança, Est. Nacional, 178-B, Tel. 2040302. Até às 19h; **Corroios:** Universo, Est. Nacional, 10, Tel. 2535484. Até às 19h; **Amora:** Nova Amorense, EN 10, Bloco A - Paivas, Tel. 2216824. Permanente.

CLÍNICA S. JOÃO DE DEUS

MÉDICO DE URGÊNCIA

795 06 80/9

HÁ 20 ANOS

POLÍTICA EXTERNA DE ALLENDE SERÁ ANTIAMERICANA (PAG. 3)

Diário de Lisboa

A MOSCA

MODERNIZAÇÃO DA INDÚSTRIA DE LANIFÍCIOS

— uma das directrizes a respeitar na área da Covilhã segundo o dr. João Salgueiro

O PRESIDENTE DA FINLÂNDIA INTERESSADO NO ALGARVE

HUSSEIN TRANSFERIU PARTE DA SUA SOBERANIA PARA UMA COMISSÃO ÁRABE DE FISCALIZAÇÃO

Modernização da indústria de lanifícios

A modernização e diversificação da indústria de lanifícios foi hoje apontada pelo subsecretário de Estado do Planeamento Económico, dr. João Salgueiro, como um factor de progresso a seguir na área da Covilhã, uma perspectiva de desenvolvimento regional. «Não se considera aceitável que o desenvolvimento económico e social continue a concentrar-se quase exclusivamente nas regiões de Lisboa e Porto, devendo criar-se condições para que o progresso das actividades produtivas e dos níveis de vida atinja maior equilíbrio no conjunto do território metropolitano» - salientou o dr. João Salgueiro, ao discursar, esta tarde, na sessão de abertura do Colóquio sobre Desenvolvimento Socioeconómico da zona da Cova da Beira.

O Presidente da Finlândia interessado no Algarve

O Presidente da República da Finlândia, ao visitar o «stand» de Portugal na Feira Internacional de Helsínquia, manifestou vivo interesse pelo nosso País, muito especialmente pelo Algarve, de que lhe tinham falado pessoas amigas.

Convite a Nixon

O senador William Fulbright convidou o Presidente Nixon a rever a sua atitude em relação a Thieu e Ky e preconizou uma mudança de Governo em Saigão.

EFEMÉRIDES

1865

• É inaugurado, em Lisboa, o Teatro do Príncipe Real, mais tarde Teatro Apolo.

1939

• A Alemanha e a URSS acordam num plano de divisão da Polónia, durante a Segunda Guerra Mundial.

1950

• A Indonésia é admitida nas Nações Unidas.

1965

• Nas Filipinas, um vulcão entra em erupção, matando 184 pessoas.

1975

• A Organização Mundial de Saúde (OMS) anuncia que espera eliminar a varíola em todo o mundo num prazo de 12 meses.

1982

• O Presidente dos EUA, Ronald Reagan, afirma que as suas medidas económicas «salvaram o país do desastre».

1983

• O Presidente da República Portuguesa, gen. Ramalho Eanes, inaugura a pista do aeroporto da ilha do Corvo, a mais pequena da Região Autónoma dos Açores.

• A RDA começa a desmontar as minas antipessoais que colocará ao longo da fronteira com a RFA para evitar fugas para o Ocidente.

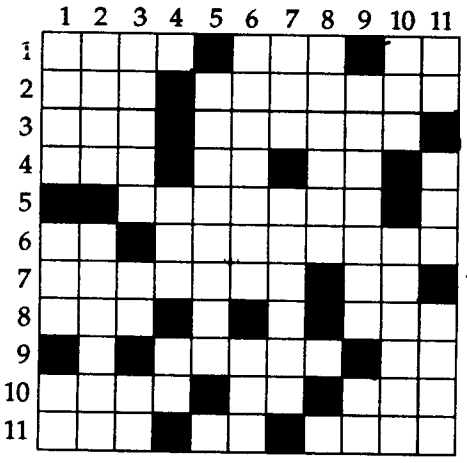
1986

• Morre o cientista soviético Nikolai Semyonov, 90 anos, um dos fundadores da Química Moderna e Prémio Nobel da Química em 1956.

1989

• Morre Ferdinando Marcos, 72 anos, ex-presidente das Filipinas.

PALAVRAS CRUZADAS



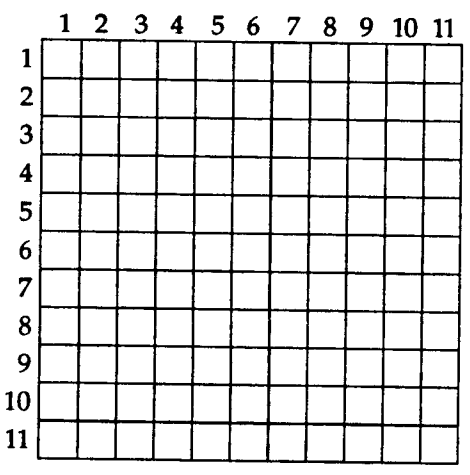
PROBLEMA N.º 18 013

HORIZONTAIS:

1 - Áspero. Preposição. Berilo (s.q.).
2 - Freguesia do concelho do Vimioso. Parte interna e endurecida do (no fruto) que encerra a semente. (pl.).
3 - Chefe etíope. Chamam em socorro.
4 - Olá. Rénio (s.q.). Preposição.
5 - Dignidade de rei ou rainha.
6 - Sódio (s.q.). Magnetizaras.
7 - Louvor. Átomo.
8 - Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. Figura que simboliza o povo americano.
9 - Capital da República Popular da Bulgária. Estrépito de desmoronamento.
10 - Diz-se do que tem uma cor de ouro-mate ou amarelo-torrado. Preposição e artigo. Ente.
11 - Armaria. Esquadrão. Mamífero ruminante.

VERTICAIS:

1 - Rijo. Negativa. Bário (s.q.).
2 - Referente à uva. Tocar o apito.
3 - Tocar de leve. Nota musical. Prefixo de negação.
4 - Ena! Solitário.
5 - Pov. da freguesia da Cova da Piedade.
6 - Freguesia do concelho de Ponta Delgada (Açores). Executa.
7 - Reze. Bispo de Pavia que negociou uma reaproximação entre as Igrejas grega e latina.
8 - Languidez.
9 - Municípios. Apelido.
10 - Bondoso. Prenderam.
11 - Pertences. Organização Mundial de Saúde. (sigla). Parede forte.



PROBLEMA N.º 16 823

HORIZONTAIS:

1 - Ilha inglesa das Grandes Antilhas. Igual.
2 - Cidade da Palestina. Alcance com a vista.
3 - Ilustres. Preposição.
4 - Palavra alemã que significa imperador. Enrubesço.
5 - Rio de Portugal. Rénio (s.q.).
6 - Fútil. Consumir.
7 - Estampar. Sufixo que designa abundância.
8 - Pronome pessoal. Árvores de madeira aromática (pl.).
9 - Olé. Rate. Cobre (s.q.).
10 - Repreensão. (fig.). Rio de França.
11 - Rio da Suíça. Conquistas.

VERTICAIS:

1 - Cidade da URSS, na Ucrânia. Covil.
2 - Antes do meio-dia. Aparelho para fazer bifurcações e mudanças de linha, na via férrea.
3 - Aquele que admoesta ou dirige. Rio da Suíça.
4 - Velha. Actínio (s.q.).
5 - Pessoa amada. Vime.
6 - Pov. do concelho de Alenquer.
7 - Rio de Portugal. Touro novo.
8 - Tiras de fígado temperadas e fritas. Abreviatura de Santíssimo.
9 - Post scriptum. Rudes.
10 - Aterrorizas. Larva das feridas dos animais.
11 - Repisaram. Arsénio (s.q.).

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 18 012

HORIZONTAIS: QUEM. COSPE. 2 - Amenos. Ama. 3 - Pielas. Aram. 4 - Na. Tabaco. 5 - Rã Ícaro. Ar. 6 - Anosas. Cia. 7 - Ab. Amas. 8 - Ler. 9 - Iaco. Li. Oco. 10 - Mie. Chancas. 11 - Assomem. Oiã.

VERTICAIS: 1 - PARA. CIMA. 2 - Uai! Ana. Ais. 3 - Emen. Óbices. 4 - Melais. 5 - NA. CARA. Cm. 6 - Costas. LHE. 7 - Os. Ar. Aliam. 8 - Abo. Me. 9 - Pará. Caroço. 10 - Emaçais. CAI. 11 - Amora. Rosa.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 822

HORIZONTAIS: 1 - Foggia. Heli. 2 - Idi. Natália. 3 - Lâmina. Ras. 4 - Li. Cavam. 5 - Pimpão. Ao. 6 - Isolara. Ser. 7 - NC. Ordem. Id. 8 - Aa. ER. Cró. 9 - SS. Asnearam. 10 - Avião. Uso. 11 - Jabá. Isca.

VERTICAIS: 1 - Filipinas. 2 - Odaliscas. 3 - Gim. Mo. Ab. 4 - Implorava. 5 - Inn. Aar. Si. 6 - AAA. Ordenai. 7 - Aéreos. 8 - Harão. 9 - Elavas. Crua. 10 - Lisa. Eiras. 11 - Ia. Mordomos.

PROVÉRBIO: QUEM COSPE PARA CIMA, NA CARA LHE CAI.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA 1
Av. Almirante Gago Coutinho - T. 806496
DIAS DE TEMPESTADE
Filme de Tony Scott
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2
48 HORAS - PARTE II
Filme de Walter Hill
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3
DICK TRACY
Filme de Warren Beatty
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4
OLHA QUEM FALA
Filme de Almy Heckerling
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 5
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
Filme de Robert Zemeckis
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE
Av. Almirante Gago Coutinho - T. 806496
MO'BETTER BLUES - QUANTO MAIS MELHOR
Filme de Spike Lee
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 1
Shoping Center de Lisboa - T. 691275
DIAS DE TEMPESTADE
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 2
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 3
48 HORAS - PARTE II
M/16 anos - Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 4
MO' BETTER BLUES - QUANTO MAIS MELHOR
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.30, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 5
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 6
DICK TRACY
M/12 anos - Às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 7
NA CORDA BAMBA
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 8
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
Filme de Joe Dante
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 9
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 10
ORQUÍDEA SELVAGEM
Filme de Valman King
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A - T. 763319
DICK TRACY
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10 - T. 776098
DIAS DE TEMPESTADE
M/12 anos - Às 15.15, 18.00 e 21.30

CAPITÓLIO
Parque Mayer - Telf. 372358
Encerrado

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15 - T. 324194
INSPIRAÇÕES SEXUAIS
Filme de Joe Sherman
M/18 anos - Às 14.15, 16.30 e 21.30

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37 - T. 533253
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30 19.00 e 21.30
A GUERRA DOS ABISMOS
M/18 anos - Às 24.00

CINE PORTELA ESTÚDIO ANUSHA
T. 9434762
REGRESSO AO FUTURO III
Filme de Michael J. Fox
M/ 12 anos - Às 15.30 e 21.30

ESTÚDIO SHEZA
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
DOUTORA SEXUAL
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA PORTUGUESA
R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085
CICLO FEDERICO FELLINI
JULIETA DOS ESPÍRITOS
Às 18.30
FELLINI SATYRICON
Com Martin Potter, às 21.30

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
DICK TRACY
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

CONDES
Av. da Liberdade, 2 - T. 322523
DICK TRACY
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO
Al. D. Afonso Henriques, 35 - T. 3525133
ALWAYS - SEMPRE
Filme de Steven Spielberg
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255
(Encerrado temporariamente)

FONTE NOVA 1
Est. de Benfica 503 - T. 7145088
JACKNIFE
Filme de David Jones
M/16 anos - Às 14.30, 16.45 19.00 e 21.30

FONTE NOVA 2
DICK TRACY
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3
DIAS DE TEMPESTADE
M/12 anos - Às 14.45, 17.00, 19.15 e 21.15

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo - T. 541037

AUDITÓRIO 1

SWEETIE
Filme de Jane Campion
M/16 anos - às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00

AUDITÓRIO 2

JULES E JIM
Filme de François Truffaut
M/16 anos - Às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00

IMPÉRIO
Al. D. Afonso Henriques - T. 3525133
DIAS DE TEMPESTADE
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI
R. Sousa Lopes - T. 8480808
(Encerrado temporariamente)

KING TRIPLEX 1
R. Buthão Pato, 1-C - T. 8480808
DICK TRACY
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.30 e 21.30

KING TRIPLEX 2
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.30

KING TRIPLEX 3
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45

LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara - T. 3631162
DICK TRACY
M/12 anos - Às 15.15, 18.30 e 21.30

«Dick Tracy», de Walter Hill

LAS VEGAS 2
JACKNIFE
Filme de David Jones
M/16 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45

LONDRES
Av. de Roma, 7-A - T. 801313
JACKNIFE
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 1
R. Martens Ferrão - T. 538743
DIAS DE TEMPESTADE
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 2
DICK TRACY
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

MUNDIAL 3
48 HORAS - PARTE II
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 574362
COOKIE
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ODEON
R. dos Condes, 4 - T. 326283
O REGRESSO DO EXTERMINADOR
De Vincent Dawn
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

OLIMPIA
Rua dos Condes, 13 - T. 325309
O DIABO EM MR. HOLMES
Filme porno
M/18 anos
Sessões contínuas a partir das 14.00

PLAZA 1
Centro Com. Alvalade
DICK TRACY
M/12 anos - Às 13.45, 16.15, 18.45 e 21.15 e 23.45

PLAZA 2
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 - Às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA
R. Portas de St.º Antão - T. 326305
DIAS DE TEMPESTADE
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

QUARTETO 1
R. Flores de Uma, 16 - T. 771378
JACKNIFE
M/12 anos - Às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 2
ATA-ME
Filme de Pedro Almodover
M/16 anos - Às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 3
DICK TRACY
M/12 anos - Às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 4
ENCRUZILHADA DE ILUSÕES
Filme de Alan J. Pakula
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00, 21.45 e 24.00

SÃO JORGE 1
Av. da Liberdade, 175 - T. 579144
DIAS DE TEMPESTADE
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.15

SÃO JORGE 2
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

SÃO JORGE 3
MO'BETTER BLUES - QUANTO MAIS MELHOR
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

7.ª ARTE
Av. da República - T. 730715
GENTE GIRA É OUTRA COISA
M/6 anos - Às 14.45, 17.00, 19.00 e 21.45

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C - T. 804210
DIAS DE TEMPESTADE
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

TERMINAL
Estação do Rossio - T. 371573
GOLPE DE VINGANÇA
M/16 anos - Às 13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30
Amanhã às 23.45
O VINGADOR DA ESTRADA

TURIM
Est. de Benfica, 723-A - T. 706666
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 15.00, 17.30 e 21.30

XENON
Av. da Liberdade, 9 - T. 3468446
CINEMA PARAÍSO
Filme de Giuseppe Tornatore
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30

ALMADA

ACADEMIA ALMADENSE
Telef. 2752127
FERAS HUMANAS
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

COSTA DE CAPARICA CAPARICA OCEANO
Av.Gen.Humberto Delgado - T. 2905011

Sala 1
O TRIUNFO DO ESPÍRITO
De Robert M. Young
M/16 anos - Às 15.45 e 21.30

Sala 2
O ANJO DAS SOMBRAS
De William Friedkin
M/16 anos - Às 16.15 e 21.45

O PESCADOR
Telef. 2905350
DICK TRACY
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45
Sábado às 24.00
ESTRANHA ATRACÇÃO

CASCAIS

CARCAVELOS ATLÂNTIDA CINE
Telef. 2465653
48 HORAS - PARTE III
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

CASCAIS MIRAMAR
Sala 1
Telef. 2841769
DICK TRACY
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

Sala 2
DIAS DE TEMPESTADE
M/12 anos - Às 15.15 e 21.30

OXFORD
Av. 25 de Abril - T. 2865027
DIAS DE TEMPESTADE
M/12 - Às 16.00 e 21.30

NOVA OEIRAS CINE PALMEIRAS
Telef. 2479144

Sala 1
DIAS DE TEMPESTADE
M/12 anos - às 15.15 e 21.30

Sala 2
PARA ÍRIS COM AMOR
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

OEIRAS ALTO DA BARRA
Av. das Descobertas - T. 4439759

Sala 1
CADILLAC DO AMOR
M/12 anos - Às 15.15 e 21.45

Sala 2
ADEUS AO REI
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

SINTRA

AMADORA BABILÓNIA
Centro Comercial Babilónia - T. 4934871
DIAS DE TEMPESTADE
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

CACÉM ESTÚDIO FLORES
Telef. 9147570
O ANJO NEGRO
M/12 anos - Às 15.00 e 21.30

QUELUZ KING D. PEDRO III
Telef. 4364845

Sala 1
DICK TRACY
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.15

Sala 2
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 15.15, 18.15 e 21.30

Sala 3
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.45

TEATROS

LISBOA

CASA DA COMÉDIA
R. S. Francisco Borja, 25 - T. 607299
Sáb. às 15.30 e 17.00
Dom. às 15.30
A MENINA DO MAR
De Sophia de Mello Brayner

CHAPITÔ
R. Costa do Castelo, 7 - T. 861410
Estreia às 21.00
Sáb. e Dom. às 21.30
O PAPÁ NÃO ESTAVA LÁ
De Fernando Gomes

CLUBE ESTEFÂNIA
R. Alexandre Braga, 24-A - T. 542249
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 17.00
O FADO, A NAVALHA E A GUITARRA, OU A HISTÓRIA DA ROSA ENJEITADA
Até dia 30
De Fernando Gomes,pela Companhia Persona.

COMUNA
Praça de Espanha - T. 7260818
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 17.00
SALA 1
UM ELÉCTRICO CHAMADO DESEJO
De Tennessee Williams
Em cena até dia 8
SALA NOVA
O ESTRANGEIRO EM CASA
Em cena até dia 8
De Richard Demarcy
CAFÉ TEATRO
Sexta e Sáb. às 24.00
PISCATÓRIA
De António Carvalho

GRUPO DRAMÁTICO RAMIRO JOSÉ
Trav. Henriques Cardoso, 107 - T. 773856
Aos Domingos às 21.00
MATCHES DE IMPROVISAÇÃO E ASSALTOS DE MÁSCARAS
Pelo Meia Preta

MARIA VITÓRIA
Parque Mayer - T. 3461740
De 3ª a Dom. às 20.30 e 22.45.
Domingos e Feriados, também às 16.00
VITÓRIA! VITÓRIA!
De Henrique Santana, Francisco Nicholson, Augusto Fraga, Nuno Nazareth Fernandes e Fernando Ribeiro.

RITZ CLUBE
R. da Glória - T. 325140
De 3ª a Sáb. às 21.30 Dom. às 16.00
O BAILE
De Helder Costa

TEATRO ABERTO
P. de Espanha - T. 770969
Estreia Sáb. às 18.30
LOUCOS POR AMOR
De Sam Sheford
DESEJOS SOBRE OS ULMEIROS
De Eugéne O'Neill
Estreia também no Sáb. às 21.45
Dom. às 16.00

TEATRO MARIA MATOS
Av. Fr. Miguel Contreiras,52 - T. 897007
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 17.00
VÓRTICE
De Noel Coward

TEATRO NACIONAL D. MARIA II
Praça D. Pedro IV - T. 322210
De 3ª a sáb. às 21.30
Sáb. e Dom. às 16.00
MINETTI
De Thomas Bernhard

TEATRO INFANTIL AMADORA
Sala da Académica da Amadora
Às 17.30
DOIS ZOP CAMBALHOTE
Pelo Fio d'Água

JARDIM BOTÂNICO
R. da Escola Politécnica
Sext., Sáb. e Dom. às 18.00
ATRÁS DE UM BOSQUE UM PAPA-FORMIGAS ESVERDEIA DE VERGONHA

TEATRO DA MALAPOSTA
R. Angola - Olival Basto - Odivelas - T. 9873299
Sext. a Sáb. às 21.30
De 2.º a 5.º às 11.00
A ILHA DO REI SONO
De Norberto de Ávila, pelo Grupo de Teatro Almeida Garrett

TIL
R. Leão de Oliveira, 1 - T. 3639974
Sáb. e Dom. às 16.00 e Feriados
FELIZ ANIVERSÁRIO
De Fernando Gomes

SNOOPY POR SCHULZ

CARTAZ/TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

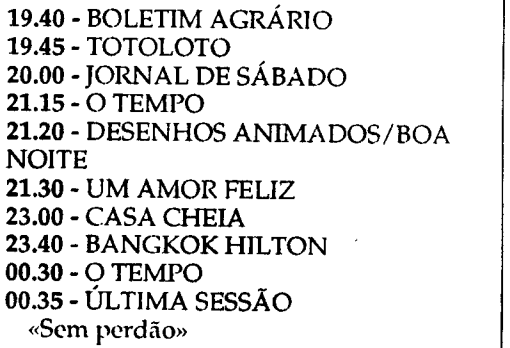
16.15 - PONTO POR PONTO
16.50 - OS GRANDES SENHORES
2º Episódio
17.15 - BRINCA BRINCANDO
Os Segredos de Mimix: Super Rato; Contos da Mãe Ganso; O Inspector Godget e Caderno Diário.
18.10 - RUA SÉSAMO
18.35 - DIVULGAÇÃO INSTITUCIONAL
18.40 - RODA DA SORTE
(10ª Sessão)
19.20 - BOLETIM AGRÁRIO
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.10 - DIREITO DE ANTENA
«CGTP-IN»
20.25 - RODA DE FOGO
70º Episódio
21.20 - DESENHOS ANIMADOS/BOA NOITE
21.35 - SESSÃO DA NOITE
«Vidas em Jogo» (Against All Odds) E.U.A. (1984): é um filme bem dirigido, eficaz e habilmente construído por Taylor Hackford que embora tenha alcançado um êxito espectacular com «Oficial e Cavalheiro» não conseguiu até à data no seu cinema sair de uma mediania, com bons acabamentos mas sem significativo conteúdo. Apesar de tudo «Vidas em Jogo», que é um remake de um filme realizado por Jacques Tourneur em 1974 com Robert Mitchum e Kirk Douglas nos protagonistas, intitulado «O Arrependido», foge ao tradicional esquema da óbvia história de amor na medida em que um hábil golpe de argumento muda bruscamente a atmosfera desta «love story» paradisíaca filmada nas ilhas Cozumel e nas ruínas de Chichen Ttza entre beijos aquáticos e promessas de amor ao pôr do sol. Hackford, justiça seja feita, sabe filmar ao sabor dos tempos, isto é, soube transformar esta história de equívocos e traições saída do universo denso e inquietante de Tourner num produto com todos os arquétipos contemporâneos de luxo, sexo e violência do exotismo mexicano aos adereços, tipo Porsche e Ferrari, passando por uma canção de Phil Collins, Take a Look at Me Now que ficou bem mais no ouvido que o filme na memória apesar da presença de dois excelentes intérpretes como são Jeff Bridges e James Woods divididos pela perturbadora presença ruiva de Rachel Ward.
Duração: 130 minutos
23.55 - CHEFE MAS POUCO
00.25 - 24 HORAS
00.55 - O TEMPO
01.00 - REMATE
01.25 - PELA NOITE DENTRO «SEXTA-FEIRA 13»
2.º Episódio

No 2º canal às 21.30, o 2º episódio da série «Tenda dos Milagres»

Amanhã, no 1º canal às 15.45, «Os Trinta e Nove Degraus» em Primeira Matinée

RTP-2

14.30 - AGORA, ESCOLHA!
15.55 - A GRANDE FENDA
2º Episódio
16.40 - BRINCA BRINCANDO
Com «Bia a Pequena Feiticeira»
17.30 - ETERNO FEMININO
10º Episódio
18.30 - CHARLOT
2.º Programa
18.55 - TI-TI-TI
30º Episódio
19.25 - CIRCO
19.30 - VIA RÁPIDA
Entrevista com uma jornalista da revista «Time Out». Por que é que alguns teatros ingleses estão ameaçados de encerramento?
19.40 - NUNCA MAIS É SÁBADO
20.45 - DICK TRACY
10º Episódio
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - A TENDA DOS MILAGRES
2.º Episódio
22.15 - ROTAÇÕES
23.15 - POP-OFF
23.45 - UM ESPIÃO PERFEITO
2.º Episódio



AMANHÃ

RTP-1

09.01 - A MÃO DE SEMEAR
09.25 - CANAL JOVEM
12.40 - DESENHOS ANIMADOS
13.00 - ENCONTRO À UMA
13.45 - O TEMPO
13.50 - OS MELHORES ANOS
14.10 - PHIL COLLINS AO VIVO EM BERLIM (II)
15.25 - DESENHOS ANIMADOS
15.45 - PRIMEIRA MATINÉE
17.30 - VARIAÇÕES: «A ARTE DO ESPECTÁCULO»
18.00 - REGRESSO ÀS ORIGENS
18.55 - HOOPERMAN
19.20 - TVER
19.40 - BOLETIM AGRÁRIO
19.45 - TOTOLOTO
20.00 - JORNAL DE SÁBADO
21.15 - O TEMPO
21.20 - DESENHOS ANIMADOS/BOA NOITE
21.30 - UM AMOR FELIZ
23.00 - CASA CHEIA
23.40 - BANGKOK HILTON
00.30 - O TEMPO
00.35 - ÚLTIMA SESSÃO
«Sem perdão»

RTP-2

09.02 - UNIVERSIDADE ABERTA
09.50 - CIRCO
10.45 - NATIONAL GEOGRAPHIC
11.40 - FORUM MUSICAL
13.00 - AGARRA O 2
14.00 - CINE-SÁBADO
«A Pista dos Gigantes»
16.00 - ESTÁDIO
18.30 - JORNAL DE FIM DE SEMANA
19.00 - ARCA DE NOÉ
19.45 - STRINGER, O CORRESPONDENTE
20.35 - TAUROMAQUIA
21.00 - ESTÁDIO
23.30 - MISTER SWING
00.40 - O DECÁLOGO

GRANCOOP

COOPERATIVA DE ENSINO DE CONDUÇÃO AUTOMÓVEL, C.R.L.

- TIRE A SUA CARTA NA ESCOLA DE CONDUÇÃO GRANCOOP
- PARA INICIAR A SUA CARTA PRECISA APENAS DE 8190$00
- TEMOS AULAS DAS 7 ÀS 23 H
- AULAS DE MECÂNICA GRATUITAS PARA OS CANDIDATOS À CARTA DE LIGEIROS
- VEÍCULOS DE INSTRUÇÃO NOVOS
- INSTRUTORES ALTAMENTE HABILITADOS
- RAPIDEZ, HONESTIDADE E BEM SERVIR HÁ MAIS DE 12 ANOS

Av. João Crisóstomo, 66 - 1.° — Dt.° (a S. Sebastião)
Telefs. 53 52 63 — 57 72 09 **1000 LISBOA**

«Sou vítima inocente de uma acusação de que até agora não me pude defender».

Carlos Melancia, dos jornais, 28.Setembro.1990

A PERGUNTA DO DIA

Rosado Fernandes
Confederação de Agricultores de Portugal

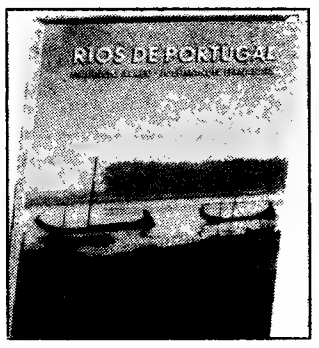
Acredita que o Governo defenderá correctamente os interesses dos agricultores na segunda fase de negociações com a CEE?

Pelas informações escritas a nível oficial de que temos conhecimento, sabemos não estarem asseguradas as salvaguardas julgadas essenciais dentro do espírito que presidiu à noção da especificidade da agricultura portuguesa. O sector da pecuária, a não serem negociadas mais salvaguardas, encontrar-se-á exposto, dentro em breve, a uma concorrência feroz por parte da produção mundial. Os cereais portugueses, que em nada contribuem para os excedentes comunitários, serão objecto dos descontos obrigatórios da corresponsabilidade prevista nas quantidades máximas garantidas, e assim por diante.Não sabemos sequer se as reduções que serão praticadas nos apoios concedidos pela PAC aos agricultores europeus vão ter reflexos negativos ou não na agricultura portuguesa dentro da segunda etapa. Até agora, portanto, as negociações têm tido resultados insuficientes e não tranquilizadores para quem defende uma integração não violenta das nossas estruturas agrícolas comunitárias.

Segunda-feira no
Diário de Lisboa
Feira Nacional dos Municípios em Grande Angular
Tina Turner: a reportagem do concerto
A crónica semanal de Alfredo Margarido

O DL SUGERE

a Fernando Real



A leitura do album «Rios de Portugal». Talvez aí aprenda a amar a beleza do que vai restando dos nossos rios e das suas margens, o sr. cujo ministério ainda não foi capaz de detectar e punir os responsáveis pela carga poluente que matou dezenas de milhar de toneladas das «fataças» que alegram o rio Tejo e ainda são modo de vida de uma raça de avieiros em riscos de extinção. Em riscos de profunda contaminação está também a água de quase todos os nossos rios e aos poluidores o sr. dá-lhes a liberdade de roubar o que é de todos nós.

ao Procurador-Geral da República

Alterne a frequência dos textos jurídicos, tão áridos, com o gozo da poesia. Mais vezes — isto é, não só quando redige comunicados sobre escândalos nacionais, como o caso do fax de Macau. Aquela das acusações que se ignoram e dos arguidos cujo nome permanece em segredo impele-nos a sugerir, respeitosamente, a fruição do soneto de Camões «Amor é fogo que arde sem se ver». O comunicado sobre o caso Beleza já poderá beneficiar dessa instrutiva leitura, batendo em sobriedade informativa o do caso Melancia.

aos militantes do PSD

Sigam escrupulosamente o conselho do secretário-geral do partido, e leiam «Todos Fazem Disparates». Falcão e Cunha recusa a utilização do caso Melancia como instrumento de guerrilha política contra Soares; Emily Perl Kingsley confronta-nos com a nossa dimensão humana. Aos amigos curiosos, pode-se sempre responder com a Bíblia: «Que atire a primeira pedra...

aos *papparazi*

Problemas de consciência para quê, se a televisão está dando estatuto decente à invasão da privacidade? Se insistem em entrevistar Arnaldo Matos contra a vontade deste, por que não violar a intimidade de José Eduardo Moniz que tão cioso se mostra dela? Vocês a arrostarem com o odioso da espreitice e a RTP a recuperar-vos para o sistema! As vitórias tardias são as mais saborosas. Deus não dorme!

À MARGEM

A palavra e a mão

Todos os sons que, dia a dia, vamos utilizando na fala entre uns e outros, constam da Gramática que os séculos foram elaborando. Mas uma coisa é falar e outra coisa é escrever - e daí, por consequência, essa disparidade que se detecta entre as duas formas do nosso entendimento: um som (a voz) e um desenho (a escrita). Assim díspares é que somos pares - e assim nos vamos de uma palavra (boca) a outra palavra (mão).

Talvez alguém esboce, face às palavras acima, um certo encolher de ombros, sinónimo da seguinte pergunta: O que se pretende dizer com tal enunciado...?

Obviamente se impõe uma explicação - explicação que, em termos breves, pura e simplesmente dirá respeito a uma situação difícil. A que no presente momento, por exemplo, estamos a viver, nós, redactores do "DL", a poucas horas de uma decisão que torne viáveis vida, feitura e circulação do jornal.

Muitas são as vozes - e grande é a tristeza que a todos nos toma. Somos, neste correr de horas, uma Gramática que se multiplica e desmultiplica em vocábulos, buscando esta e aquela solução, um caminho e outro caminho. Somos, a um tempo, um som dorido (a voz) e um desenho levemente tremido (a escrita).

Mas assim díspares é que somos pares - e é assim que nos vamos de uma palavra (boca) a outra palavra (mão). Suceda, porém, o que suceder (e oxalá não), o que sobremaneira se nos deve impor é que essa segunda palavra se torne plural (mão, mãos) e mutuamente se saiba estreitar num aperto apontado ao futuro, tal uma Gramática aberta em todas as formas possíveis do verbo ser.

Pedro Alvim

CRÓNICA

A língua bífida

Antigamente as coisas eram muito simples, um amigo era um amigo era um amigo, podia-se discutir mas não quebrava, falava-se de Tintin e vinha logo o capitão Haddock, de Sandokan e surgia Gastão, o português, Spirou só era completo com Fantasio, Sherlock Holmes não seria o mesmo sem o seu elementar e caro Watson.

Havia os bons e os maus e ninguém tinha paciência para os assim-assim, que eram aquela espécie sobre a qual ninguém, mas ninguém, perdia tempo a escrever livros ... com o apoio, aliás, de Deus Ele-mesmo, que, como é sabido, «abomina os mornos e os vomita de sua boca».

Os índios eram índios e os cow-boys eram cow-boys, e mesmo os melhores cow-boys tinham essa desvantagem em relação aos índios que era a da sua língua ser bífida como a da serpente, e qualquer índio sabia de antemão que era preciso precaver-se contra a língua bífida dos caras-pálidas, mesmo que com eles tivessem fumado o cachimbo da paz.

Depois o tempo foi passando e chegaram os matizes, se os bons não eram de facto assim tão bons por que não pensar que talvez os maus, afinal, também não fossem tão maus assim? E para quê reler os velhos livros, se o que estava na moda eram os relatórios e contas e as cotações da bolsa e todos pareciam tão felizes com essas leituras?

A isto chamava-se, foi-lhe dito, crescer. Os verdadeiros caras-pálidas têm a língua bífida, entendes?

Quando parecia quase, quase, a entender, bateu com a porta. Entrou na livraria mais próxima, e pediu a biografia de Sitting Bull.

Alguma vez os índios haviam de ganhar.

Diana Andringa

LOTARIA NACIONAL

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL

1.º Prémio
41 983
70 000 contos
2.º Prémio
68 423
10 000 contos
3.º Prémio
38 280
2 500 contos

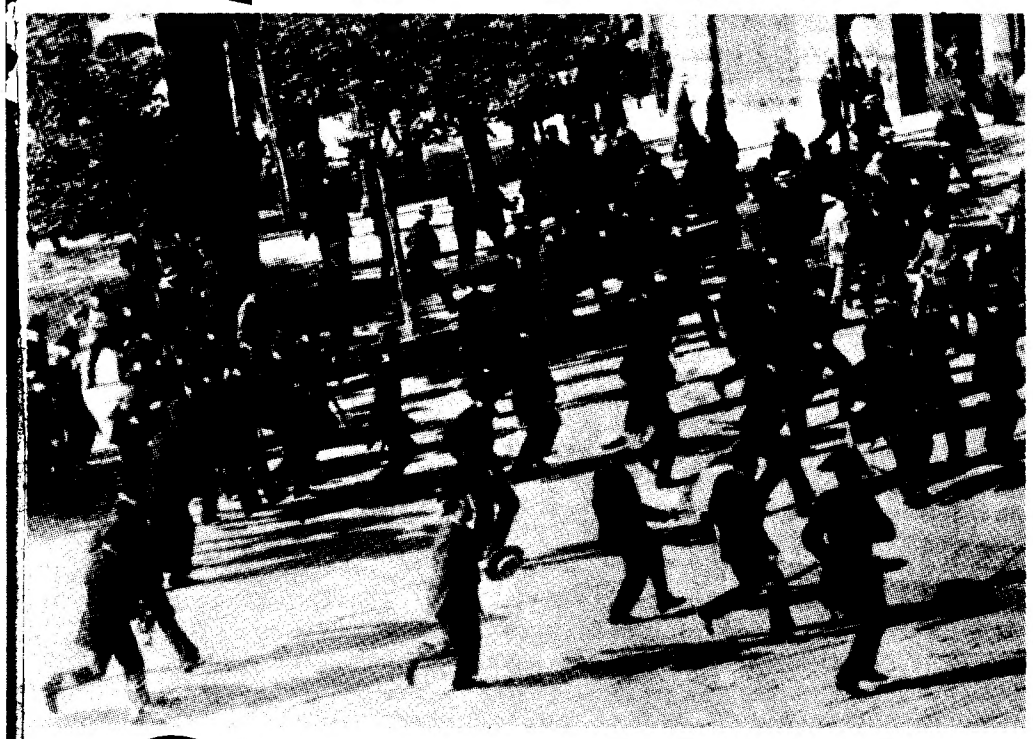
DOIS Prémios Grandes
2.º e 3.º
Vendidos hoje
aos BALCÕES da
CASA DA SORTE
LISBOA • BRAGA • PORTO • AVEIRO • VISEU • COIMBRA • SETÚBAL • FARO

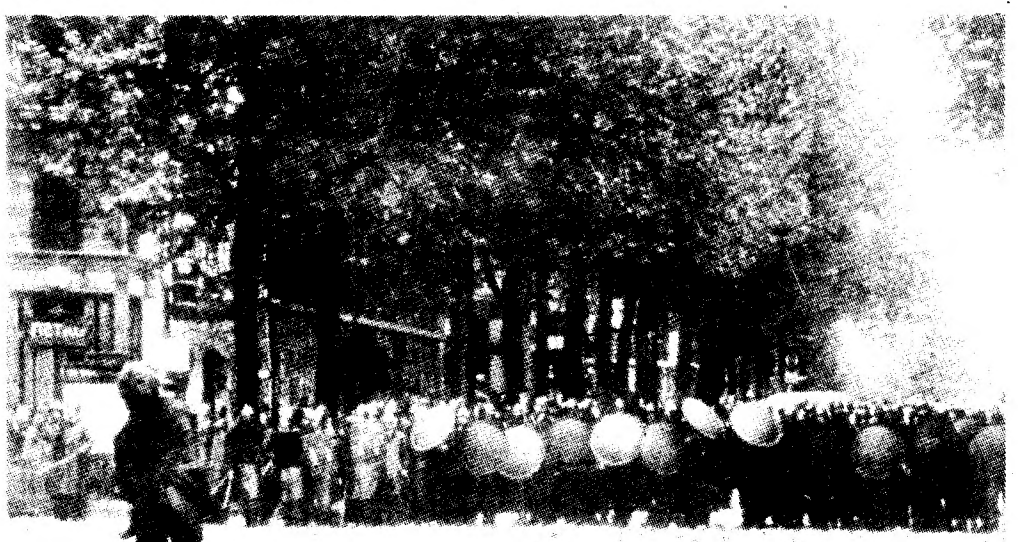
LOTARIA EUROPEIA
1.º Prémio Europeu + 1.º Prémio Nacional
840 000 CONTOS
Bilhete 11 000$00
Fracção 1 100$00
CASA VIOLA — A sorte que «Toca»
LISBOA • BRAGA • ESTORIL • VISEU • PORTIMÃO • SETÚBAL
Correio: para apartado 2561 1114 Lisboa Codex

SUPLEMENTO DAS SEXTAS-FEIRAS
DO DIÁRIO DE LISBOA
28 DE SETEMBRO DE 1990,
FAZ PARTE INTEGRANTE DO JORNAL
NÃO SE PODE VENDER
EM SEPARADO.

A MOSCA

PÚBLICA





OPINIÃO

Texto de
Ernesto Sampaio

O CIDADÃO ESPERA QUE NÃO LHE BAT

Dizem-nos que é possível viver sem sentido ou objectivo profundo, obedecendo a lógicas múltiplas e contraditórias, evitando os sentimentos e toda a espécie de vunerabilidade social. Basta estar obcecado pela «informação» e pela «expressão», pela histeria de «comunicar», de se exibir gratuitamente perante um público fantasmagórico, insubstancial, que contempla indiferente a gesticulação autista dos novos Narcisos sofisticados.

Reduzida a criatividade artística à mera repetição dos modelos modernistas do primeiro quartel deste século, dissolvidos os assomos de rebelião num decadentismo neopuritano ou num maneirismo, transformada a crítica em retórica e a transgressão em cerimónia, o apogeu do capitalismo egocêntrico traduz-se na indiferença relativamente ao bem comum, no cinismo hedonista, no pavor do futuro. É uma regressão generalizada e sem remédio, um processo de «personalização» a que novas lutas sociais e políticas que já se perfilam à escala mundial não deixarão de pôr um fim violento, perdida que está em toda a possibilidade de se criarem novos códigos de ruptura.

O mundo torna-se irreal, diluído, mal sonorizado como uma velha fita de Hollywood. Aqui, tudo se equivale, e a «esquerda» está para a direita como os parceiros de sexo nas trocas de casais de sábado à noite. A neutralidade pseudo-científica é agora o «nec plus ultra» dos iltelectuais-lulus que no regaço da grande burguesia ganem de volúpia a sonhar com uma sociedade sem conflitos, onde o mercado regule harmoniosamente a ordem colectiva e a vida social, espécie de capitalismo utópico que, através de «consensos», neutralize os choques de interesses e expulse definitivamente a política.

Uma sociedade sem conflitos só pode ser uma sociedade totalitária, e já não restam dúvidas de que a utopia capitalista abre caminho a uma implacável ditadura: a do mercado. O que está em jogo é o fim de um período do capitalismo ligado de certo modo à emergência de uma sociedade pluralista. A gigantesca redistribuição dos mercados mundiais a que hoje se entregam os colossos do capital financeiro, a concentração em poucas mãos de quantidades de dinheiro astronómicas, significam o dobre de finados do pluralismo sob todas as suas formas.

Entretanto, instituições e aparelhos ideológicos (privados ou do Estado) funcionam essencialmente como máquinas de embrutecer, o ensino é medíocre e não tem qualquer finalidade humanista, a cretinice é a norma dos programas de rádio e televisão, a imprensa pratica sistematicamente o electrochoque afectivo (dramatização de acontecimentos ínfimos para melhor ocultar os que são realmente importantes), o obscurantismo, son todas as suas formas, está na ordem do dia, os conceitos mais vis e reaccionários beneficiam de uma publicidade espaventosa, o poder monta dispositivos sofisticados para privar os cidadãos de quaisquer hipóteses de reflexão e acção.

Impotente perante este sistema (a que se submete cegamente), o cidadão nunca se interroga sobre o que pode fazer (tem, aliás, a sensação de que não pode fazer nada), limitando-se a pensar com inquietação no que lhe virá a acontecer. Viver atolado na merda até ao pescoço não o preocupa demasiado, quando outras ameaças mais concretas se perfilam no horizonte, como perder o emprego, por exemplo. Sem nenhuma influência no futuro da colectividade nem no seu destino próprio, o indivíduo vê-se reduzido a esperar que a sorte lhe sorria, isto é, que não lhe batam muito.

Tudo isto, é bem de ver, está ligado à perversão do papel político do cidadão, regra de ouro das sociedades do vasto império gringo, onde ninguém é solicitado para exprimir um projecto, manifestar uma opinião, mas apenas para meter, de tempos a tempos, papelinhos em urnas (corrijo: algumas pessoas também podem gozar do privilégio de ser **sondadas,** mas sempre sobre questões enunciadas sem o seu contributo).

Sepultado debaixo de um aluvião de mensagens contraditórias e incoerentes, não admira que o cidadão fique liru. Não deixa, aliás, de ser divertido ver tanta gente importante e solene debitando, com o mais sério deste mundo, mentirolas ridículas, frases sem sentido, subentendidos doidos, finezas e galanterias de elefante, obscuridades calculadas de couve galega. Trata-se também, é óbvio, de um problema cultural, já que o investimento prévio no domínio da cultura condiciona, como s

BOLETIM DE ASSINATURA

ASSINE O Diário de Lisboa

NÃO PERCA NENHUMA EDIÇÃO!

Pretendo assinar a partir do dia ___/___/___ Pelo período de

- ☐ 1 ANO — 18 000$00
- ☐ 6 MESES — 9 000$00
- ☐ 3 MESES — 4 500$00
- ☐ 1 MÊS — 1 500$00

Nome _____

Morada _____

Código Postal _____

Junto envio ☐ cheque ☐ vale do correio

• Números atrasados: 70$00 cada • Mudança de endereço: 150$00 • Por períodos mínimos de 6 meses poderá também assinar o «Diário de Lisboa» uma vez por semana, embora sempre a edição do mesmo dia da semana, sendo, para esse período, o preço de 1 850$00 • **Informação ao assinante:** os preços acima indicados levam em conta que o jornal beneficia do porte pago postal no território nacinal até 100 gramas, pelo que os encargos postais ali incluídos são apenas os do excesso de peso que todos os dias existe. Se por algum motivo este benefício for retirado, aqueles preços terão de ser imediatamente alterados em conformidade

Enviar para: DIÁRIO DE LISBOA — Assinaturas
Rua Luz Soriano, 44 — 1200 LISBOA

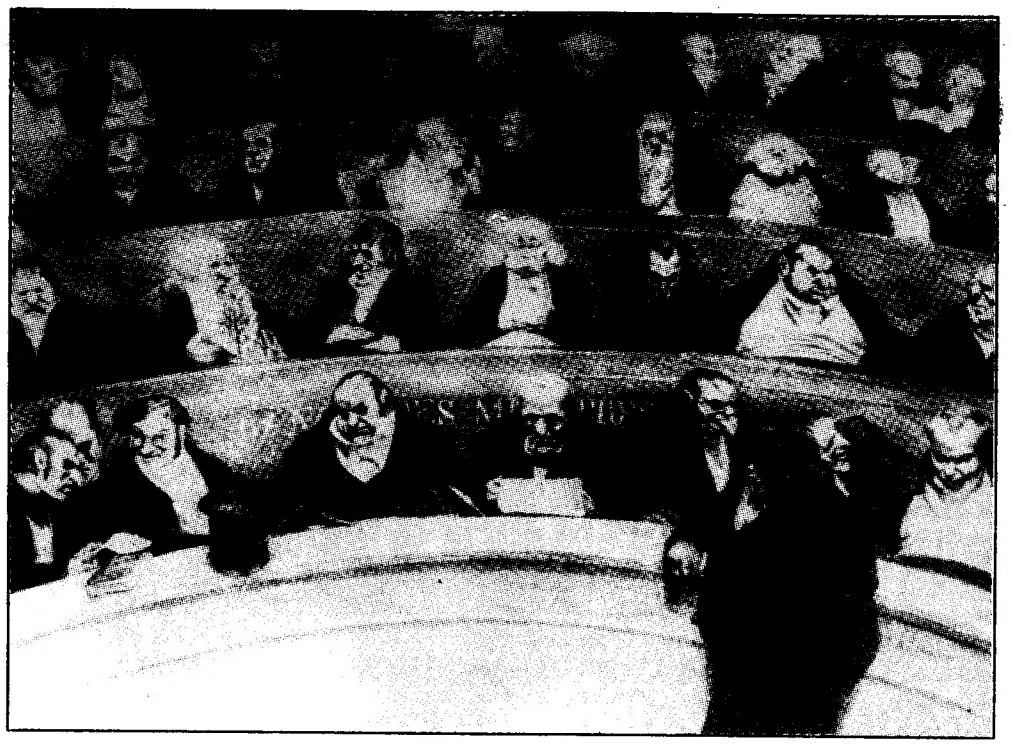
...ATAM MUITO

...festar um... ...r, de te... ...umas (com... ...dem goza... ...as sempre... ...em o s...

...aluvião ... ...coerentes... ...e liru. N... ...anta ge... ...com o... ...blas ridí... ...endidos ... ...e elefan... ...ve galega... ...n problem... ...prévio n... ..., como s...

...sabe, o êxito na ordem política. O objectivo é utilizar a vulnerabilidade crescente da opinião pública a mensagens tanto mais eficazes e facilmente assimiláveis quanto menos claras.

A cultura, na verdade, não é para o infeliz cidadão liru: súmula dos privilégios dos privilegiados, está reservada a uma minoria selecta de conhecedores, assim se condenando à decadência e ao formalismo. Como dizia Walter Benjamin, esta cultura tem o seu futuro ligado ao destino da classe dominante e está protegida por todos os lados através do monopólio da educação. É uma cultura maluca: prega a iniciativa privada aos desempregados e promete torná-los a todos empresários (em troca, bem entendido, de algumas pequenas contrapartidas).



Texto de
Roby Amorim

OPINIÃO QUAL OPINIÃO

Em termos não tão claros como a nossa moderna expressão, já Platão, Aristóteles, Maquiavel, Locke, Montesquieu ou Rousseau se tinham referido, com mais ou menos perspicácia a um conceito de opinião pública.

No entanto será preciso esperar pelo século XIX para encontrar uma definição, embora relativamente insuficiente. Em 1898, A.V. Dicey, um professor de Direito na Universidade de Harvard, proferiu uma série de conferências sobre a influência de opinião pública na legislação britânica do seu século.

Concluía: «Existe, num dado momento um conjunto de crenças, convicções, sentimentos, princípios aceites oupreconceitos firmemente estabelecidos, que, no seu conjunto, representam a opinião pública de uma dada era, ou o que poderemos chamar de o império de uma corrente e predominante opinião ... (que) determina, directa ou indirectamente, o curso da legislação.

As relações entre a opinião pública e o governo foram retomadas, em 1909, pelo especialista político norte-americano A. Lawrence Lowell, analisando a natureza da opinião pública, a função dos partidos políticos, os métodos de expressão da opinião pública e os de a pressionar. Com algumas dúvidas pelo meio.

Escrevia: « A opinião pública para fazer honra ao seu nome, para ser a autêntica força motivadora numa democracia, terá que ser realmente pública; e um governo popular tem que ter como base a certeza de uma opinião pública deste tipo. Para que seja pública, uma maioria não é suficiente e não deve exigir-se-lhe a unanimidade, mas a opinião deve ser de tal forma que, embora a minoria a não compartilhe, se lhe sinta ligada não pelo medo, mas pela convicção; e, se a democracia fôr autêntica, a submissão da minoria terá que ser incondicional».

Alguns anos mais tarde, em 1921, o historiador britânico James Bryce encontraria uma definição ainda mais carregada de dúvidas:

«(A opinião pública) conjuga os vários pontos de vista do homem em relação a assuntos que dizem respeito aos interesses da comunidade. Desta maneira, é um congregado de todo o género de ideias discrepantes, crenças, esperanças, preconceitos, aspirações. É confusa, incoerente, amorfa, mudando de dia para dia, de semana para semana».

À margem, anotaria a sua preocupação sobre o poder potencial da opinião pública, salientando a apatia política da maioria da população, contrastando com pequenos e activos grupos que realmente conseguem influenciar a opinião pública.

Nada disto passava de opiniões pessoais, mais ou menos inteligentes, mais ou menos brilhantes. Porém, em 1937, o psicólogo Floyd Allport construiu uma série de oito permissas totalmente destruidoras dos conceitos até então existentes. Para ele seriam autênticas ficções (1) a personificação da opinião pública por metáforas tais como «a consciência pública» ou «a voz da opinião pública»; a personificação (2) de uma coisa chamada «público»; a perfeita falsidade (3) de frases como «o público quer isto ou aquilo»; a falsidade (4) da inclusão do termo «público» em referência apenas a um certo grupo de indivíduos com interesses comuns; a ficção (5) da existência de entidades que possam representar a opinião pública; a crescente ideia (6) de que a opinião pública se forma em debates de grupo; a também crescente sugestão (7) de que a opinião pública é superior à opinião privada; e a presunção jornalística (8) de que uma opinião expressa nas suas colunas represente a opinião pública.

A partir daqui, vem a sua definição:

«O termo opinião pública refere-se a uma situação multi-individual na qual os indivíduos se exprimem, ou se lhes pede que se exprimam, em aceitação ou apoio (ou repulsa) de certa situação, pessoas ou propostas de importância generalizada, em tal número, intensidade e constância de maneira a afectar, directa ou indirectamente, o objectivo em causa».

E é quase tudo que se poderia dizer. Afinal, qual é a sua opinião?

Texto de
Pedro Alvim

A MORTE DE CÉSAR

- Mataram o**Tipo**, sabes...?

- Mataram o **Tipo**!

- Quem...?

- Um outro tipo que se pensa puro e justo - e talvez o seja!

- Mas agora, patrício, como resolver o problema da sucessão...?

- Vou ao Senado falar imediatamente com Marco Paulo António. Marco Paulo António é quem nos poderá salvar...

- Então vai!

- Antes, porém, assistamos ao discurso do tipo que matou o **Tipo**. Ele vai falar às massas, tentando justificar-se, e apelando à manutenção da ordem... Vem daí!

- Vamos!

Do alto das escadarias de mármore, seguro do seu acto, o tipo que tinha apunhalado o **Tipo**, olhando a multidão, irada e enorme, assim falou:

- Abc! Defghi... Jlmnop? Qrstuvxz!

A multidão explodiu em aplausos, apoiando a morte do **Tipo**, e pedindo ao tipo que tinha morto o **Tipo** que tomasse o poder.

- Mau!

- Espera, que Marco Paulo António também irá falar às massas! Ele fará o elogio do **Tipo** morto pelo tipo que ora mesmo acabou de falar... Ouçamo-lo!

Marco Paulo António, com o cadáver do **Tipo** aos pés, assim falou:

- Zx, Vu, Tsr! Q pon Mlj! Ih Fed cba!

- Mas isto são as letras ao contrário. Se o tipo que matou o **Tipo** começou por dizer «Abc!», Marco Paulo António termina o elogio por «cba!»... Que coisa estranha! E parece que a multidão o acompanha, o está a seguir, o apoia incondicionalmente...

- Claro que sim, patrício! Bastou mudar a ordem das letras... Se o tipo que matou o **Tipo** começou por «Abc», Marco Paulo António terminou por «cba» - e tudo mudou num repente!

- E agora...?

- Agora esperemos, num futuro próximo, por outro discurso com as letras todas trocadas! As massas compreendê-lo-ão em todo o seu significado - e assim será até à consumação dos séculos!

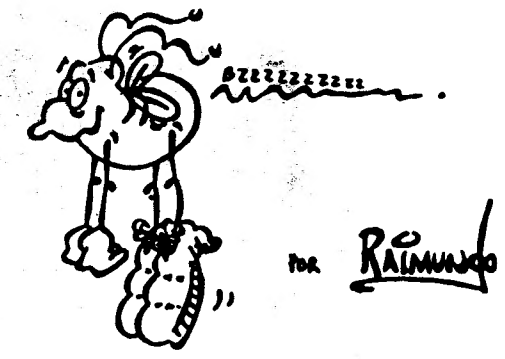
- Estás certo disso...?

- Oh, sim! Isto é (e a fim de estarmos de acordo com o novo discurso), «Oh, sim!» não, mas, com todas as letras, e às avessas, **«Mis, ho!»**!

- Sim, patrício! **Mis, ho** - e lá vamos contando e rindo!

«Eu tenho dois amores, mas as massas têm muito mais...»

A MOSCA



P'RO GOLFO E EM FORÇA !

JÁ !

Bzzzzzzz

OS AMERICANOS QUE PAGUEM A CRISE !

Bzzzzzz

OS ÁRABES PARA O CAMPO PEQUENO !

Bzzzzzzz

NÓS SOMOS DA CEE E DA NATO ! TEMOS RESPONSABILIDADES !

Bzzzz

GOLFO ? QUERO LÁ SABER ! COM CRISE OU SEM CRISE, OS PREÇOS AUMENTAM SEMPRE !

GOLFO... PFFF !

Bzzzzzzz

EU NÃO TENHO NADA COM O GOLFO. GOSTO MAIS DE FUTEBOL !

Bzzzzzzz

...MAS A OPINIÃO PÚBLICA...

Bzzzz Bzzzz

QUAL OPINIÃO PÚBLICA ? A DO GOVERNO OU A DA OPOSIÇÃO ?

Bzzzzzz